

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Claudia Belardinelli da Rosa

**EDUCAÇÃO INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
Memórias e práticas**

São Leopoldo

2007

B514e Belardinelli, Claudia
Educação infantil e contação de histórias : memórias e práticas / Claudia Belardinelli. - São Leopoldo - 2007.
125 f. ; 30 cm.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
Programa de Pós-Graduação em Educação, 2007.

Orientação: Beatriz T. Daudt Fischer.

1. Educação infantil. 2. Educação - Crianças. 3. Contação de histórias.
4. Leitura. 5. Literatura infantil. 6. Crianças – Leitura. I. Título.

CDU : 373.2

Índice para o catálogo sistemático:

1.	Educação infantil	373.2
2.	Educação – Crianças	37-053.2
3.	Contação de histórias	808.543
4.	Leitura	028
5.	Literatura infantil	82-93
6.	Crianças – Leitura	028.5

Catálogo na fonte elaborada pela bibliotecária
Michele Marques Baptista – CRB 10/1633

Claudia Belardinelli da Rosa

**EDUCAÇÃO INFANTIL E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS:
Memórias e práticas**

Dissertação apresentada a Universidade do Vale do Rio dos Sinos como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Beatriz T. Daudt Fischer

São Leopoldo

2007

FOLHA DE APROVAÇÃO

Claudia Belardinelli da Rosa

Educação Infantil e Contação de Histórias: Memórias e Práticas

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação, Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Aprovada em 10 de julho de 2007.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Beatriz Terezinha Daudt Fischer
Orientadora – UNISINOS

Prof^a. Dr^a. Marly Therezinha Mallmann
UNISINOS

Prof^a. Dra^a. Leni Vieira Dornelles
UFRGS

Aos contadores das estórias

O mundo das crianças não é tão risonho quanto se pensa. Há medos confusos, difusos, as experiências das perdas, bichos, coisas, pessoas que vão e voltam... O escuro da noite: o mundo inteiro se ausentou. Voltará?

Os grandes não gostam disto e inventam estórias de meninos e meninas que eram só risos. Talvez para convencerem a si mesmos de que sua própria infância foi gostosa...

Escrevi as estórias da Coleção Estórias Para Pequenos e Grandes em torno de temas dolorosos que me foram dados por crianças. Não é possível fazer de conta que eles não existem. Os maus espíritos, a gente os espanta chamando-os pelo seu nome real... O objetivo da estória é dizer o nome, dar às crianças símbolos que lhes permitam falar sobre seus medos. E é sempre mais fácil falar sobre si mesmo fazendo de conta que se está falando sobre flores, sapos, elefantes, patos...

Há estórias que podem ser escutadas em disquinhos ou simplesmente lidas sozinhas... São as estórias engraçadas. Outras devem ser contadas por alguém.

Quando se anda pelo escuro do medo, é sempre importante saber que há alguém amigo por perto. Alguém está contando a estória. Não estou sozinho... Nem o livro que se lê e nem o disquinho que se ouve têm o poder de espantar o medo.

É preciso que se ouça a voz de um outro que diz:

- Estou aqui, meu filho...

Rubem Alves

RESUMO

A prática de contação de histórias é considerada uma das atividades fundamentais para o desenvolvimento da criança. Nesta perspectiva, sem sombra de dúvidas, é muito significativo o papel da professora enquanto “contadora da história”, em especial na fase de Educação infantil. Esta dissertação trata do tema, a partir de pesquisa que buscou responder as seguintes questões: que motivos levam à prática de contação de histórias pelas professoras de Educação Infantil? Suas memórias ajudariam no argumento a favor de tal prática? A contação de histórias estaria adquirindo significado nos cursos de formação de professores? Para tal, ouviu um grupo de professoras que, relembando seus tempos de infância, trazem à tona memórias sobre histórias que ouviram, sobre quem as contava e como contava. Descrevem também suas práticas pedagógicas atuais relacionadas à contação de histórias. A investigação valeu-se de narrativas a partir da história oral, bem como da análise de questionários aplicados junto a escolas de formação para o magistério. Entre as conclusões, cabe destacar: na infância professoras ouviram histórias e essa foi uma experiência positiva que ficou guardada na lembrança; professoras acreditam que contar histórias auxilia no desenvolvimento integral das crianças, mas acreditam também que tal prática ajuda no desenvolvimento de conteúdos e formação moral; proposta pedagógica que inclui contação de histórias favorece tal prática; cursos de formação de professoras valorizam contação de histórias, porém articuladas à dimensão de conteúdo (inter)disciplinar. Ao encerrar, ficam novas questões para futuras pesquisas: por que professoras se desfazem da secular prática do controle e regramento, até mesmo ao contar histórias? Seria porque professoras e supervisoras estão formadas (e formatadas) para garantir o poder disciplinar?

Palavras-chave: contação de histórias, educação infantil, memória, prática, professoras.

ABSTRACT

Storytelling is considered an essential activity for children's development. From this perspective, doubtless, the teacher's role as "storyteller" is very significant, especially during the first years of education. This dissertation examine the subject from a research that presented the following questions: What is the purpose of storytelling by primary education teachers? Would your own memories help for such practice? Is story telling getting more meaningful in teacher formation courses? For this reason, a group of teachers was interviewed and they recalled their childhood, bringing back memories from stories they heard, about who told those stories and how they were told. They also described their actual pedagogic practices related to storytelling. The study analyzed narratives of spoken accounts as well as questionnaires applied in teacher training schools. Among the conclusions were: during their childhood teachers listened to stories, which was a positive experience they kept in their memory; teachers believe that storytelling can help with the development of children, but they also believe that such practice can help develop ideas and moral formation; a pedagogic proposal that includes storytelling benefits that practice; teacher training courses value storytelling, however, articulated towards the extent of (inter)disciplinary subject. Finally, new questions remain for future research: Why cannot teachers get rid of the secular practice of control and ruling, even when they are telling stories? Would that be, because teachers are trained (or "shaped") to guarantee the disciplinary power?

Keywords: Storytelling, children education, memory, practice, teachers.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	09
1.1 COMO CHEGUEI AO TEMA	09
2 ESBOÇANDO O OBJETO DE PESQUISA	12
3 BUSCANDO COMPREENDER O TEMA	15
4 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE ALGUNS CONTOS INFANTIS	20
5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL	30
6 ASSOCIANDO LEITURA E CIDADANIA	32
7 QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS	35
8 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
9 HISTÓRIAS DE QUEM CONTA HISTÓRIAS	49
10 UMA ESCOLA ONDE CONTAR HISTÓRIAS É COISA SÉRIA	90
11 A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CURSOS DE MAGISTÉRIO	95
12 CONCLUSÃO	98
REFERÊNCIAS	104
ANEXOS	107

1 INTRODUÇÃO

1.1 COMO CHEGUEI AO TEMA

Início este trabalho falando um pouco acerca de minha própria trajetória porque foi o modo que encontrei para explicitar como cheguei a este tema de estudo. Para tal gostaria, antes de qualquer coisa, de me reportar a minha infância, recordando alguns momentos significativos dos quais nunca esqueci. Momentos estes que hoje, refletindo, levam-me a concluir que muito contribuíram na decisão posterior de seguir a carreira do Magistério.

Quando era criança freqüentei uma escola maternal que já trazia no nome uma dimensão de encanto e fascinação. Chamava-se Tapete Mágico. Lembro que gostava muito de ir à escola, recordo do quanto brincava, pintava e ouvia histórias. Adorava ouvir a história da Cinderela, gostava de rolar, de virar cambalhotas nos colchões que ficavam espalhados pelo chão.

Dentre os momentos vividos por mim na infância, um deles me vem à memória como o mais significativo. Foi mais tarde, quando tinha entre oito e nove anos de idade: lembro-me de ter um enorme quadro-negro, giz e apagador. Eu era a professora e minhas bonecas e ursos eram os meus alunos. Passava bons momentos brincando de escolinha. Adorava “ser professora”. Revivia, ali, certamente, os momentos vividos na sala de aula. Estaria naquela época germinando um desejo, que mais tarde veio a se efetivar com minha opção pelo magistério (embora num primeiro momento tivesse pensado em cursar medicina). Na medida em que fui me inserindo nas experiências curriculares do curso então escolhido – Pedagogia – descobri que havia feito a escolha certa. Era isso que eu queria: ser professora, dar aulas.

Gostava muito de ler e trocar idéias com os professores e colegas. Sentia que as idéias discutidas, as alternativas docentes, as metodologias, os conteúdos e, principalmente, as aprendizagens de como fazer para que o aluno tivesse o encanto em aprender, tudo isso mexia muito comigo. Ser professora era muito mais do que uma opção profissional, também uma realização pessoal. Mesmo assim, quis

experienciar um novo desafio, cursando Direito. E assim, além de ter aproveitado o curso de Bacharel em Direito no âmbito dos conhecimentos gerais, também pude exercê-lo, mesmo que brevemente, quando trabalhei no setor jurídico da 4ª Coordenadoria de Educação. Experiência que considerei importante não só para a ampliação da visão sobre processos envolvendo práticas e políticas educacionais, mas também para a minha formação pessoal.

Houve um momento em minha trajetória que decidi fazer o curso de preparação de professores em Educação Infantil, ministrado pela Organização Mundial para Educação Pré-Escolar (OMEP). Nesse período, atuava com crianças em idade de oito a nove anos e me entusiasmei com a possibilidade de trabalhar com crianças menores. Concluído este curso de Preparação de Professores, passei a atuar como professora de Educação Infantil.

Desde então, sinto um enorme prazer em trabalhar com crianças desta faixa etária. Ao mesmo tempo, percebo o nível de exigência e responsabilidade, não só por ser o período que dá início ao processo de socialização da criança fora do ambiente familiar, mas também por ser uma fase fundamental no desenvolvimento cognitivo e emocional dos pequenos. Sem dúvida, o ambiente da Educação Infantil precisa ser alegre, sadio, cheio de vida, com ênfase em desafios, ludicidade e encantamento – o que exige da profissional competência técnica e muita sensibilidade.

Com a experiência, fui constatando que o vínculo afetivo entre ensinante e aprendente é fundamental, tanto ou mais do que compreender os processos de aprendizagem. Além disso, a partir do que tenho estudado, passei a ter um olhar diferente para com as minhas crianças e até para com a minha própria vida. Quanto mais leio e reflito, mais aumenta minha convicção de que quanto menor a criança, maior deve ser a fundamentação teórica que sustenta as práticas pedagógicas que lhes propomos.

Desde a minha infância sempre ouvi muitas histórias. Em minha memória guardo títulos e imagens até hoje. Como era gostoso ouvir as histórias e olhar as figuras que abriam as portas da imaginação, que permitiam sonhar, que davam

fôlego aos sentimentos e que afluam a esperança de uma vida melhor, repleta de realizações! Coisas de criança. Coisas de família, coisas de escola. Enfim, coisas da vida!

Mas apaixonei-me de fato pela contação de histórias durante aquele curso que referi anteriormente: Curso de Preparação de Professores em Educação Infantil. Pude entender o quanto era fundamental para as crianças ouvir histórias. A partir daí fui descobrindo aos poucos os aspectos que davam a essa prática tamanha importância. E, então, passei a estudá-la, pois estava realmente envolvida e interessada no assunto.

Conforme fui lendo e estudando, percebi que contar histórias permite a criança ressignificar suas vivências. Muito mais do que isso, suscita o imaginário e com ele a possibilidade de elaborar e acomodar sentimentos que fazem parte das experiências vividas. De certa forma, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, é encontrar outras idéias para solucionar as questões que surgem em seu cotidiano.

Foi pensando assim, e acreditando na importância da Educação Infantil, que senti necessidade de aprofundar os meus estudos em nível de mestrado, optando por dedicar especial atenção à prática de contação de histórias.

2 ESBOÇANDO O OBJETO DE PESQUISA

Abramovich (2003, p.17) afirma que ler histórias é suscitar o imaginário. É a possibilidade de descobrir o mundo imenso de conflitos e impasses que vivemos e, também, das soluções que buscamos - de um jeito ou de outro - através dos problemas que vão sendo enfrentados (ou não), resolvidos (ou não), ou acomodados pelas personagens de cada história (cada uma a seu modo). É, a cada vez, ir se identificando com outra personagem - cada qual no momento que corresponde àquele que está sendo vivido pela criança – e, assim, esclarecer melhor as próprias dificuldades ou encontrar um caminho para a resolução delas.

Refletindo sobre o tema, fui me encantando pela prática de contar histórias infantis. Entendi que elas abordam temas que pouco ou quase nada se distanciam da realidade dos pequenos (nem da nossa igualmente). Realidade dura muitas vezes vivenciada e enfrentada pelas crianças no seu cotidiano. Os temas em geral são: o medo, o abandono, a insegurança, a separação, a morte, rivalidades e, também, o amor. O conto infantil permite a criança interagir e imaginar e, imaginando, a criança pode brincar com esses temas de difícil aceitação próprios de sua realidade, que precisam ser acomodados e ressignificados para poder viver melhor.

Como muito bem afirma Gutfreind (2004, p.25),

Os contos têm importância capital para a vida psíquica das crianças, pois imaginando a criança pode brincar com temas próprios de sua realidade psíquica, por vezes difícil, como o amor, o medo, a rivalidade fraterna, a separação e o abandono.

“Era uma vez” é uma expressão usada para dar início a um processo, possibilitando a entrada no mundo da imaginação, abrindo portas para o mundo imaginário. Quando ouvimos essa expressão, já imediatamente nos colocamos a postos para ouvir uma história.

Coelho (2004, p.52) diz que o:

Era uma vez levanta a cortina de um mundo novo que, se escapa à realidade imediata, suscita em troca uma realidade simbólica, dotada de uma intensidade tal que as reações que nela se dão podem tomar um matiz às vezes fascinante.

Bettelheim (2003, p.78) afirma que as expressões:

"Era uma vez", "Num certo país", "Há mil anos atrás", "Numa época em que os animais falavam", "Era uma vez, num velho castelo no meio da floresta densa e grande", são inícios que sugerem que o que se segue não pertence ao aqui e agora que nós conhecemos. Esta indefinição deliberada do início dos contos simboliza que estamos deixando o mundo concreto da realidade comum.

Para ele isso é o que, provavelmente, leva a criança entrar no mundo da imaginação.

Outro fator importante, também, é a presença da metáfora que é a representação dos personagens que ora é um gigante, ora um patinho, ora uma bruxa, ora porquinhos, ora um lobo ou um gato e tantos outros. O fato de serem personagens representados através da metáfora não impede que haja a possibilidade de interação e de identificação entre o leitor/ouvinte com o personagem. É o que nos diz mais uma vez o escritor e psiquiatra Gutfreind (2004, p.26), que a metáfora guarda essa dupla capacidade: por um lado, é capaz de apresentar nossos dramas e conflitos principais. O símbolo é duríssimo e dá vida para nosso material mais arcaico ou sem nome, ou ainda, para nossos medos primordiais. Por outro lado, a metáfora é feita do simbólico e estético, portanto, indireto. E protege a criança em sua viagem de projeção na intriga e nas personagens, garantindo certa tranqüilidade nos processos de identificação. Ela diz tudo sem nada ameaçar.

Há mais de duas décadas Bruno Bettelheim nos alertava em seu livro *A Psicanálise dos Contos Infantis* (1980), sobre as enormes possibilidades de apreensão e reelaboração do universo infantil por meio da simbologia dos contos de fadas. Segundo ele, todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos através da fantasia, coerente com a forma do pensamento infantil.

Contar histórias não é simplesmente “contar por contar”, envolve o conhecimento de muitos aspectos por parte de quem se propõe a desenvolver tal prática no cotidiano pedagógico. Aspectos como, por exemplo, a questão terapêutica: o valor do conto infantil, temas abordados, personagens, o afeto, os recursos utilizados: cumplicidade do olhar, ritmo, gestos, bem como que atividades podem ser desenvolvidas: brincar, dramatizar, desenhar.

Estas reflexões iniciais motivaram-me a seguir em frente, buscando mais leituras acerca do tema. Passei a fazer apontamentos, registrando concepções que faziam sentido a partir de minhas inquietações iniciais. É sob esta perspectiva que, a seguir, desdubro algumas idéias que fui elaborando.

3 BUSCANDO COMPREENDER O TEMA

O que passou, passou.

Wanda Gág

Esta é uma história muito antiga, que minha avó me contava, quando eu era pequenina. Quem lhe contou foi seu avô, que, por sua vez, a escutara de sua mãe, quando pequeno. Onde ela ouvira, não sei. Vou contá-la como minha avó costumava fazê-lo. Chama-se “O que passou, passou”. É a história do homem que desejava fazer...

Todos, de um modo geral, temos necessidade de contar aquilo que vivenciamos, sentimos, pensamos, sonhamos. Dessa necessidade humana surgiu a literatura, isto é, do desejo de ouvir e contar para, através desta prática, compartilhar.

Parece importante dizer, também, que: “A história de uma pessoa pode ser rica em aventuras, reflexões, frustrações ou mesmo pode ser insignificante, mas sempre será uma trama, da qual parcialmente escrevemos o roteiro” (LICHTENSTEIN, CORSO e CORSO, 2006, p.21).

Contadas em verso, prosa ou em forma de conto, as histórias permitiram que a humanidade passasse, de geração a geração, sua história – seus feitos, suas decepções, seus amores, seus sonhos, seus temores, suas esperanças.

Pode-se, então, dizer que o conto infantil surgiu do ato de ouvir histórias que as pessoas contavam umas às outras. Diante disso, como posso falar em contar histórias sem falar no conto ou, especificamente, sobre o conto infantil? Sobre ele já se fazer referência em 1604. Áries, em seu livro História Social da Criança e da Família (1981, p.85), diz: “Nessa época, o Delfim começa a aprender a ler. Aos três anos e cinco meses, ele gosta de um livro com as figuras da Bíblia: sua ama lhe nomeia as letras e ele as conhece todas”. Na história da humanidade o conto começou cedo, assim como também começa na história de cada um de nós: “a paixão pela fantasia começa muito cedo, não existe infância sem ela, e a fantasia se alimenta da ficção, portanto não existe infância sem ficção” (LICHTENSTEIN, CORSO e CORSO 2006, p.21).

Voltando à pesquisa de Áries (1981, p.85), nela encontramos algumas referências significativas em relação à presença desta prática:

Ele mandou que sua ama lhe contasse as histórias da comadre Raposa e do Mau Rico e Lázaro. Deitado na cama contavam-lhe as histórias de Melusina. Eu lhe disse que eram fábulas, e não histórias reais.

Nesse tempo as crianças não eram as únicas que ouviam histórias, mas os adultos também. Ouviam os contos de Melusina que eram contos de fadas. Havia também pessoas com a função de contar histórias, os contadores profissionais que contavam para entreter.

Com a intenção de referendar o dito acima, encontramos em Lichtenstein, Corso e Corso (2006, p.24), um parágrafo que nos diz o seguinte:

É interessante que esses contos, os contos de fadas, tenham sido relegados à infância, já que na sua origem não serviam a uma parcela restrita de pessoas; eles nasceram para todos. Durante séculos, faziam parte de momentos coletivos, em que um bom contador de histórias emocionava sua platéia, incluindo gente de todas as idades.

O tempo passou e alguns fatos permaneceram vivos como o ouvir histórias e ver as figuras dos livros. Hoje, sabemos que o primeiro contato da criança com as histórias infantis ocorre através do manuseio do livro e da escuta. Escuta essa que se efetiva por meio de quem conta a história, a qual pode também já ter feito parte do seu passado.

É importante, também, comentar diante do que já foi colocado até agora, que a criança, quando pequena, por volta de seus seis anos de idade, e de posse de um livro, costuma folhear as suas páginas e observar suas gravuras. Toma esta atitude porque certamente tem curiosidade. O fato de folhear as páginas, observar as gravuras, falar sobre elas e questionar as imagens que ali estão é também uma forma de ler. A criança nessa idade ainda não domina o código escrito, mas já tem contato com ele, pois os símbolos estão por tudo: nos livros, nas ruas. Nessa fase, a criança ouve histórias com muito interesse.

As situações de interação, contato e manuseio de diferentes materiais escritos são importantes para a aprendizagem da leitura e da escrita. Mas será ainda mais enriquecedor se este manuseio e contato for com histórias infantis, pois os desenhos maravilhosos e os enredos instigantes que se encontram explícitos nos livros são como uma chamada, um convite que fascina a criança, proporcionando-lhe imenso prazer e interesse. Nesse sentido, vale trazer as palavras de Abramovich (2003) quando diz: "como é importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas, muitas histórias... Escutá-las é o início da aprendizagem para ser um leitor, e ser leitor é ter um caminho absolutamente infinito de descoberta e de compreensão do mundo" (p.16). Na devida proporção, tais idéias articulam-se ao pensamento de Paulo Freire, o qual farei alusão mais adiante neste trabalho.

Retomando a questão do imaginário, Bettelheim (2003), a partir de um estudo sobre os contos de fadas, afirma que a obra infantil é aquela que diverte a criança, oferecendo esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade, uma vez que, conforme já aludido anteriormente, todos os conflitos humanos ali circulam e são resolvidos através da fantasia, coerente com a forma do pensamento infantil.

O mesmo diz Coelho (2004, p.12):

(...) a história é importante alimento da imaginação. Permite a auto-identificação, favorecendo a aceitação de situações desagradáveis, ajuda a resolver conflitos, acenando com esperança. Agrada a todos, de modo geral, sem distinção de idade, de classe social, de circunstâncias de vida.

Portanto, ao ouvirmos uma história temos a possibilidade de refletir sobre a vida, sobre a morte, sobre as nossas atitudes e escolhas, pois elas nos falam de dor, luta, compreensão, compaixão, solidariedade, esperança e vitória. Elas proporcionam um grande prazer, sendo uma necessidade do ser humano, seja ele adulto ou criança.

Além do mais, freqüentar as histórias imaginadas por outros, seja escutando, lendo, assistindo a filmes ou televisão ou ainda indo ao teatro, ajuda a pensar a nossa existência sob pontos de vista diferentes. Habitar essas vidas de fantasia é

uma forma de refletir sobre destinos possíveis e comparar com o nosso. Às vezes, uma história ilustra temores de que padecemos, outras, encarna ideais ou desejos que nutrimos, em certas ocasiões ilumina cantos obscuros do nosso ser. O certo é que escolhemos aqueles enredos que nos falam de perto, mas não necessariamente de forma direta.

Por mais que possa às vezes haver resistência por parte dos adultos, os contos infantis tratam de temas que fazem parte não só do universo das crianças, mas deles também. Nesse sentido, é importante trazer à tona as palavras de Abramovich (2003, p.17):

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar. Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos da imaginação!

É importante, também, dizer que o imaginário das histórias infantis certamente está nos personagens que estão representados de maneira metafórica, como a bruxa, o lobo, os porquinhos, o gato, o patinho, o gigante. Entrar no mundo da fantasia significa vivenciar temas reais que estão acontecendo com personagens representados metaforicamente. O fato de serem personagens representados através da metáfora não impede que haja a possibilidade de interação e de identificação entre o leitor/ouvinte com o personagem ou com o tema abordado.

Gutfreind, em seu livro *O Terapeuta e o Lobo* (2003), afirma com propriedade:

A metáfora guarda essa dupla capacidade; por um lado, é capaz de apresentar nossos dramas e conflitos principais. O símbolo é duríssimo e dá vida para nosso material mais arcaico ou sem nome, ou ainda, ou sem ainda, para nossos medos primordiais. E protege a criança em sua viagem de projeção na intriga e nas personagens, garantindo certa tranquilidade nos processos de identificação. Ela diz tudo sem nada ameaçar.

Mais uma vez é Bettelheim (2003) quem contribui, alertando sobre as enormes possibilidades de apreensão e reelaboração do universo infantil por meio da simbologia dos contos de fadas. Relacionado a seu caráter simbólico, o conto

pode ser utilizado conforme a necessidade de cada criança, ou melhor, cada criança vai aproveitá-lo de acordo com o seu momento vivido.

Sem deixar de apresentar uma temática humana complexa, os contos possuem uma forma e uma estrutura tão simples que a criança consegue não só acompanhar o enredo, mas também viver a história junto com as personagens:

Os contos de fadas colocam o ingrediente da fantasia em uma certa estrutura narrativa, esse expediente auxilia o pequeno leitor a organizar suas percepções e a vivenciar e resolver emoções que lhe parecem complexas e de difícil compreensão (AGUIAR, 2001, p.79).

Diante de toda a importância dada ao conto infantil para a vida da criança não poderia deixar de falar sobre suas contribuições para o desenvolvimento cognitivo. Ou seja, o conto, através de seus temas, e a prática de contação de histórias, através dos contadores, leva a reflexões estimulando, assim, o pensamento. O conto contribui como meio capaz de estimular as capacidades intelectuais da criança. E como tal, segundo Gutfreind (2004): “através de sua própria estrutura, mas também dos adultos que os contam, ajudam a criança a digerir suas manifestações mais arcaicas”.

Nesta perspectiva, sem sombra de dúvidas, o professor é importante enquanto “contador da história”; é ele quem vai mediar as possíveis reflexões que vão acontecer e oportunizar o movimento entre o mundo mágico e a realidade.

De acordo com o que se diz acima, passo a dissertar sobre as várias possibilidades de reflexões que alguns contos infantis permitem fazer.

4 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE ALGUNS CONTOS INFANTIS

De acordo com Bettelheim (2003), a história Chapeuzinho Vermelho foi escrita pelos Irmãos Grimm (2000), mas também teve uma versão escrita por Perrault.

Perrault deu uma conotação diferente à história, abordando questões de ordem moral como valores e virtudes e, também, de ordem sexual. Essas questões aparecem na história e, em especial no final ele faz um apelo através de um poema que diz que:

Meninas bonitinhas não devem dar ouvidos a todo tipo de gente. Se o fazem, não é de surpreender que os lobos as peguem e as devorem. Quanto aos lobos, eles aparecem com todos os tipos, e entre eles os lobos gentis são os mais perigosos, especialmente os que seguem as mocinhas até mesmo a casa delas (BETTELHEIM, 2003, p. 204).

Perrault deseja não só entreter, mas dar uma lição de moral específica com cada um de seus contos.

No entanto, os Irmãos Grimm (2000) não fazem menção à questão de ordem sexual, e sim, a questão das virtudes que nesse caso é o fato de que chapeuzinho não atende os conselhos da mãe. No final do conto a vovó fala a sua neta que ela não deve esquecer os conselhos dados pela mãe como: nunca pare para conversar com desconhecidos, nem se desvie do seu caminho. Quantas vezes nós pais dizemos isso, fizemos essas recomendações aos nossos filhos? Sempre os alertando para os perigos da vida, protegendo-os.

Na verdade, Chapeuzinho Vermelho distraidamente cedeu aos encantos do lobo que, com sua habilidade, convenceu-a a trocar de caminho para ir à casa da vovó.

O tema abordado é atual nos dias de hoje, uma vez que as crianças estão à mercê de situações semelhantes a que aconteceu com Chapeuzinho Vermelho.

Quantas crianças que, pelo encanto e promessas, são convencidas e acabam vítimas de seqüestros, desaparecidas, violentadas sexualmente, drogadas, entrando no mundo do crime e mortas.

Contar Chapeuzinho Vermelho pode levar a muitas interpretações, indagações e conscientização de questões não só sociais como pessoais. É uma oportunidade que as crianças têm de fazer uma avaliação do acontecido na história, do que acontece no mundo e nas suas vidas. Tudo de acordo com o entendimento que elas têm acerca do tema sem antecipar conceitos.

Para Bettelheim (2003) o valor do conto infantil para a criança é destruído se alguém detalha os significados. Quem deve fazer a interpretação é a criança e é nesse momento que ela vai interagir com o personagem ou personagens, bem como se colocar no fato acontecido e, assim, ressignificar seus valores e elaborar possíveis frustrações.

É necessário que a criança possa ter noção da importância de ouvir conselhos. Isso não significa que ela tenha que aceitar, mas saber os riscos que está correndo em determinadas situações. Crianças costumam expressar juízo de valor sobre determinado assunto ou acontecimento, tanto é que, ao contar Chapeuzinho Vermelho para crianças da Educação Infantil, lembro delas verbalizarem que a menina foi teimosa e desobediente. Por outro lado, elas disseram que é muito chato ouvir toda hora a mãe dizer: faz isso, não faz aquilo.

É também, nesse momento, que se deve estabelecer um debate procurando oportunizar uma reflexão sobre a opinião das crianças no que diz respeito a obedecer regras. Quem determina essas regras? Por que determina? Como funciona a nossa casa, a nossa escola? Como seriam esses lugares sem regras? Será que funcionariam? E assim por diante, até onde o debate permitir manter a atenção dos pequenos.

Bettelheim (2003) também chama atenção para o fato de que predomina na mente infantil uma forma de pensar imagética. Segundo ele, porque narra figurativamente, o conto de fadas consegue transmitir informações à criança de um

jeito que respeita seu estilo cognitivo e seu estágio de desenvolvimento emocional. Isso ocorre porque a história descreve estados internos da mente infantil por meio de imagens e de ações. Bettelheim (2003) argumenta que, assim como na vida real a criança reconhece a infelicidade e a mágoa quando alguém está chorando, também o conto não precisa se estender sobre a infelicidade de alguém. Por exemplo, quando a mãe de Cinderela morre, o texto não se expande no sentido de descrever situações do cotidiano, passo a passo, para que se possa perceber que a heroína sofreu com a falta da mãe, lamentou a sua perda e se sentiu sozinha, abandonada e desamparada. Ou seja, essa forma de narrar, que sintetiza os fatos do cotidiano em uma única imagem, permite que a ação da personagem facilite a compreensão de seus sentimentos por parte da criança.

Como podemos perceber, Cinderela aborda o tema morte que faz parte da vida de todos nós e que merece ser refletido, pois é um sentimento que precisa de um tempo para ser elaborado tanto pelos adultos quanto pelas crianças. A morte é uma fase do ciclo da vida e que não pode ser negado. Então, porque não falar sobre ela contando uma história? Acho fundamental proporcionar reflexões às crianças de uma forma menos rude, mais flexível, mais prazerosa sem, contudo, deixar de fazê-la, afinal isso existe, a morte, por exemplo, em qualquer idade, em qualquer momento da vida. O que não precisa é “bater em cima do tema”. Faz-se uma reflexão simples e real, trazendo o cotidiano para o centro da discussão.

Cinderela também traz como tema o casamento e lembro que, numa das minhas vivências em sala de aula com meus alunos de Educação Infantil, depois de ter contado a história, uma aluna minha disse: “Para mim a parte que mais me chamou a atenção foi o casamento da Cinderela com o Príncipe e, também, porque foram felizes para sempre”. Em seguida ela comentou: “Gostaria tanto que o meu pai e a minha mãe voltassem a morar juntos”.

A partir dessa fala abriu-se um debate acerca do tema em que cada criança trouxe a sua realidade, fazendo uma ligação com a história. Assim como o casamento, a separação entre casais é muito comum em nossa sociedade. As crianças vivenciam essa situação de várias formas, dependendo sempre de como ela é conduzida pelo casal. Mas sabemos que o sofrimento existe, porque a

sensação é de perda, é de estar entre os dois (dividido), é estar muitas vezes entre o “fogo cruzado” (Com quem fico? Com quem vou agora? E se eu for, como fica o sentimento do meu pai ou da minha mãe em relação a minha decisão?). Essas sensações causam outros sentimentos como: a raiva, a tristeza, o ódio, a decepção e, também, a esperança de unir os dois novamente, reestruturando a família (as crianças que têm pais separados têm a esperança de uni-los novamente).

A história Cinderela oferece essa chance de falar sobre essa questão, de procurar compreender e de saber que este não é privilégio de ninguém. É este poder enxergar outras realidades semelhantes a minha que ajuda a elaborar melhor o problema vivenciado e pensar e, pensando, formar opiniões.

Mas, voltando ao tema casamento, Cinderela primeiro perde a mãe, e o pai casa com outra mulher que se torna sua madrasta. Passado um tempo, o pai dela adoece e também morre. Cinderela acaba ficando com a madrasta e suas duas filhas. Cinderela é muito maltratada, mas um dia acontece um baile na cidade e ela vai e conhece um homem, o príncipe, e vê nele a oportunidade de ser novamente amada e de ter sua alegria de volta por meio do casamento. Aqui é possível falar sobre o casamento como: o que é o casamento? Será que todas as uniões mantidas são felizes? Enfim, levar o debate a, quem sabe, uma comparação entre casamento e separação, sua manutenção ou não. Tudo depende de como as crianças vão conduzir o mesmo.

Esses temas, como por exemplo, a separação, o casamento, a perda, presentes nos contos, como no caso Cinderela, normalmente proporcionam debates muito interessantes e, principalmente, trazem a realidade vivida pelas crianças.

Para quem já teve a oportunidade de experimentar esses momentos, sabe que as crianças trazem o seu cotidiano para a sala de aula. Necessitam debater e saber como é na casa de seus colegas, para talvez poder entender, acomodar e aceitar a sua realidade e, assim, poder identificar as situações semelhantes que permeiam o seu dia-a-dia.

Em razão disso, penso que o conto com seus temas e personagens abre a possibilidade do debate, porque deixam a criança à vontade, permitindo assim a sua interação e um certo sentimento de alívio quando percebe que a história contada ou lida têm muito de suas vivências.

Relembrando minha experiência em sala de aula com crianças da Educação Infantil, recordo uma outra ocasião em que contei a história João e o Pé de Feijão e uma aluna minha falou: “Sabe, profe, meu pai, quando chega em casa e bebeu demais, faz como o gigante. Chega fazendo muito barulho”. João e o Pé de Feijão conta à história de um menino que vive com sua mãe em uma situação de pobreza tão grande que falta comida e dinheiro para viver. Um dia a mãe manda João ir para a cidade vender a vaca, o único bem que tinham, e trazer o dinheiro para comerem. No caminho João é abordado por um homem que o convenceu em trocar a vaca por sementes de feijão, garantindo a ele que nunca mais passariam fome. Diante disso, João trocou. Quando chegou em casa com as sementes de feijão, sua mãe ficou furiosa e as jogou no chão. No dia seguinte havia nascido um enorme pé de feijão. João decidiu subir pelo pé até a copa. Encontrou um castelo nas nuvens onde morava um gigante que gostava de comer criancinhas, mas a empregada do gigante o escondeu para que o mesmo não o visse. O gigante chegou fazendo muito barulho e dizendo que sentia cheiro de criança. A mulher dizia que era só impressão e que logo serviria o almoço. Para sorte de João o gigante comeu muito. Ele tinha sob seus cuidados uma galinha que colocava ovos de ouro e uma harpa que tocava belas melodias. A galinha e a harpa eram prisioneiras do gigante. João, muito esperto, esperou que o gigante dormisse e saiu de seu esconderijo. Libertou a galinha e a harpa. Os três conseguiram fugir do gigante. João pediu a mãe que cortasse o pé de feijão para que o gigante não os pegasse. Com a galinha que colocava todos os dias um ovo de ouro, João e sua mãe nunca mais passaram fome e ainda podiam ouvir lindas melodias que a harpa tocava.

Muito mais do que a intenção que eu tinha em trabalhar com alguns conceitos da área de Ciências, veio em primeiro lugar à fala da minha aluna em relação ao comportamento do pai, o que me deixou satisfeita e ao mesmo tempo mais convicta de que o conto traz realmente o cotidiano da criança para a sala de aula. Além

disso, para mim, ficou clara a necessidade dessa prática (contação de histórias) para dar novo significado as vivências.

Então, dessa fala fizemos uma reflexão sobre o problema que a aluna trouxe de sua realidade: o vício de beber, ou melhor, chegar bêbado em casa (como o pai dela chegava bêbado em casa). A criança fez uma comparação entre o modo de caminhar do gigante e o modo de caminhar de seu pai quando este chegava em casa bêbado. Esse foi o ponto principal do debate, pois muitas outras crianças vivenciavam o mesmo problema e, como tal, sentiram-se livres para falar sobre ele. Além disso, para complementar a discussão, comentamos também a situação econômica vivida por muitas pessoas em nossa sociedade.

Voltando ao que venho dizendo, e justificando a escolha de contar essa história João e o Pé de Feijão, de fato a intenção seria trabalhar as plantas. Pensei em introduzir o conteúdo e, posteriormente, fazer algumas comparações, principalmente em relação ao crescimento do pé de feijão sem, contudo, antecipar conceitos, apenas deixar que as idéias fluíssem, naturalmente e, assim, juntos, fazer as observações que aos poucos iriam surgir. Continuando, então, dentro desse conteúdo estudaríamos as partes das plantas e suas funções, necessidades vitais e reprodução. De acordo com o enredo, João e o Pé de Feijão abria essa possibilidade, pois a mãe de João havia jogado as sementes de feijão no chão. Com isso, o pé nasceu e cresceu e, depois, veio morrer em função da mãe ter cortado o seu tronco.

Com essa história tínhamos como trabalhar os conceitos necessários para desenvolver o conteúdo “plantas”: as plantas, como seres vivos que nascem, crescem e morrem; suas partes; suas funções e suas necessidades vitais, procurando fazer ligações com os seres vivos, em especial com o ser humano. Fizemos a experiência da germinação com a semente de feijão na terra e no algodão. Cuidamos e observamos o que ia acontecendo. A cada observação as crianças não só faziam comentários significativos, como também levantavam questões: “Olha, o feijão está gordo”. “O meu estourou”. “Olha, já está nascendo a plantinha!”, “Por que o meu não nasce?” E assim por diante. Elas estavam realmente entusiasmadas e interessadas, fazendo descobertas de maneira lúdica e prazerosa.

Essas situações de sala de aula encaminham para muitas reflexões, inclusive para aquelas que muitas vezes não estamos esperando, e são estas que em geral enriquecem, que favorecem as descobertas e que estimulam o pensamento.

E de que realidade eu falo? Falo de uma realidade onde as crianças pertencem às classes sociais média, baixa e até mesmo de extrema pobreza, que vêm à escola muitas vezes sem ter comido nada, queixando-se de dor de estômago, que têm pais separados, que assistem à violência doméstica, que são vítimas de agressões, porque o pai chegou bêbado em casa, que tiveram que sair da escola particular devido ao agravamento da situação econômica da família, que têm um irmão de cada pai, que vêm à escola com dor de dente, de ouvido sem ninguém ter feito nada. E são muitas outras situações, por isso me preocupo em oportunizar a elas não só momentos de reflexão, mas possibilidades de resignificar, acomodar e elaborar seus sentimentos para suavizar um pouco essa realidade tão difícil de ser vivida, de ser encarada.

Retomando as considerações em torno de alguns contos infantis, passo agora a focar o conto do Bambi.

Bambi é um conto que permite muitas reflexões acerca da vida. Aborda o ciclo da vida, isto é, o nascimento (fase de nenê), o crescimento (ser criança), a adolescência (representada pela paixão), o adulto (representada pela responsabilidade). A fase do nascimento é referida no conto como um acontecimento especial, no qual a floresta toda está em festa com a chegada do nenê. Nessa fase é visível a interação mãe/filho, tão importante para o desenvolvimento do nenê que, com dedicação e amor, ensina, adverte e protege seu filho dos perigos da vida.

Na seqüência mostra o crescimento, enfatizando os momentos mais importantes do desenvolvimento que são o caminhar e o falar. Aqui, além da presença da mãe, Bambi conta com a ajuda de seus amigos, principalmente, do coelho Tambor que é observador, crítico e ao mesmo tempo um incentivador no avanço das etapas do crescimento. É ele que estimula Bambi a caminhar e vibra quando ele diz a primeira palavra. Também aqui mostra que, às vezes, o Tambor

exagera nas suas críticas e quando isso acontece sua mãe o lembra dos ensinamentos do seu pai, como o respeito.

No desenrolar da história, Bambi, sempre acompanhado de sua mãe, vai conhecendo os costumes de seu povo como o respeito aos mais velhos. Aqui aparece a figura de um cervo mais velho que é o líder do grupo respeitado por todos e que, aparentemente, parece ser o pai de Bambi. Acompanhando as fases do crescimento deste animalzinho, estão as estações do ano, isto é, Bambi nasceu na primavera, a estação das flores. Durante o seu crescimento, antes de se tornar um adolescente, vem o verão, tempo de calor e de muitas brincadeiras. Vem a chuva, anunciando a chegada do outono com as folhas das árvores caindo e, tão logo, cai a primeira neve. É, então, inverno.

Num primeiro momento, tudo era novo e divertido. A neve branca, fofa e escorregadia, permitia muitas brincadeiras. Com a chegada do inverno, Bambi foi experimentando algumas dificuldades como, conseguir alimento. Além disso, foi no inverno que os caçadores chegaram à floresta. Bambi e sua mãe correram muito para se salvar dos caçadores, mas a mãe foi atingida e acabou morrendo. Bambi está salvo, mas se dá conta que sua mãe não está com ele e, então, chorando muito, volta para procurá-la. Em meio a esta situação, o cervo mais velho do grupo e que supostamente é o pai dele, chama-o e diz: “Meu filho, sua mãe não poderá mais estar ao seu lado”. Com essa frase, Bambi entende que sua mãe morreu. Ele passa um tempo sofrendo com a perda da mãe, a duração do inverno. Mas o tempo passou, o inverno terminou e a primavera chegou. E com ela chegou a alegria. Os bichinhos acordaram, as flores renasceram, os pássaros voavam. É tempo de paixão. Bambi cresceu mais um pouco. Os chifres que começavam aparecer eram sinal de que havia crescido, de que estava chegando a fase de adolescente. Fase da adolescência, tempo de paixão. Bambi se apaixonou por Felina. Durante a primavera, mais uma vez o homem invade a floresta e coloca fogo. Os bichos, apavorados, correm para se salvar. Bambi ajuda os bichos a fugirem. Age com muita responsabilidade. Já está adulto e seus chifres estão totalmente crescidos.

Bambi formou uma família, o que o tornava adulto e responsável, por isso, sua dedicação e amor em salvar todos os bichos que pudesse do incêndio da

floresta ocasionado pelos caçadores. Ele, sua família, seus amigos e os bichos que se salvaram foram para o outro lado do rio onde a floresta ainda não havia sido invadida pelo homem.

A história de Bambi ensina muitos valores como o amor, a dedicação, o doar-se ao outro, o respeito, a responsabilidade que devemos ter enquanto cidadãos pertencentes a uma sociedade. Aborda temas como a perda, o medo. Sentimentos tanto dos adultos como das crianças. Além disso, ela trabalha com uma situação que hoje atinge diretamente o nosso planeta, que é a destruição das florestas, fruto do desenvolvimento ou da ganância do homem.

Quantos momentos importantes esse conto proporciona para fazer reflexões com as nossas crianças! É preciso apenas adaptar as reflexões de acordo com idade e desenvolver o trabalho de maneira lúdica e prazerosa. Se desejarmos acrescentar objetivos relacionados à construção de novos conceitos, com muito cuidado, podemos selecionar alguns conteúdos como: Eu: um ser social, Minha história (conhecer e registrar a história de sua vida), Família (membros da família, funções dos membros da família), o Tempo, as Estações do Ano, Seres Vivos (identificar os animais e as plantas como seres que tem vida, compreender que os seres vivos nascem, crescem, se reproduzem e morrem), assim como também algumas habilidades podem ser desenvolvidas: o desenho, a pintura, a dramatização e outras que se adaptarem ao conto.

Diante das colocações acima é importante enfatizar mais uma vez sobre as várias possibilidades que o conto infantil sugere para trabalhar pedagogicamente. Permitir reflexões, comentar a história, segundo Coelho (2004) não significa propor questões interpretativas e muito menos destacar a mensagem contida na história. A criança por si só percebe a mensagem e a revela nas colocações que faz. São comentários interessantes, oportunos, engraçados, algumas vezes denunciando conflitos existenciais. Essa colocação é tão verdadeira que está contida na descrição das minhas experiências com crianças da Educação infantil as quais foram citadas acima.

Ainda a respeito da importância de se permitir a reflexão da história, Bettelheim (2003) coloca que quando os contos de fadas estão sendo lidos para a criança em sala de aula ou em bibliotecas, as crianças parecem fascinadas. Mas o importante é que elas tenham a oportunidade de meditar sobre a história que está sendo contada. Ao contador cabe dar tempo às crianças de refletir sobre as histórias, para mergulharem na atmosfera que a escuta cria, e quando são encorajadas a falar sobre o assunto, então a conversa posterior revela que a história tem muito a oferecer emocional e intelectualmente, pelo menos para algumas crianças.

Segundo Craidy e Kaercher (2001), os contos de fadas possibilitam ao educador a discussão acerca de estereótipos e preconceitos: será que a princesa não poderia ser negra? Será que o príncipe não poderia usar óculos? Ou acerca de seu conteúdo: será que a madrasta não poderia se tornar amiga da Branca de Neve? Será que a gente pode ser feliz para sempre? Estes são apenas alguns exemplos do quanto o trabalho com contos de fadas, no dia-a-dia da Educação Infantil, pode ser desencadeador de outras temáticas e discussões.

Entretanto, não podemos esquecer: mais do que atingir objetivos acadêmicos, devemos ler e contar pelo prazer que esta atividade proporciona, pela importância que ela possa vir a ter na vida da criança:

(...) é sempre bom lembrar que a literatura é arte. Arte que se utiliza da palavra como meio de expressão para, de algum modo, dar sentido à nossa existência. Se nós, na nossa prática cotidiana, deixarmos um espaço para que esta forma de manifestação artística nos conquiste seremos, com certeza, mais plenos de sentido, mais enriquecidos e mais felizes (CRAIDY E KAERCHER, 2001, p.87).

5 A CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS E A EDUCAÇÃO INFANTIL

O ouvir histórias pode estimular o desenhar, o musicar, o sair, o ficar, o pensar, o teatrar, o imaginar, o brincar, o ver o livro, o escrever, o querer ouvir de novo (a mesma história ou outra). Afinal tudo pode nascer dum texto! No princípio não era o verbo? Então...

Abramovich

O Art. 29, Seção II, Capítulo II, Título V da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - Lei nº 9.394 de 20/12/1996, destaca que:

A Educação Infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos: físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

Para que as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam alcançadas, é necessário que as práticas pedagógicas estabelecidas estejam voltadas para essa importante finalidade expressa na lei, que é o desenvolvimento integral da criança. Nesta perspectiva, supõe-se que as práticas pedagógicas aplicadas sejam realmente um meio de atingir esse desenvolvimento, permitindo que as especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas sejam satisfeitas. No entanto, para isso, é necessário que o professor entenda por qual razão aplica determinada prática pedagógica. Precisa, também, acreditar na importância das opções que assume para que o resultado seja eficaz.

A Educação, em especial a Educação Infantil, deve contribuir para o desenvolvimento total da criança – espírito e corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal e espiritualidade. O ser humano como um todo deve ser preparado para elaborar pensamentos autônomos e críticos e para formular os seus próprios juízos de valor, de modo a poder decidir por si mesmo, para poder agir nas diferentes circunstâncias da vida, para alcançar, assim, a realização pessoal.

O que fez com que chegasse a essa proposta de pesquisa foi a minha preocupação em relação às práticas pedagógicas desenvolvidas pelas docentes de

Educação Infantil, principalmente em relação à prática de contação de histórias que me parece ter ficado um pouco de lado em relação ao brincar, que é considerado ainda hoje a atividade principal da Educação Infantil. Fato é que contar histórias também suscita o brincar. Então, passei a me perguntar por que a atividade de contação de histórias não tinha, ou não tem, a mesma importância que o brincar, uma vez que ela por si só leva a essa atividade.

A criança, quando ouve uma história, se identifica com o personagem que mais se aproxima do seu eu (características físicas, psicológicas) e de seu momento de vida (o tema abordado) e com isso ela interage e então passa a brincar quando, por exemplo, veste a roupa da Branca de Neve e imita a personagem quando verbaliza a parte da história que mais gostou fazendo relação com algum momento de sua vida ou quando fala da parte que não gostou ou sentiu medo fazendo uma elaboração do seu sentimento, acomodando situações que está vivendo. Todo esse movimento é também brincar de forma lúdica e prazerosa, além da criança também estar tendo a oportunidade de colocar em ordem suas questões emocionais (sua casa interna).

Por esta razão tenho considerado fundamental aprofundar algumas questões referentes a este tema e esta é a justificativa que me motivou a persistir nesta pesquisa. Além disso, a urgência colocada pelo mundo atual aos educadores e educadoras, no sentido de colaborar na constituição de sujeitos que possam, paulatinamente, assumir seu papel de cidadãos, levou-me também a refletir sobre prazerosas articulações entre ouvir, contar e ler. E, neste sentido, impossível não lembrar dos ensinamentos de Paulo Freire que evoco a seguir.

6 ASSOCIANDO LEITURA E CIDADANIA

A leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele.

Paulo Freire

Segundo Freire (2005, p.11), o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo.

O ato de ler precede a leitura de mundo que temos, fruto dos nossos convívios, das nossas vivências e das nossas experiências de vida antes de entrar na escola. Ler, e ouvir histórias permite ressignificar momentos importantes de nossas vidas, sejamos nós crianças ou adultos.

Ler e ouvir histórias não implica necessariamente uma experiência anterior à escola. Pode fazer parte desse mundo adulto, de nossas lembranças da infância e assim terá um significado e um papel importante na vida das pessoas, crianças e adultos.

Conforme já referido neste trabalho, sempre que lemos ou ouvimos histórias acabamos entrando no mundo imaginário que permite, psicologicamente, acomodar situações dando um novo significado as nossas vivências que podem tanto ser anteriores a entrada na escola, como podem estar fazendo parte de momentos vividos agora, no presente. O que importa é o quanto podemos aproveitar a história ouvida ou lida para sentir prazer e também para uma melhora interior.

Diante disso, realmente o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra, ele vai muito além, justamente quando permite não só a possibilidade de dar um novo significado para as nossas vivências, mas lembrar situações que já foram vividas em determinados momentos. Através da leitura é possível, então, fazermos uma identificação não só com os personagens, mas também com os temas abordados.

A leitura ou a escuta oportuniza, além da identificação, a interação com a ação vivida pelos personagens dentro do assunto tratado. Isso permite ao leitor ligar a sua realidade vivida àquela que está na história, isto é, o que eu vivo ou vivi pode não ser muito diferente daqueles momentos que a história em si está me permitindo enxergar.

O fato de poder entrar na história e fazer essa ligação entre o que está acontecendo lá e o que eu estou vivendo ou já vivi, é que vai me mostrar o que acontece comigo. Não são acontecimentos isolados, mas que já foram vividos por outras pessoas em situações diversas. Isso pode auxiliar na compreensão de que fizemos parte de um mundo, que não estamos sós, que vivemos conflitos e conquistas. Também as ações vividas e as soluções dadas pelos personagens vão ajudar no enfrentamento e resolução dos problemas.

Esse movimento que a leitura ou a escuta da história faz, entre o mundo vivido pelos personagens e o nosso, é fundamental para interagir, ser olhado e conhecer-se a si próprio. Tendo esse novo olhar não só em relação a mim mesmo, mas aos outros é que vai permitir o ser e o conviver de forma mais realista, enfrentando vicissitudes do cotidiano.

A leitura é um instrumento que desde a infância (quando outros lêem para nós) até a idade adulta (quando nos apossamos deste fazer) nos auxilia na apropriação da história enquanto sujeitos. Ler ou ouvir outros lerem permite viajar pelo imaginário e, paulatinamente, aprender a tomar posse da realidade.

O ato de ler e o ato de ouvir histórias podem auxiliar em nos tornar cidadãos, porque é através da leitura que reconhecemos o nosso mundo, o mundo dos outros e o mundo todo. Podemos pensar acerca de determinados assuntos, construir opiniões, debater, compreender o que está acontecendo ao nosso redor, ampliar nossos conhecimentos, aprender. Freire (2005, p.26) diz que cada um de nós é um ser no mundo, com o mundo e com os outros.

A leitura não é somente a apropriação do ato de ler e escrever. Ela envolve o domínio de um conjunto de práticas culturais que, por sua vez, envolvem uma

compreensão do mundo diferente daquela dos que não têm acesso a ela. A leitura tem um papel tão significativo na sociedade que podemos dizer que ela cria novas identidades, novas formas de inserção social, novas maneiras de pensar e agir, não só a nosso respeito mas a respeito dos outros, pois ela é que nos proporciona momentos de reflexão acerca dos temas que aborda.

Portanto, a criança, quando ainda não lê com os seus olhos, pode ouvir o que os outros lêem para ela e ir, aos poucos, tomando conhecimento da realidade que a cerca, pois como já afirmado anteriormente, o ato de ler ou ouvir histórias permite estabelecer reflexões com as nossas vivências e com o mundo que nos rodeia.

A leitura ou a escuta de histórias permite formar pessoas politicamente e moralmente ativas, conscientes de seus direitos e obrigações, responsáveis e respeitosas, comprometidas, sensíveis e solidárias com as circunstâncias da vida e com o meio em que vivem. Ela serve para refletir sobre a convivência e sobre o exercício da cidadania.

É por meio de reflexões que fizemos acerca dos temas abordados que nos tornamos sujeitos da história, porque quando lemos ou ouvimos histórias (reais e imaginárias) nos tornamos participantes, isto é, vivenciamos o que está acontecendo, nos colocamos no lugar de alguns sujeitos ou personagens e, assim, podemos nos tornar mais compreensíveis em relação ao que se passa ao nosso redor e mais sensíveis às situações enfrentadas por outras pessoas. Isto é em parte um exercício de cidadania, quando entendemos que a convivência, o respeito, o enfrentamento não-violento dos conflitos, a aceitação da diversidade faz parte da sociedade a que pertencemos. Através, pois, da leitura temos a oportunidade de refletir sobre questões sociais, familiares e pessoais. Compartilhar essas questões para conviver, respeitar e aceitar e, assim, nos tornarmos sujeitos da nossa história como cidadãos do mundo.

7 QUESTÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado.

(BOSI apud TEDESCO, 2001 p.56)

Desde o início deste estudo, estive interessada em verificar se havia alguma relação entre as práticas pedagógicas das professoras de Educação Infantil e as respectivas lembranças de seu tempo de infância na escola e fora dela, em especial no que se refere às experiências em ouvir alguém lhes contar histórias. Busquei saber se um grupo de professoras de educação infantil de fato vem trabalhando com o conto infantil e, em caso afirmativo, que razões as levam nesta direção. Além disso, quis verificar de que forma o fazem e que atividades pedagógicas desenvolvem a partir da contação de histórias.

Estudar questões em torno do tema levou-me a esboçar alguns pressupostos em forma de dúvidas a explorar: a prática de contar histórias vem se repetindo no tempo porque a docente também a vivenciou como uma experiência positiva em sua infância? Ou estaria mais alicerçado no fato de que a professora acredita que tal atividade proporciona o desenvolvimento integral da criança? Ou, quem sabe, por ambas as razões?

Além disso, ultimamente jornais e revistas têm apresentado matérias dando destaque às dimensões pedagógicas e psicanalíticas em torno da contação de histórias. Seria este mais um argumento apontado por professoras em favor de tal prática?

Outra questão suscitada diz respeito à formação de professores. Neste caso, caberia verificar se nos processos de formação atualmente desenvolvidos estaria havendo tal preocupação, inclusive entre os propósitos curriculares.

Assim, tendo como foco as recordações de infância, procurei investigar como tais professoras recordavam seu passado, mais especificamente, quais suas lembranças referentes à experiência em ouvir histórias. Nesse sentido, procurei

acercar-me da metodologia da história oral e de alguns elementos conceituais sobre lidar com memória num processo investigativo.

A memória é uma construção psíquica e intelectual, porém considerada seletiva do passado de um indivíduo inserido num contexto familiar e/ou social. Normalmente, toda a memória é, por definição, coletiva conforme afirma Tedesco (2001), pois engloba as relações tanto familiares como sociais. Não sendo, portanto, individual e muito menos solitária. Ou seja, quando um sujeito relembra, ele o faz também a partir do que já ouviu falar sobre o seu passado, e também a partir do que já incorporou hoje sobre o assunto.

O atributo mais relevante da memória é a garantia da continuidade do tempo e permissão à alteridade. A memória constitui um elemento essencial de identidade, de percepção de si e dos outros. Ela passa a ser parte das lembranças vividas pelos indivíduos no passado com as pessoas que estão envolvidas no contexto familiar e social.

Nesse sentido, as pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática e cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado, porque ela é transmitida de acordo com as necessidades do presente e, por isso, ela passa por um processo de construção, desconstrução e reconstrução de acordo com o momento vivido, com o tempo que passou e que está passando (é o amadurecimento da pessoa).

A memória identifica a pessoa no tempo e na época em que viveu e que está vivendo. Portanto, a memória é uma reconstituição do passado a partir do momento que se está vivendo agora. Bosi (1983) já muito bem pontuava que, de certa forma, recordar é contemplar a paisagem do passado olhando pela janela do presente.

No relato oral ou escrito das memórias o indivíduo busca construir uma identidade pessoal que, em alguns casos, não é exatamente a mesma que ele possuía no passado (e nem sempre ele se dá conta disso). O que ocorre, portanto é que normalmente no momento em que as pessoas vão relatar situações de suas vidas, elas aproveitam para transpor o passado, construindo um todo coerente em

que se mesclam situações reais e imaginárias. O pesquisador precisa estar ciente disso. Além disso, ao trabalhar com memória o pesquisador precisa estar atento a muitas situações, como por exemplo, o que ocorre no momento em que o narrador está falando, isto é, o que está sendo dito por meio da fala com o que é dito através das expressões do corpo (os gestos, as expressões faciais, o choro, o riso). E para que possa perceber essas situações, se torna imprescindível que o pesquisador possua um treinamento que objetive o desenvolvimento de sua capacidade de observação, reflexão, análise e habilidade para lidar com o entrevistado. O pesquisador precisa estar suficientemente preparado para dar apoio ao narrador para garantir que seus objetivos de pesquisa sejam alcançados.

O pesquisador deve estar ciente de que estará invadindo a intimidade das lembranças e as marcas vividas pelo entrevistado. Portanto, é necessária uma interação entre o pesquisador e o entrevistado. Uma relação de respeito, de confiança. Conforme Kenski (1994) as vozes que atuam na recuperação da memória mostram interferências de muitos outros fatores no momento do relato, como o fator relacionado à seletividade da memória a qual envolve não somente as lembranças, mas também silêncios e esquecimentos.

De acordo com o explicitado acima, ao ouvir professoras sobre suas experiências como crianças que ouviam histórias, como pesquisadora eu precisava estar ciente de que os depoimentos não necessariamente estariam contemplando os fatos exatamente como ocorreram. Mas que ali estariam os acontecimentos relatados conforme o significado que hoje as professoras lhes atribuem. É assim que funciona a memória (ISQUIERDO, 2004) e é assim que eu - e demais pesquisadores que adotam esta abordagem - devemos encarar os depoimentos. Nem por isso eles possuem menor valor, simplesmente necessitam ser encarados a partir desta dimensão analítica.

Além disso, incursionar por tais caminhos investigativos exigiu criar um clima propício ao diálogo que fizesse fluir as reminiscências. Foi o que procurei fazer, também inspirada nas palavras de Brandão (2003 p. 243):

Contar a minha vida flui normalmente e confidencialmente quando há um clima de confiança e respeito. E, quando me deixam, eu falo do meu mundo a partir da minha história... na “vida”... Falo de experiências de vida como um todo.

Assim, tendo como foco a contação de histórias na educação infantil, o meu papel como pesquisadora se concentrou em buscar relatos das professoras entrevistadas, procurando obter o máximo de informações sobre suas experiências, em especial no que diz respeito a tais práticas: a do passado, ouvindo histórias como crianças e a de agora, a de contar histórias como professoras.

Coube estudar os procedimentos necessários para que as entrevistas realizadas pudessem ser realmente aproveitadas. Para isso foi preciso investir na elaboração do roteiro, produzir os instrumentos de controle e de acompanhamento da entrevista, cuidar da cessão de direitos do depoimento e, principalmente, ter consciência da especificidade da relação que se estabelece com o entrevistado. O pesquisador deve ter conhecimento do objeto de estudo, com o objetivo de obter uma base firme de conhecimento do tema, para garantir a qualidade do trabalho proposto. Deve, ainda, ter habilidades desejáveis tais como conhecimento do assunto objeto da entrevista, capacidade de síntese e decisão, boa comunicação oral e, na medida do possível, colocação imparcial perante o entrevistado.

Além disso, nesta empreitada o ato de pesquisar envolve pessoas, tanto a que pesquisa, quanto aquela que abre o seu espaço permitindo ao pesquisador uma certa invasão de privacidade. Por isso, respeito, afeto, compreensão, interação são necessários, para que ambos possam penetrar num mundo que mistura fatos reais e imaginários, frutos das experiências vividas que, como comumente se diz, aconteceram “lá atrás”, e que, por isso, sofrem modificações, mas que vêm recheadas de emoções e também de silêncios significativos. É diante de considerações como estas que me coloquei ao longo deste percurso: paixão pelo que se pesquisa, respeito pela pessoa que está sendo entrevistada e cuidados com as etapas do trabalho, elementos fundamentais para obtenção das metas a que me propus.

Vale lembrar ainda que os estudos sobre memória nas Ciências Humanas são geralmente associados a questões ligadas à História, área em que a memória é objeto permanente. Ao se trabalhar com a memória educacional, de certo modo está se fazendo um determinado tipo de história, específico, direcionado para os fins e objetivos educacionais. No presente estudo, esta não foi diretamente a intenção, ainda que em sentido lato, alguns poderiam inscrever alguns excertos dos depoimentos como parte de uma memória da educação.

A memória, quando utilizada como metodologia na área da Educação, pode ter vários desdobramentos, como levantamento da memória em uma determinada instituição de ensino (escola, instituto, universidade) e trabalhos preocupados com questões históricas e sociológicas baseados principalmente nos depoimentos orais de pessoas que viveram a época. Pesquisas essas que procuram recuperar, por exemplo, as memórias de antigos mestres ou ex-alunos, para tentar caracterizar as relações sociais da época, trabalhos voltados exclusivamente para as relações entre memória e ensino. Trata-se de experiências sobre formas diferenciadas de docência ou sobre as relações em sala de aula, de estudos do meio, ou ainda, o trabalho que busca relacionar as vivências dos professores em exercício com a sua própria prática docente, que é o que, de certo modo, aqui foi feito quando procurei ouvir as professoras acerca de suas práticas atuais.

É importante salientar que pesquisas sobre memória e ensino caminham em, pelo menos, dois sentidos: o primeiro dedica-se ao levantamento individualizado da memória de um professor, podendo envolver aspectos íntimos de sua vida e suas relações com familiares, amigos e professores, saindo, portanto, da esfera especificamente educacional. O segundo preocupa-se mais intensamente com as memórias coletivas apresentadas por diversas pessoas ligadas a um mesmo objeto, uma disciplina, uma escola, um projeto educativo. No presente projeto, detive-me mais na segunda abordagem. Ou seja, ouvir algumas professoras acerca de suas vivências em relação à prática de contação de histórias.

Os estudos sobre a influência de vivências anteriores dos professores em suas formas de atuar podem ser considerados como contribuições importantes para a compreensão de seus comportamentos em sala de aula. Por isso, nesta pesquisa

busquei melhor compreender as relações entre vivências que tiveram na infância, relacionadas a contação de histórias, e as estratégias que as entrevistadas hoje utilizam.

Com relação aos procedimentos metodológicos (que a seguir enfatizo mais detalhadamente), procurei ficar muito atenta aos cuidados operacionais que deveria observar durante as entrevistas. Os estudos baseados nas memórias dos sujeitos mostram que os envolvidos neste tipo de pesquisa se apresentam com diferentes falas, dependendo dos fatores e das circunstâncias em que se dê a recuperação das lembranças. Normalmente a obtenção de dados para esses estudos é alcançada por meio de relatos orais, em geral gravados, em um relacionamento pessoal e individualizado do pesquisador com a professora/depoente. Ocorre que, na maioria das vezes, o narrador, ou seja, aquele que está expondo suas lembranças, não o faz apenas através da linguagem oral e não diz apenas sobre o assunto que o pesquisador está questionando. É preciso, pois, estar muito atenta, não permitindo que o foco seja desviado. Foi o que procurei exercitar durante todo o processo, uma vez que esta se constituiu na minha primeira experiência como pesquisadora.

Também levei em conta que uma das principais e mais bonitas características da memória é sua atemporalidade. A memória é histórica na medida em que a recuperação das vivências não é feita de forma cronológica, linear, mas sim, mediante a mistura de acontecimentos que ocorreram em diversos momentos do passado. A lógica das lembranças é a da emoção. Portanto, mais uma vez, foi preciso que, enquanto pesquisadora, eu estivesse atenta às estas e às seguintes situações: a) a partir da fala do narrador já se pode perceber as diversas vozes com que ele expõe suas lembranças do passado: o grau de envolvimento emocional com o assunto, os momentos em que deixa que as lembranças tenham voz em verdadeiros retornos ao passado (reproduzindo diálogos, recuperando a linguagem e as expressões que usava na época) e nos momentos em que friamente interpreta a situação ocorrida; b) além das vozes da fala, o que é dito por meio de manifestações corporais: os gestos, expressões faciais, o comportamento emocionado do narrador, o choro, o riso, o movimento do corpo, são muitas vezes aspectos importantes através dos quais o narrador diz muito mais do que o que está sendo expresso nas palavras.

Para que essas situações sejam percebidas é preciso grande habilidade e um cuidado do pesquisador, visando o desenvolvimento da sua capacidade de observação, reflexão, análise e uma habilidade para lidar com o outro. O pesquisador precisa estar ciente de que vai estar invadindo a intimidade das lembranças e das marcas vividas pela outra pessoa com todos os riscos que essas recuperações possam trazer no plano emocional. Precisa estar suficientemente preparado para dar apoio ao narrador e garantir que os seus objetivos de pesquisa sejam alcançados, sem prejuízos maiores para o depoente. É necessário, também, que o pesquisador esteja totalmente atento ao que ocorre no momento em que o narrador está falando (o que está sendo dito por meio da fala, o comportamento geral, os gestos, o olhar, os barulhos e aspectos externos e que podem interferir na narrativa). Tudo isso exigiu grande atenção e, ao mesmo tempo, revigorou meu desejo em continuar futuramente apostando em pesquisas desta natureza.

Como já referido anteriormente, as vozes que atuam na recuperação da memória vêm mostrar a interferência de muitos outros fatores no momento do relato. O primeiro deles refere-se à seletividade da memória que envolve não apenas lembranças, mas também silêncios e esquecimentos. Ou seja, de acordo com o que afirmei em páginas anteriores, o narrado é praticamente uma reconceitualização do passado a partir do momento presente, da pessoa com quem se está falando e do objetivo da narrativa. As pessoas não têm em suas memórias uma visão fixa, estática, cristalizada dos acontecimentos que ocorreram no passado. Pelo contrário, existem múltiplas possibilidades de se construir uma versão do passado e transmiti-la oralmente de acordo com as necessidades do presente. É nesse momento, o da narrativa de uma versão do passado, que as lembranças deixam de ser memórias para se tornarem história. E, então, tornam-se dados significativos a serem efetivamente analisados de acordo com os propósitos da pesquisa.

8 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Há alguns anos atrás, quando pensei em pesquisar sobre a importância da contação de histórias como uma atividade a ser desenvolvida na educação infantil, não tinha completamente estruturado um percurso investigativo. Naquele momento, havia o desejo de saber mais sobre o tema e, principalmente, sua relação com a prática pedagógica das professoras. Fazia, então, observações aparentemente descomprometidas, mas que já levavam o meu pensamento para uma esfera um pouco mais definida. Foi no ano de 1997, entretanto, que minhas observações tornaram-se mais efetivas, mais precisamente quando trabalhei na biblioteca da escola onde até hoje atuo¹. Nesse período, fazendo a hora do conto com turmas de educação infantil até a 4ª série do ensino fundamental, é que percebi quanto às crianças iam tomando o gosto em ouvir e ler histórias dos mais variados títulos e interesses. Mas não só as crianças apresentavam satisfação em ouvir e ler histórias e se interessavam em assuntos diversos dos quais tinham curiosidade e necessidade de saber, também os professores se mostravam receptivos quanto ao desenvolvimento dessa atividade, solicitando que fossem trabalhados determinados temas que vinham ao encontro dos objetivos, com situações ocorridas em sala de aula ou com as tradicionais datas comemorativas.

As professoras² estavam satisfeitas também porque o período em que eu ficava com as crianças era para elas um tempo considerado precioso, não só pelo trabalho realizado, mas porque podiam adiantar as demais tarefas próprias do seu ofício³.

Por várias vezes ouvi das minhas colegas que o trabalho que eu vinha desenvolvendo era importante, porque as crianças estavam demonstrando melhoras

¹ Biblioteca da Escola Estadual de Ensino Fundamental Engº Dario Granja Sant'Anna – Escola do Estado do Rio Grande do Sul – município de Caxias do Sul. Até hoje atuo nessa escola. Neste ano sou professora da 4ª série do Ensino Fundamental.

² Professora – na escola em que atuo temos professora desde a Educação Infantil até a 4ª série do ensino fundamental, não há professores (gênero masculino), por isso refiro-me quando escrevo ao gênero feminino.

³ Tarefas próprias do seu ofício – refere-se a tarefas de professor como, por exemplo, corrigir cadernos, montar aulas, preencher o caderno de chamada.

ou na conduta e aceitação de regras, condições que o próprio convívio impunha, ou na evidenciada evolução da aprendizagem, na escrita e no vocabulário⁴.

A partir dessas considerações que vinham das observações feitas e dos comentários informais das colegas de trabalho e das crianças é que, então, decidi aprofundar o conhecimento através de leituras. Foi então, também, que decidi explicitar algumas questões que poderia nortear uma possível investigação. Entre elas, destaco: até que ponto a prática de contação de histórias vem sendo desenvolvida pelas professoras de educação infantil? As professoras que assumem tais práticas o fazem por quais razões? Se esta é uma atividade que tem se repetido ao longo do tempo, por quais razões isto acontece? Seria porque o docente vivenciou-a e foi para ele uma experiência positiva? Seria porque o docente acreditava que ela podia proporcionar o desenvolvimento integral da criança (ou outra razão pedagógica)? Ou seria por razões múltiplas?

Além disso, outras reflexões surgiram como, por exemplo: a contação de histórias estaria adquirindo um novo significado? Seria em virtude da referência dada pelos cursos de formação de Educação Infantil, como indicação de uma metodologia de trabalho? Seria devido a uma nova abordagem trazida pela psicanálise e colocada a circular em discursos da mídia?

Foram essas perguntas que passaram a desencadear o meu trabalho. Procurei então, inicialmente, a pesquisa bibliográfica, lendo livros sobre o assunto, artigos de jornais e revistas, retirando deles os tópicos considerados mais importantes.

Através dessa pesquisa bibliográfica fui ampliando os meus conhecimentos e adquirindo, assim, o potencial necessário para escrever muito dos textos que hoje fazem parte do trabalho que desenvolvi. Durante esse período da pesquisa decidi investir tempo em estudar pormenorizadamente sobre o assunto. Foi então que realizei a análise de DVD infantil e de alguns contos infantis. Desse trabalho resultou

⁴ Até hoje, elas dizem: “Lembra quando tu contavas histórias? Como era bom? As crianças adoravam! Como seria bom se tu voltasse a contar histórias!” Realmente, eu adorava e adoro histórias e sei que as crianças gostavam muito, pois muitas vezes externaram esse sentimento.

a produção de reflexões, materializadas em textos que procuraram dar sentido à importância de ler e ouvir histórias⁵.

Num segundo momento, para dar continuidade ao meu trabalho, senti necessidade de ouvir as professoras⁶ de educação infantil para poder verificar se as questões que me levavam a pesquisar faziam sentido. Para tanto, realizei alguns estudos exploratórios iniciais, ouvindo algumas. Precisava, de fato, saber que não estava pesquisando algo que não fazia parte de uma determinada realidade da educação, isto é, se não estava fora do contexto ao qual me propunha trabalhar: educação infantil. Foi mais adiante, então, que reuni as informações obtidas através de demais entrevistas, buscando possíveis respostas às indagações que desencadearam este processo investigativo.

É importante destacar que as entrevistas iniciais deram sentido ao trabalho, pois elas de certa forma já enfatizavam aspectos importantes para o desenvolvimento da pesquisa. Elas foram alicerces para a construção desse trabalho⁷. Evidentemente que a pesquisa não poderia parar aí, pois esse era apenas o início de um longo caminho a percorrer. Foi preciso realizar outras entrevistas para de fato reunir um conjunto de dados que oferecessem algumas reflexões significativas.

Ler, organizar e pensar sobre as respostas dadas foi o passo seguinte para poder escrever o texto que reuniu as falas das entrevistadas, professoras de Educação Infantil. E tudo foi sendo cuidadosamente construído. Num primeiro momento, conforme acontece em pesquisas desta natureza, os dados parecem disformes, aparentemente confusos. Eis o momento precioso que demanda articular as informações coletadas com os propósitos que movem a pesquisadora. É o momento de fazer o jogo das possibilidades, ou como afirma Fischer (2005, p. 285) “o instante de estabelecer todas as relações possíveis” entre os achados e as questões norteadoras da investigação.

⁵ Algumas destas produções constam em anexo neste trabalho.

⁶ Refiro-me ao gênero feminino, porque de acordo com a amostra de sujeitos envolvidos nessa investigação, não encontrei nenhum professor (gênero masculino) de educação infantil para entrevistar.

⁷ Estes estudos exploratórios contribuíram para esboçar o projeto em sua fase de qualificação.

Entre as dúvidas que pairavam no meu pensamento algumas já estavam claras, mas tinha uma que precisava esclarecer. Foi então que através da elaboração de um questionário busquei informações junto às coordenadoras dos Cursos de Magistério, a fim de verificar até que ponto a prática de contação de histórias é levada em consideração nos currículos de formação de professoras. A partir das respostas a tais questionários, fiz algumas ponderações que apresentarei mais adiante neste trabalho.

Ainda no sentido de melhor explicitar o processo de pesquisa passo, a seguir, a fazer algumas considerações em torno do contexto em que se deu a coleta de depoimentos, bem como informo alguns dados específicos do grupo de sujeitos investigados.

As entrevistadas e o contexto das entrevistas:

Juceli é professora pública estadual, tem 48 anos, atuando há quatro anos na Educação Infantil, sendo 14 anos no magistério. Possui formação em Pedagogia. A entrevista com ela foi realizada em sua casa com a ajuda de gravador. Desde o primeiro contato para marcar o depoimento, a professora prontamente colocou-se à disposição. A conversa iniciou bem, ela demonstrou interesse no assunto e ficou à vontade. Percebi apenas que em alguns momentos o silêncio se fazia para que as lembranças viessem à tona. Com isso, aos poucos foi contando sobre a sua infância, seu tempo de escola e sua profissão. Demonstrou também um certo encantamento em relação à prática de contação de histórias salientando-se uma singular particularidade: sua preferência em contar histórias bíblicas.

Daniela é professora da rede particular de ensino, tem 31 anos, atuando há 13 anos como professora de educação infantil. Possui formação em Pedagogia e Letras. A entrevista com ela foi realizada em uma sala nas dependências do ColégioX, com a ajuda de gravador. Daniela, desde o início, foi espontânea e, com isso, a conversa fluiu naturalmente. A professora demonstrou não só muito interesse em relação ao assunto abordado, como segurança em suas colocações. Falou de sua infância com carinho, de seu tempo de escola com um certo saudosismo e de sua profissão como alguém que gosta do que faz, que tem prazer no fazer docente.

Eroni é coordenadora pedagógica e também supervisora das Séries Iniciais e da Educação Infantil do ColégioX. Tem 54 anos e a mais de 10 anos tem trabalhado na coordenação e supervisão do referido colégio. É formada em Pedagogia e Psicologia. A entrevista com ela foi realizada na sala das professoras do referido colégio, com a ajuda do gravador. Apesar de ser uma pessoa bastante compromissada, logo evidenciou disponibilidade em colaborar com a pesquisa. Marcamos o depoimento e ele foi muito rico em informações interessantes a respeito do trabalho desenvolvido na referida escola. No depoimento de Eroni, suas memórias de infância fizeram aflorar um fato curioso que muito lhe marcou: quem lhe contava histórias era o guarda da biblioteca pública que ela freqüentava. Pouco falou sobre seu tempo de escola, mas muito falou sobre o exercício de sua profissão, pois acredita num resultado positivo que a prática de contação de histórias tem para o desenvolvimento das crianças.

Flávia é professora da rede particular de ensino do ColégioX, tem 29 anos, atuando há nove como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista com ela foi realizada na sala de professores da Educação Infantil da escola, com a ajuda de gravador. A professora Flávia falou com bastante entusiasmo e também com saudades de seu tempo de infância e de escola. De sua infância lembrou da história da Galinha Ruiva, pois algumas vezes que ouvia essa história fazia o pão junto com sua mãe. Eram momentos gostosos onde a história parecia virar realidade. Falou com muito carinho da sua profissão, contando como trabalha com seus alunos e da importância de contar histórias, ressaltando como tal prática foi fundamental na sua infância.

Marilei é professora da rede particular de ensino do ColégioX, tem 41 anos, atuando há 22 como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista com ela foi realizada na sala de professores da educação infantil da mesma escola, também com o apoio do gravador. A conversa fluiu quase naturalmente. Sua espontaneidade e o amor pelo que faz encanta quem ouve, pois cada momento que lembra proporciona uma viagem ao seu mundo. Sua infância, seu tempo de escola e sua profissão parecem estar integrados, pois muito de suas lembranças do tempo da infância e da escola se juntam à sua prática

profissional, como, por exemplo, quando diz que até hoje ainda conta a seus alunos histórias que lhe foram contadas quando criança.

Maristela é professora da rede particular de ensino do Colégio X, tem 36 anos, atuando há 16 anos como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista, realizada na sala de professores do referido colégio, também contou com a ajuda de gravador. Emocionada, falou de seu tempo de infância, recordando a história do Patinho Feio que muito lhe ajudou a enfrentar e aceitar a dificuldade que sentia em usar óculos. Com orgulho, lembrou da escola quando elogiada pela professora pelo lindo desenho que havia feito após ter ouvido uma história. Acha fundamental contar histórias para as crianças, pois elas podem ajudar muito no enfrentamento e aceitação de situações de vida.

Vânia é professora da rede particular de ensino do Colégio X, tem 27 anos, atuando há 9 como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista com ela foi realizada na sala de professores do colégio e o gravador foi o recurso utilizado. A conversa com a professora Vânia foi simples, rápida e sem rodeios. Era bastante sucinta ao responder. Parece lembrar pouco de sua infância e quando se refere a ela diz que a mãe não tinha muito o hábito de contar histórias. Segundo seu depoimento, quando a mãe contava história, contava sem fantasia, mas mesmo assim deixava os livros sempre ao alcance para que fizesse uso. Recorda que as poucas histórias que sua mãe contou foram significativas, deixando mensagens que hoje vêm à memória. Costumava brincar com as histórias ouvidas. De seu tempo de escola pouco fala, mas de sua profissão fala com entusiasmo, ressaltando que conta histórias para seus alunos porque acredita que elas deixam mensagens significativas.

Viviane é professora da rede particular de ensino do Colégio X, tem 36 anos, atuando há 16 anos como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista com ela foi realizada na sala de professores do colégio, tendo também o apoio de gravador. A professora fala com muito entusiasmo. Com um tom saudosista, lembra da sua infância. Lembra ter ouvido muitas histórias, de brincar com essas histórias e de compartilhar com sua melhor amiga sem ninguém sair aborrecida por ser um ou outro personagem. Fala com

carinho de seu tempo de escola. Como professora faz questão de destacar que contar histórias deve ser também uma tarefa dos pais e não só da escola. Para ela contar histórias é, em parte, lidar com história da vida, já que permite resgatar histórias das famílias.

Viviane C. é professora da rede particular de ensino do Colégio X, tem 30 anos, atuando há 12 anos como professora de Educação Infantil. Possui formação em magistério nível médio. A entrevista com ela também foi realizada na sala de professores do referido colégio, com ajuda do gravador. A entrevista transcorreu normalmente sem, contudo, alongar-se nas respostas. Falou da sua infância e de seu tempo de escola sem floreios, de maneira sucinta e sem muita emoção. Da sua infância contou que quem contava histórias de gibi era o pai. Do tempo de escola lembrou que a professora contava histórias, mas não informou maiores detalhes. Acerca da prática pedagógica cotidiana atual, afirmou que conta histórias para seus alunos porque tem como objetivo trabalhar o medo e a conduta. Foi uma entrevista rápida com respostas diretas. Viviane foi incisiva em suas respostas.

9 HISTÓRIAS DE QUEM CONTA HISTÓRIAS

As professoras, quando perguntadas se gostavam de ir à escola quando pequenas, responderam unanimemente que gostavam e algumas delas chegaram a dizer que adoravam. Cabe destacar a resposta de Stela que relembrou:

(...) ela [a professora] contou uma história e a gente fez um trabalhinho e, então, mostrou o meu para a turma; eu me senti muito orgulhosa por ela ter mostrado o meu e ter dito que tinha achado lindo.

Em relação à pergunta o que mais gostavam da escola encontrei uma certa diversidade nas respostas dadas pelas entrevistadas: Flávia disse que gostava da sala de brinquedos: “Me lembro que tinha um tanque dentro da sala de aula que a gente pintava nele”. Pode se deduzir que faziam pinturas, usando tinta e o tanque provavelmente servia para lavar os pincéis, colocar água nos potinhos, lavar as mãos e, provavelmente, fazer a limpeza necessária para deixar o ambiente em ordem. Já, Mari lembra de sua professora de um modo muito peculiar:

Eu sinto cheirinho de pó [da maquiagem] dela. Aquelas unhas vermelhas. Eu achava tão lindo, admirava tanto que eu sinto aquele cheirinho. Lembro da professora Maria Cândida e sinto o cheirinho do pó que ela usava.

A resposta de Stela é semelhante a de Flávia, destacando as brincadeiras:

(...) eu me lembro de ficar brincando no pátio de pega-pega e a professora pegava as crianças. Eu me lembro de brincadeiras de roda, do parquinho que tinha lá no colégio. Então, eu acho que são as brincadeiras que eu tenho mais claro na minha lembrança.

Para Juceli e Daniela o que mais gostavam era da hora do recreio. Juceli responde assim: “O que mais eu gostava era da hora do recreio”.

Também para a professora Vânia brincar com os colegas era o que mais gostava, mas lembra da sua professora. Com um certo saudosismo fala de sua sala de aula: “Eu me lembro que tinham as mesinhas redondas e que a gente sentava nas cadeirinhas coloridas. (...) dos livrinhos que havia. Tinha biblioteca na salinha”.

Com relação a estas reminiscências, Ane responde entusiasmada: “Ah! De tudo! Eu gostava muito. Eu gostava das minhas professoras. Acho que praticamente de tudo, ainda mais na fase da Educação Infantil. Tudo é encanto!”.

Quantas lembranças boas voltam à memória dessas professoras nesse momento que com carinho falavam de um passado não muito distante de suas vidas e de suas práticas. Relembrar ou ter a possibilidade de relembrar é poder trazer de volta à memória aquilo que parecia estar parado ou esquecido lá num cantinho, como alguma coisa que passou e nada deixou de herança. Quanto engano! Lembrar ou relembrar faz viver novamente aquele momento enchendo de graça e entusiasmo o presente, dando um novo significado para as nossas vidas. Lembrar é, então, reconstruir o que vivemos no passado com nossas experiências atuais. O que lembramos hoje vem carregado pelo passado, mas traduzido pelo presente. A lembrança tem marcas do passado misturadas às vivências do presente. Estas duas dimensões de tempo, articuladas em seu conjunto, ajudam a dar sentido à nossa vida.

Dando continuidade ao processo de evocar suas memórias, as entrevistadas foram indagadas se a professora, lá da infância, contava histórias. Com exceção da professora Flávia, todas disseram que ouviram histórias de suas professoras na infância, mas muito pouco ou quase nada lembravam acerca dos títulos de historinhas contadas: “Lembro que contava, mas, se tu me pedisse que histórias ou de que maneira ela contava histórias, lembro pouco” (Vânia). Já Viviane, em relação a essa pergunta, falou: “Lembro da rodinha, ela falando e contando histórias”.

Nesta mesma perspectiva, questionei se haviam ouvido histórias infantis fora da escola. Flávia respondeu que ouvia muito em casa. A mãe, o pai, a tia, a avó, todos contavam. Para Mari, era a *nona* e também a mãe. Fazendo toda uma referência aos costumes e tradições de sua família de origem italiana, afirma: “a *nona* e a mãe contavam histórias, e contavam não só historinhas infantis, mas contos que vinham da colônia”. Pode-se depreender que tais contos eram aqueles que passam de pai para filho e assim sucessivamente na escala hereditária. Interessante é que nessa pergunta a entrevistada faz a seguinte colocação:

Hoje eu ainda conto essas histórias para os meus filhos e até quando acontece alguma coisa que lembre de uma situação que tinha naquela história, eu fico pensando: a nona falava isso, a mãe contava isso. Eu acho que a história tem uma seqüência na vida da gente que marca um pouquinho.

Essa resposta me faz retornar ao já referido anteriormente neste trabalho: o conto infantil tem um valor muito importante para as nossas vidas, seja porque ele permite ressignificar vivências, possibilitar a resolução de problemas, colocar-se no lugar do outro, seja porque nos acompanha em nossa trajetória de vida, estimulando o pensar, permitindo que a gente volte no tempo e repense atitudes e comportamentos, muitas vezes auxiliando a fazer escolhas ou lidar melhor com as vicissitudes do cotidiano.

Para as entrevistadas Juceli e Daniela, quem contava era a mãe. Quando perguntada, Daniela respondeu: “Minha mãe costumava contar tanto para mim como para minha irmã”. Juceli, por sua vez, lembrou: “A minha mãe contava histórias pra nós” e completou seu pensamento com uma fala interessante fruto de sua memória que aos poucos vinha aflorando conforme lembrava: contou, então, que a sua professora, chamada Ana, também contava histórias.

Já para Eroni quem contava era um senhor que cuidava da biblioteca pública onde ela morava. Quando perguntei para Eroni quem contava histórias, ela respondeu:

Não era uma bibliotecária, não era uma professora, era o guarda, um senhor que gostava de contar histórias. Às vezes ele nos reunia durante o dia para contar histórias. Penso que essas lembranças infantis me fizeram construir junto com as professoras do ColégioX esses projetos que ocorrem na escola.

Eroni, enquanto vai falando sobre as lembranças de sua infância, diz ainda que:

Também penso que o gosto pela contação da história vem da minha infância, onde eu tinha perto da minha casa uma biblioteca pública. Enquanto a maioria das crianças optava pelos balanços e pela bola eu optava por isso [ouvir histórias durante o dia].

Ainda dentro deste tema, cabe destacar o que Stela fez questão de afirmar:

Minha mãe me contou Patinho Feio. Eu chorei com o Patinho Feio, mas foi a minha mãe que me contou. Depois isso ficou muito marcado e, assim, depois, toda a vez que eu ouvia essa história, eu lembro que chorava, porque eu usava óculos. Eu uso óculos desde os quatro anos de idade. Isso foi ruim no começo até que eu me habituassem. Foi complicado a adaptação com o óculos, acho que por isso me identifiquei com o Patinho Feio.

Mais uma vez a resposta vem ao encontro das colocações já feitas no trabalho como, por exemplo, quando se diz que através do conto infantil a criança tem a possibilidade de se identificar não só com o personagem, mas também com o tema que a história aborda⁸.

A professora Vânia, por sua vez, quando perguntada sobre quem lhe contava histórias, respondeu que era em casa que as ouvia. Seu depoimento, porém, tem uma particularidade que merece ser ressaltada:

A minha mãe até não contava muito, até por uma questão de cultura. Ela também não teve quando criança, mas ela sempre tentou proporcionar para a gente livros. Ela sempre procurou comprar, deixar à mão em casa para a gente e contava, mas não muito. Contava do jeito dela, uma coisa mais caseira, só a leitura do livro, e não uma contação com fantasia.

Ainda com respeito a esta indagação, Viviane respondeu que quem contava histórias eram as irmãs mais velhas e a mãe. Além disso, lembrou também: “Eu freqüentava a escolinha dominical onde ouvia bastante histórias. Toda a vez que eu ia à escolinha dominical era uma história diferente”. Já as reminiscências de Ane introduzem o sujeito masculino: “A minha mãe, o meu pai. O meu pai lia mais gibi. Ele nos colocou muito o hábito da leitura através do gibi”. Como se pode verificar,

⁸ Patinho Feio conta à história de um patinho que por ser diferente sofre o preconceito de todos até que ele consegue se identificar com um grupo igual a ele. Com isso, ele passa a viver melhor e mais feliz. Todos nós temos a necessidade de nos identificar e também de acomodar certas situações que enfrentamos para que o viver não se torne tão caro e tão difícil, mas sim, um pouco mais agradável. Identificar-se não só com o personagem, mas também com o tema é poder enxergar-se a si próprio e ao mesmo tempo enxergar o outro. Isso faz com que eu olhe um pouco mais ao meu redor e veja que muitas situações que vivo ou que vivi são semelhantes ao do outro. Esse é também um valor que o conto tem, porque ele permite que eu entre não só no meu mundo, mas no mundo do outro e com isso passo a formar opiniões e conceitos através de reflexões. E é justamente, a possibilidade de refletir que me ajuda a formar conceitos e opiniões sobre as situações vividas e assim, acomodá-las melhor.

contar histórias é uma questão cultural que faz parte dos nossos costumes e tradições; o fato de ser através de quadrinhos, nem por isso perde o seu valor, pelo contrário, sempre traz um aproveitamento tanto para quem lê como para quem escuta, pois cada um vai usá-lo de acordo com o seu momento e com a sua idade.

Insistindo um pouco mais nas lembranças, as entrevistadas foram questionadas se lembravam mais efetivamente de algumas histórias que ouviram na infância. As respostas foram variadas, mas os contos clássicos parecem ocupar lugar de destaque: “Lembro de várias, mas a que eu mais gostava era a da Galinha Ruiva⁹”.

Mari, que fez alusão à mãe e à *nona*, não faz referência específica a títulos de histórias que estas teriam contado, mas lembra que a professora contava Peter Pan. Vânia, quando perguntada, respondeu: “Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos e Cinderela”. Ane contou: “A minha mãe contava Chapeuzinho Vermelho. Ela me contava também a história do Bicho Folha, que era um macaco. A minha irmã contava a da Cinderela. Já Viviane lembrou com muita convicção “os clássicos: João e Maria, Os Três Porquinhos e Branca de Neve”.

A professora Juceli lembra que: “A maioria delas eram lendas como a do Saci. Na época ela [a mãe] contava a história do Saci. Já tinha!” Ou ainda, como diz a professora Daniela:

Ela [a mãe] inventava muitas histórias e eu lembro de uma, mas não do nome. É uma que tinha uma princesa, que deitava sobre muitas cobertas, que se fosse realmente uma princesa teria que sentir um grão de ervilha que estava embaixo da última coberta de tantas que estavam em cima, uma

⁹ A Galinha Ruiva conta a história de uma galinha que achou um grão de trigo no quintal e que antes de plantar, de colher, de debulhar e de levar o trigo ao moinho para ser moído e virar farinha perguntava ao pato, ao gato e ao cão se queriam ajudar. Mas eles nunca queriam ajudar e a galinha acabava fazendo tudo sozinha. A galinha ainda perguntou a eles se queriam ajudar a fazer o pão e mais uma vez eles disseram que não. Então, a galinha fez o pão, que por sua aparência, parecia estar muito gostoso e aí a galinha mais uma vez perguntou quem agora iria comer o pão e, por incrível que pareça, todos responderam que sim. A galinha ficou muito brava e não deixou ninguém comer um pedacinho sequer do pão, pois nada haviam feito e ainda chamou-os de preguiçosos. No final da história está escrito assim: “Chamou os pintinhos e repartiu o pão com eles. O gato, o pato e o cão ficaram muito tristes e aprenderam o quanto é feio ser preguiçoso”. A história é de Chimney Corner Stories e pode ser encontrada também na coleção O Mundo da Criança – v.3., 1949, p.08 – Histórias de Fadas.

em cima da outra. No final da história descobriram que ela era uma princesa, porque havia sentido o grão de ervilha¹⁰.

Eroni lembra do nome da história e diz: “Na verdade uma história que para mim teve um significado é uma história religiosa. Eu não sou religiosa, sou leiga. Na verdade a história que teve um significado grande para mim foi à história do José do Egito”.

Ainda com relação às lembranças da professora Daniela quanto ao fato de sua mãe às vezes inventar histórias faz parte ou fez parte da infância de muitas crianças e, que quando nos tornamos adultos elas (essas lembranças) parecem voltar a nossa memória como algo prazeroso e que nos dá saudades.

É o que nos diz Abramovich (2003, p.10) em seu livro *Literatura infantil: gostosura e bobices*:

Meu primeiro contato com o mundo mágico das histórias aconteceu quando eu era muito pequenina, ouvindo minha mãe contar algo muito bonito todas as noites, antes de eu adormecer, como fosse um ritual. Lembro de sua voz contando “João e Maria” e das várias adaptações que criava em relação à casa da bruxa, sempre sendo construída com todas as comidas de que eu gostava. Havia outras, onde eu era a personagem principal, que ela ia inventando ao sabor dos acontecimentos da cada dia. Um salgueiro que ela dizia chamar-se Fanny porque chorava muito, como eu, e até hoje recordo da minha genuína decepção ao descobrir que não era igual ao meu o nome da tal árvore. Acalentava-me com variações de a “Mindinha”, de Andersen, que eu adorava por ser uma personagem petítinha de tamanho, como eu, e todos os objetos que a cercavam serem diminutos. (A identificação com a personagem era total!).

Realmente, quando a criança ouve ou lê a história ela, por suas vivências, por seu tipo físico e até mesmo por ter vontade de ser como aquele ou aquela personagem se identifica e, se identificando, interage, entrando no mundo da fantasia, mas fazendo a relação com a sua vida com o seu momento vivido.

¹⁰ A história que a professora Daniela se refere é *A princesa e o grão de ervilha* – a ervilha está colocada embaixo do último colchão, isto é, são vários colchões colocados um em cima do outro, a ervilha está em baixo do último colchão de baixo para cima. A menina, segundo a história, realmente sente o grão de ervilha e é, então, dada como princesa.

Uma pergunta diretamente relacionada à anterior foi em seguida acrescentada em cada uma das entrevistas: por que elas lembravam dessas histórias? Vejam só o que responderam:

Não sei se é pelo jeito que a minha mãe contava ou porque nós tínhamos um livro - temos até hoje - que é *O Mundo da Criança*. Eu lembro que não podia ficar olhando toda a hora, e quando podia, tinha que ser com muito cuidado. Aquele livro que tinha a história da Galinha Ruiva, ela [a mãe] deixava. Das histórias era o que ela deixava a gente pegar, não que os outros não se pudesse, mas aquele era livre e eu adorava o desenho que tinha lá [da Galinha Ruiva] (Flávia)¹¹.

A professora Mari lembra da história do Peter Pan, dizendo que era apaixonada por ele, porque “ele ajudava as crianças”. Já Stela, conforme já enfocado anteriormente, lembra da história O Patinho Feio, porque ele não era, aparentemente, igual aos outros patinhos e, como ela usava óculos, se sentia identificada com ele, diferente das demais crianças.

Em sua resposta, a professora Juceli lembra das histórias contadas, porque acredita que tinha vivido situações parecidas, como aquelas narradas. Em suas palavras Juceli diz assim:

Hoje a gente tem uma compreensão maior, a gente entende que é porque a gente vivia situações parecidas. Claro a gente se transportava para a história e a gente gostava de escutar. A gente vivia aquela história. Tu trazias para ti aquela história.

Já Eroni, que fez referência à história “José no Egito” diz não saber explicar o motivo pelo qual relia tantas vezes, mas, hoje, acredita ser pela busca de José, “talvez a caminhada de José tenha tido um significado importante para mim” (importância na sua caminhada profissional?).

¹¹ Evocar a história da Galinha Ruiva fez lembrar-me por um instante da minha infância, pois adorava olhar as gravuras das histórias desse livro, eram encantadoras. Tive o impulso e fui até a estante pegar tal livro. Lembrei com saudades, muito bom poder olhar novamente aquelas gravuras e entrar no mundo da imaginação. Realmente, eu não sei o que acontece, mas as gravuras desse livro são especiais, são mágicas e, por isso, permitem viajar pelo mundo da imaginação. Parece que se entra na história. Senti até uma certa emoção quando, depois de tantos anos, estava folheando novamente, junto da minha filha. Pude dizer a ela que eu adorava olhar aquele livro, recheado de gravuras tão bonitas.

Daniela lembra da história “A Princesa e o Grão de Ervilha”, porque o final foi surpreendente, isto é, ela consegue provar que é uma princesa. Colocou também que se identificava com essa personagem, a princesa. Em suas palavras diz assim:

Talvez eu me lembre dela porque o final foi surpreendente. Assim como as crianças esperam, eu também esperava pelo final. Então, eu esperava por um final feliz, eu esperava que ela fosse, realmente, uma princesa, apesar dela estar meio tipo gata borralheira no início da história. Então eu me identificava com ela. Eu queria estar naquele momento.

Quanto ao final feliz parece que, realmente, esperamos por ele como algo necessário para nos dar a força que precisamos para encarar nossas dificuldades, nossos problemas e buscar a resolução dos mesmos que, muitas vezes, visualizamos através das soluções que as histórias nos apresentam. Parece que esses finais felizes ou as soluções dadas ao final das histórias nos ajudam a perceber que os problemas existem, mas podem ser resolvidos, que nada é definitivo, e como é bom saber que existem soluções.

Para Ostetto (2000), em *Encontros e Encantamentos na Educação Infantil*:

A já conhecida solução final positiva dos contos de fadas passa para a criança uma imagem otimista de mundo, indicando que os problemas até existem, mas que devem ser enfrentados e podem ser resolvidos.

Continuando a entrevista, perguntei o que mais chamava a atenção quando ouviam histórias. Flávia respondeu que:

Na verdade, as histórias não tinham muitas figuras, porque elas eram mais oralizadas, então, era bom, porque a gente ficava imaginando como seria aquilo, mas era bom também ver as figuras. Era bom quando havia gravuras.

A professora Juceli, quando questionada sobre como a mãe contava histórias coloca que, primeiramente, a mãe contava histórias orais, porque não tinha livro. Porém, em seguida, na mesma resposta, ela acrescenta: “Tinha histórias que ela lia, sim”. São lembranças que aos poucos vão surgindo no pensamento e passam a fazer parte da memória. A professora diz, ainda, que:

O que mais me chamava à atenção era também a importância que ela dava para a situação. Ela [a mãe] frisava mais o lado que ela queria nos passar. Então, a gente sempre procurava tirar o lado bom da história. Ela sempre queria nos passar aquela coisa boa da história. Isso era o que mais me chamava atenção, o fato dela não despertar tanto o lado negativo, mas sim puxar aquela coisa boa trazendo para a nossa educação, porque ela sempre se preocupou muito com a nossa educação.

Desde que há registro na história sobre contos sabe-se que eles eram transmitidos oralmente entre as pessoas e, assim, foi se estendendo por gerações. Essa foi a primeira forma, a forma oralizada, de contar histórias. Com o passar do tempo é que apareceram os livros com figuras. Contudo, é possível dizer que a forma oralizada de contar histórias, sem mostrar figuras, permite entrar no mundo da imaginação mais naturalmente, isto é, sem a influência que a gravura em si possa proporcionar. Por outro lado, a gravura ou figura possibilita também o embarque no mundo da imaginação que, nesse caso, se dá através de todo esse conjunto (figuras ou gravuras) que formam o cenário onde a história está acontecendo. Por isso, mostrar ou não mostrar gravuras é uma questão de opção de quem conta, pois tanto uma como outra permite estabelecer conexões com o mundo da imaginação, ainda que de forma diferente. É preciso saber em que momento uma das opções é fundamental para fazer aflorar viagens imaginárias.

A professora Daniela comenta que o que mais lhe chamava a atenção era a forma como a mãe contava as histórias: "(...) ela ia lendo e só virava um pouquinho o livro e voltava. O que mais me chamava atenção era a forma como a minha mãe colocava, contava as histórias". A professora entrevistada vai fazendo os gestos para mostrar como era esse movimento que a mãe fazia para mostrar as gravuras da história.

Para Coelho (2004, p.39) as gravuras favorecem, sobretudo, crianças pequenas, permitindo que elas observem detalhes e contribuem para a organização de seu pensamento. Isso lhes facilitará mais tarde a identificação da idéia central, fatos principais, fatos secundários. Já Busatto (2006, p.61) reconhece na narração oral três categorias de imagens: imagens verbais, imagens sonoras e imagens corporais. A imagem verbal é a paisagem que se forma a partir de um texto dado que se transforma em imagens para o ouvinte e provoca um estado de espírito que

desperta emoções. Já as imagens sonoras são pequenos recursos poéticos propiciadores de encantamento, pingos de deleite para os ouvidos do espectador da história narrada. Por fim, as imagens corporais, aquilo que é desenhado pelo corpo maleável do narrador. De um simples gesto à coreografia. A imagem corporal, antes de ser uma mímica da ação, é um traço que preenche o espaço, traz a forma, o contorno, tem peso, consistência, direção e dimensão. Provoca no ouvinte-vidente uma condição para imaginar a cena construída. Contar histórias implica criar imagens no ar e dar corpo ao que até então era inexistente.

Continuando com essa abordagem, Busatto (2006, p.65) nos diz que diversos são os caminhos que nos levam ao imaginário e aponta duas vias de acesso à formação de imagens: a via da visão e a via da audição - e uma via de fixação: a via do afeto. Portanto, o desenho mental é uma forma inicial de apreender o mundo e que o imaginado é, a um só tempo, dado e construído. Na maioria das vezes o contador de histórias segue o caminho que parte da palavra para a formação das imagens e o receptor de uma história se torna simultaneamente ouvinte e vidente dessas histórias. Ele acompanha com o olhar os movimentos do corpo do narrador, enquanto este cria imagens corporais, que vão tecendo uma teia de significados no espaço, em que as histórias soam e emanam as suas magias. Ao projetar as imagens no ar, ao construir uma ação narrativa, o contador solicita o sentido da visão, mas essa é também uma visão interna, aquela que é capaz de ver o não-palpável e, mesmo assim, se encantar com o que vê. É ainda Busatto (2006, p.67) quem afirma que a visão é como uma porta de entrada para o imaginário. Está relacionada ao afeto que permeia as imagens.

Nesse sentido, retomando os depoimentos colhidos, cabe assinalar que para Mari o que mais chamava a atenção era o jeito da pessoa contar. Em relação a isso ela diz: “Até o olhar, porque eu acho que o olhar transmite cumplicidade. Então, até mesmo um envolvimento maior, a voz. A *nona* ficava sentada e contava. Era uma coisa boa. Até dá saudades de ouvir aquela voz contando as coisas. A voz, o olhar...”.

Contar histórias requer do contador um envolvimento das expressões do corpo que está ligada à afetividade. Dentre essas expressões está o olhar. Ele

demonstra afetividade e, conforme a entrevistada, transmite cumplicidade. Em outras palavras, não podemos esquecer que quando contamos histórias transmitimos emoções e afeto, demonstrados principalmente pelo olhar e pela fala. Também temos que lembrar que quando contamos histórias invadimos a intimidade dos pensamentos, das emoções e das vivências de quem as ouve, de forma direta ou indireta. Por isso, muitas vezes, acabamos sendo cúmplices dos momentos mais significativos da vida dos que nos ouvem.

Ainda com relação ao que mais chamava atenção na experiência de ouvir histórias, uma das entrevistadas (Stela) disse:

Acho que o personagem, ou os personagens. A minha identificação com as princesas, com Branca de Neve, com a Bela Adormecida. Acho que era com os personagens. Lembro que eu levava para casa os livros da Branca de Neve, da Bela Adormecida, da Cinderela. Então, acho que eram os personagens. Esse mundo meio mágico.

Para Vânia o que mais lhe chamava a atenção era o que acontecia: “O que acontecia durante as histórias. Toda a vez que tu contas a história, nunca a ouves da mesma forma, tu sempre fantasia mais e cria mais para ti”.

Em relação a isso, cabe assinalar mais uma vez a importância às associações e às identificações que o ouvinte, e até mesmo o leitor, faz quando ouve ou lê uma história. A identificação se dá não só com o personagem no que se refere ao seu tipo físico, seu jeito de ser, mas também com o tema que a história aborda. A cada vez que ouvimos uma história damos novos significados as nossas vivências, ou melhor, aproveitamos a história de acordo com o nosso momento, por isso cada vez ela nos parece diferente. Cada vez que lemos novos elementos surgem outras falas que prendem a nossa atenção e, com isso, fizemos novas reflexões. Por isso, a releitura nunca é a mesma. Essa nova leitura (ou escuta) guarda outros significados importantes que serão fundamentais para elaborar e acomodar sentimentos.

É importante destacar, ainda em relação ao comentário acima, as explicações feitas por Eroni em referência à história José do Egito¹²:

Na verdade uma história que para mim teve um significado é uma história religiosa, a história do José no Egito. Eu relia muitas vezes e não sei explicar o motivo, mas talvez a busca de José tinha um significado muito grande pra mim.

Tal depoimento nos reporta a Bettelheim (2003, p.72):

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele, uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito à compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. Só então, as associações livres da criança com a história fornecem-lhes o significado mais pessoal, e assim ajudam-na a lidar com problemas que a oprimem.

Quanto a essas lembranças, é Craidy e Kaercher (2001, p.80) quem vem ao nosso encontro:

Quem de nós não lembra de uma história em particular, contada por alguém querido, de um modo especial que, talvez por isto mesmo, até hoje somos capazes de relembrar: fadas, reis e rainhas, florestas mágicas, loucas aventuras, romances, histórias familiares, poderes gigantescos que, por

¹² Na verdade o título da história é José no Egito. A história conta que José era um dos 12 filhos de Jacó. Tinha a capacidade de revelar o significado dos sonhos, e também tinha visões. Um dia, contou que teve uma visão: estava toda a sua família reunida no campo colhendo trigo. O feixe de trigo que estava com José ficou em pé. Isso, naquela época, significava que José seria rei. Os irmãos de José ficaram com inveja e resolveram vendê-lo como escravo a um mercador. Para o pai, porém, deram entender que ele havia morrido. José foi levado ao Egito e nomeado administrador do chefe do exército. Mais tarde José foi preso devido às mentiras da esposa de seu chefe. Passado um tempo o faraó teve um sonho e queria saber o que significava e a única pessoa que sabia interpretar sonhos era José. Então, o faraó mandou chamá-lo e lhe contou o sonho. José revelou-lhe o significado dizendo que haveria sete anos de muita fartura, e depois sete anos de miséria e sugeriu que para evitar os anos de miséria alguém teria de cuidar dos alimentos. José passou, então, a cuidar dos alimentos do Egito. José, muito sábio, ouvia sempre a opinião dos outros (ministros, sacerdotes) procurando conhecer a experiência de todos. José tornou-se um homem reconhecido. Fato é que em Canaã seu pai e seus irmãos passavam por dificuldades por falta de alimentos. Jacó, seu pai, mandou alguns de seus irmãos para o Egito para comprarem provisões. Chegando lá, José reconheceu seus irmãos, mas eles não o reconheceram e ele resolveu dar-lhes uma lição, fazendo com o irmão mais novo o que fizeram com ele. Na verdade José queria testar a reação dos outros irmãos. Desesperados, os irmãos suplicaram a José que não vendesse Benjamim (seu irmão mais novo) e disseram: há muito tempo, vendemos nosso irmão José e nos arrependemos muito. José percebendo que foram sinceros, contou-lhes que era o irmão vendido e pediu que voltasse para Canaã e trouxessem o pai e toda a família para o Egito. José era um homem sábio e bom e jamais pensou em vingança. A história termina dizendo que José, antes de morrer, profetizou que os hebreus voltariam para Canaã, a terra prometida.

alguns instantes eram nossos... faziam parte do nosso mundo. Eram histórias que nos faziam acreditar e realizar tudo, ou quase tudo.

Segundo a autora, se fizermos um esforço de memória, perceberemos que não eram apenas os textos que prendiam nossa atenção: o tom de voz de quem contava a história (enchendo de vida cada personagem), o local onde nos instalávamos (a cama quentinha, o sofá, uma almofada macia) que mais gostávamos eram elementos que nos cativavam, que nos faziam desejar ouvir mais. Todos estes elementos, e muito mais, tornavam o momento de ouvir histórias um momento especial. É destas práticas, de ouvir e contar histórias, que surge a nossa relação com a leitura e a literatura. Portanto, quanto mais acentuarmos no dia-a-dia da escola Infantil estes momentos, mais estaremos contribuindo para formar crianças que gostem de ler e vejam no livro, na leitura e na literatura uma fonte de prazer e divertimento.

Ainda no que diz respeito a tais recordações, Ane fez menção a aspectos que lhe ficaram marcantes porque certamente ultrapassaram razões comumente apontadas:

Bom, primeiro, porque a gente sentava no colo para ouvir a história ou estava deitada na cama ao lado da mãe, tinha a atenção da mãe ou da irmã. Porque a gente imaginava aquela história, entrava no mundo da fantasia e transferia para a gente muita coisa... Que nem a história da Cinderela, era o sonho da gente se tornar uma Cinderela, achar um príncipe encantado. A gente se parecia com ela.

Viviane relembrou que chegar ao final da história era fundamental: “A gente sempre fica aguardando o final. Que o final fosse um final feliz”.

Em outro momento do trabalho já comentei sobre o *final feliz*, que é uma forma positiva de pensar que muitos dos problemas possam ser resolvidos. Ele sugere possibilidades de encarar os conflitos e dar solução a eles. Posso dizer que, quando ouvimos ou lemos uma história, esperamos o final dela para ver o que aconteceu, como terminou, se a expectativa que se tinha para o final tornou-se realidade. Se a história acabar com o final que eu estava esperando parece que um sentimento de alívio toma conta de mim e esse sentimento me dá forças, coragem e esperança para buscar um final feliz para a minha própria história.

Parece importante também lembrar, nesse caso, o que Bettelheim (2003, p.35) diz sobre o final feliz. Segundo ele, longe de fazer solicitações, o conto de fadas reassegura, dá esperança para o futuro, e oferece a promessa de um final feliz. E complementa:

As figuras e situações dos contos de fadas também personificam e ilustram conflitos internos, mas sempre sugerem sutilmente como estes conflitos podem ser solucionados e quais os próximos passos a serem dados na direção de uma humanidade mais elevada.

O médico e psiquiatra Gutfreind (2004, p.26), em seu artigo Contos e Desenvolvimento Psíquico, reitera as idéias citadas acima dizendo que: “A existência de um final feliz evoca os processos de reparação, tão caros ao bom desenvolvimento emocional da criança”.

Voltando às entrevistadas, a seqüência de perguntas permitiu que discorressem acerca do que faziam depois de ouvir uma história. Houve aí uma diversidade nas respostas. Flávia disse:

A gente queria fazer aquilo que estava na história. Por exemplo, da Galinha Ruiva, dava vontade de fazer pão e como sempre tinha essa possibilidade, se fazia, claro que não todas às vezes que a história era contada. Normalmente, se fazia alguma coisa daquela história ou ia brincar daquilo. Tinha a história de um gigante que tinha um martelinho, então a gente queria pegar o martelinho e os preguinhos para pregar uma madeirinha.

Mari disse que costumava ficar pensando sobre a existência ou não, por exemplo, de bruxa. Stela lembra que na escola brincavam muito de desenhar, em casa não, tanto que ela disse: “Em casa eu lia, mas não trabalhava com a história”. Já Vânia costumava trazer as histórias ouvidas para as brincadeiras:

Na minha casa a gente tinha o sótão, o sobrado. Lá em cima era o lugar onde a mãe deixava a gente brincar. Tinha um colchão velho e umas cadeiras. As histórias que ela me contava, eu levava para a minha brincadeira lá nesse lugar. O que acontecia nas histórias eu trazia e me colocava no papel desses personagens.

Da mesma forma, a professora Ane comentou:

Com certeza eu e a minha vizinha brincava [sic] de Cinderela. Só que nós duas éramos gêmeas. Na nossa história nós modificávamos um pouco, porque as duas queriam ser a Cinderela, então, as duas eram irmãs gêmeas. Lembro que a gente já tinha até o lugar onde era o castelo, porque era a área da casa da minha mãe, que tinha uns pilares. Lembro disso bem direitinho.

Juceli contou que brincava, ou melhor, “nós brincávamos. A gente brincava e também fazíamos trabalhinhos. A gente fazia desenhos em cima da história” [refere-se aqui as atividades de sala de aula].

Já Daniela disse que fazia mais representação. Então ela colocou assim:

Mais representação. O desenho nem tanto. Mais na dramatização da história. E nós costumávamos usar coisas de casa para brincar de teatrinho e chamávamos os primos pequenos. Eles tinham que ajudar a representar (os personagens) e, assim, era uma flor, era um *bouquet*, uma cadeira era o trono (coisas da casa) e, então, fazíamos o teatrinho.

Como se sabe, muitas histórias possibilitam o brincar, que não se restringe apenas ao campo da linguagem, mas também o físico que inclui a dramatização e o jogo do faz de conta. Tanto o brincar com a linguagem, como com o físico, tem aproveitamento muito grande no que diz respeito a ressignificação que fizemos de nossas vivências. Uma não está dissociada da outra e são fundamentais para o desenvolvimento da criança em suas especificidades afetivas, emocionais, sociais e cognitivas.

Ainda em relação a está pergunta, a professora Viviane disse:

Eu lembro de um livro que eu tinha que era uma casinha de bonecas. Ele abria e apareciam todas as partes da casa. Conforme ia abrindo, as peças iam aparecendo e a casa se montando. Eu amava esse livro. Eu me imaginava brincando naquela casinha de bonecas.

Mais adiante segue a entrevista, agora interrogando sobre qual a opinião delas em relação à importância da Educação Infantil para a formação das crianças.

Unanimemente responderam que era fundamental. Para a professora Flávia, a Educação Infantil é:

Extremamente importante, porque eles já estão vivendo antes da primeira série. Eles não começam a viver na primeira série. Então, tudo o que se pode fazer para que eles possam organizar suas vidas, para que tenham contato com outras crianças, sistematizações diferentes de suas casas e, também, com o próprio conteúdo de aprendizagem, o conhecimento que já é organizado pela humanidade. Acho importante e, quanto antes, melhor. Obedecendo, claro, cada fase.

Quando perguntada, a professora Mari respondeu:

É super importante porque ela (a Educação Infantil) trabalha todo o desenvolvimento, isto é, desenvolve muita coisa, todas as fases e tudo o que é preciso, tanto na área afetiva, cognitiva, psicomotora e até espiritual. Então, tudo isso é um trabalho que é preciso desenvolver. A gente até percebe que as crianças que não fazem Educação Infantil têm dificuldades de relacionamento, que é a questão da socialização e tudo isso é muito importante.

Stela segue a mesma linha de argumentação, enfatizando que:

A Educação Infantil é muito importante, principalmente agora, para poder resgatar esse universo da imaginação que, às vezes, a TV traz muito pronto ou eles têm muito estímulo, e parece que eles não param para olhar melhor, para ver com os olhos da imaginação.

Vânia, por sua vez, em relação a está pergunta, afirma:

É um período em que eles vão poder vivenciar inúmeras situações com os outros, com diferentes oportunidades, diferentes situações, diferentes matérias, de várias formas. Acho que a Educação Infantil é importante, sim, porque traz uma riqueza muito grande em todas as áreas para a criança.

E Ane, entusiasmada, desdobrou suas idéias:

A Educação Infantil é muito importante, porque é na Educação Infantil que a criança pode se preparar para a série seguinte. Ainda, é o lugar onde a gente trabalha com a questão lúdica da criança, onde trabalha o acolher a criança, o emocional da criança. Trabalham-se muitas histórias infantis. Eu sei que eles trabalham também nas outras séries, mas a Educação Infantil é um lugar onde a história ainda encanta de um jeito diferente. Tu consegues trabalhar valores, conteúdos ou situações de sala de aula com eles. A história infantil ainda envolve bastante a criança, apesar de toda a tecnologia, informática, televisão. A história infantil te deixa perto do aluno, tu consegues chegar mais perto dele, consegues transmitir mais o seu eu através da escuta da história e, depois, conversar ou brincar.

Daniela também acha a Educação Infantil fundamental para a formação da criança e faz o seguinte comentário:

Eu não consigo imaginar por que algumas crianças não freqüentam a Educação Infantil, se por falta de coragem dos pais ou por questões financeiras e, hoje, até nós comentávamos muito, eu e minha irmã, porque ela é alfabetizadora numa escola municipal em Joinville, e eu sempre trabalhei em escola particular, e ela me contou muito de crianças que chegam na 1ª série sem ter freqüentado a Educação Infantil e têm muitas dificuldades (em recortar, colar, pintar, em relacionar-se, enfim em outras habilidades). É essa vivência, esse amadurecimento que é fundamental na questão da Educação Infantil.

Para a professora Juceli, da mesma forma que as demais, também acha fundamental a Educação Infantil, porque conta histórias. Ela faz a seguinte colocação:

Eu acho. Hoje, que eu trabalho com o pré, eu observo como as crianças gostam do momento em que a gente está contando história. De repente um dia, é que não são todos os dias que eu conto histórias, mas se um dia eu esqueço, não é que eu esqueço, não está na programação, eles (os alunos) cobram. A gente sabe que eles se reportam para aquela situação que a história coloca e que faz parte da vida deles e por isso é importante. Claro que é importante.

Conforme se pode depreender, as respostas das professoras entrevistadas são fundamentais para entender a importância da Educação Infantil para o desenvolvimento das crianças. O que se trabalha nessa etapa da escolaridade será a base não só do aprendizado (cognitivo), mas também da formação no que diz respeito à afetividade, a socialização, a dimensão emocional.

Além das reminiscências, a entrevista contemplou também perguntas a respeito de como elas, enquanto professoras hoje, encaram a rotina nas propostas de Educação Infantil. Em geral responderam que sim, com exceção da professora Juceli. Perguntadas acerca de quais atividades da rotina consideravam mais importante para a formação das crianças, houve respostas diversas. Mari, por exemplo, respondeu:

Acho que dentro da rotina são as de hábitos e atitudes que a gente trabalha todos os dias. A história também, porque uma aula pode começar através dela. É no momento da rodinha que coloco para eles o que nós vamos

trabalhar naquele dia. Então, quando a professora diz “vamos lá para o cantinho” e fala “Era uma vez”, eles já sabem que vai ter historinha. Todos os momentos da rotina da turma da Educação Infantil são importantes, mas têm alguns que precisam ser mais trabalhados.

Sabemos que a expressão “Era uma vez” prepara a entrada para o mundo da imaginação, cria uma expectativa, atraindo assim uma atenção especial de quem aguarda o início da história. Para Coelho (2004, p.52),

O “Era uma vez” levanta a cortina de um mundo novo que, se escapa à realidade imediata, suscita em troca uma realidade simbólica dotada de uma intensidade tal que as reações que nela se dão podem tomar um matiz às vezes fascinante.

Ainda com relação à rotina diária, Stela considera dois momentos importantes: “o momento da história e o momento do pátio. Tanto essas atividades sendo orientadas ou não, considero as mais importantes da rotina”. Em relação a esta pergunta, Vânia faz a seguinte colocação: “Eu acho que a rotina em si já é muito importante, porque a criança consegue se organizar no espaço onde está”. A professora comenta que a rodinha é o momento em que a criança tem a oportunidade de falar sobre o que sente, o que aconteceu quando volta à escola, no dia seguinte, - isto é, a criança conta o que aconteceu no espaço de tempo em que se ausentou da escola, o que está sentindo ou, ainda, como está se sentindo e pode trazer, inclusive, alguma novidade, contar alguma novidade, a novidade do dia. Ainda com respeito a este tema, disse Vânia:

O momento que a gente tem da própria contação de histórias, porque normalmente - não é via de regra, mas na maior parte das vezes - a gente acaba introduzindo coisas com a contação de histórias. Então, esse momento eles esperam. Para eles é uma expectativa grande e, em toda a história que tu vais contar, tu sempre traz [sic] alguma coisa junto, isto é, tu crias uma fantasia com aquela história. Então, eu acho que esse se torna um dos principais momentos.

No que se refere à rotina, a professora Daniela também adota e faz a seguinte argumentação:

Sim, nós adotamos rotina no ColégioX, e nas outras escolas que eu trabalhei também sempre acontecia uma rotina, porque eles (as crianças) prevendo, eles se estruturam, se organizam na rotina e, a partir disso, é

mais fácil de tu trabalhares os limites, as regras e dar andamento as atividades.

A esse respeito, Daniela acrescentou:

Eu costumo, não só porque estamos falando de contação de história, mas eu costumo ler todos os dias uma história para eles. Também eu acho muito produtiva a rodinha. A partir da rodinha, é que a gente tem mais ou menos um termômetro (pode tirar a temperatura, ver como as coisas estão andando), porque a partir da rodinha é que eu trabalho o meu dia todo. Eu vejo como eles estão, porque têm dias que estão mais agitados, têm dias que estão mais calmos e eu noto isso na rodinha. A mesma rodinha desde o início do ano, é lógico, não vai ser igual a do final do ano, mas eu percebo como as crianças vão se soltando mais. O limite, a questão de esperar a vez, de trazer uma novidade de casa, porque no geral não sei se acontece com as tuas crianças também, quando eles têm que contar alguma coisa da escola em casa, eles dizem apenas que foi legal, mas não contam detalhes do que fizeram na escola. Então, eu percebo que cada vez mais na rodinha eles vão colocando os seus sentimentos, as suas emoções, o que não foi legal.

Dando continuidade ao assunto, na mesma entrevista ainda completou:

A gente até tenta fazer a rodinha no fim do dia se foi feita uma atividade diferente, por exemplo, de passeio, naquele dia. Então, no final do dia eu pergunto para eles como eles tinham se sentido, sair da escola, estar num ambiente totalmente diferente. Acho que ainda a rodinha é a mais importante. Não é via de regra, mas na maior parte das vezes a gente acaba introduzindo coisas com a contação de histórias. Então, esse momento eles esperam. Para eles é uma expectativa grande e, em toda a história que tu vais contar, tu sempre traz alguma coisa junto, isto é, tu crias uma fantasia com aquela história. Eu acho que esse se torna um dos principais momentos.

Ane, assim como Vânia, também destaca a rodinha:

A gente senta e tem um tema para a rodinha do dia. Esse tema é trazido por mim ou pelo aluno. Um assunto interessante ou alguma situação de sala de aula que está acontecendo ou uma situação de colégio como, por exemplo, uma data comemorativa. É o momento, também, que a gente conta história.

Já para a professora Viviane, são muitas as atividades da rotina que são importantes:

Eu acredito que a parte do movimento (do corpo) é um momento bem importante. A aula de psicomotricidade é uma aula importante nesse

momento em que eles estão (em fase de desenvolvimento). O próprio Sonhos Mágicos¹³, que é um espaço onde a gente desenvolve a contação de histórias, tem a sua importância. Eu acredito que muito mais esses momentos do que o próprio momento onde eles transcrevem, na parte gráfica.

Importante colocar a resposta dada pela professora Juceli que respondeu que nem sempre adota rotina e justificou dizendo assim:

Nem sempre. Têm dias que sim, outros que não. Sabe por quê? Porque, a gente programa uma aula e acaba fugindo totalmente daquilo que tu programou devido a algumas situações que acontecem na sala de aula. Esses dias, por exemplo, vou te contar o que aconteceu com um aluno meu, ia trabalhar um outro conteúdo, porém ele estava inquieto, então, peguei e o deitei em cima da minha mesa, levantei sua cabeça e perguntei as crianças o que estava embaixo dele e elas responderam: “mesa” e assim fui fazendo depois com as partes do corpo, mostrava a parte e perguntava o que era (braços, pernas, cabeça). Foi um exercício de esquema corporal com as crianças respondendo cada vez que a professora apontava para algumas das partes do corpo do aluno que estava deitado sobre a mesa. Depois os alunos pegaram revistas e foram recortando as partes do corpo e montaram uma pessoa. Então, eles não ficam naquela rotina. Se eu tenho que mudar o que foi programado, porque alguma situação surgiu, eu mudo e aproveito esta situação para trabalhar.

É interessante assinalar que para Barbosa (2005) as rotinas operam com o objetivo de estruturar, organizar e sistematizar as ordens moral e formal. Segundo a autora, um dos principais papéis da escolarização inicial é o de transformar as crianças em alunos. Para desempenhar esse papel, as rotinas utilizam-se de rituais – cerimônias, castigos, imagem de condutas, caráter, modos valorizados de ser e proceder – que relacionam os indivíduos com a ordem social do grupo, criando um repertório de ações que são compartilhadas com todos. Tal ação permite o sentimento de pertencimento e de coesão ao grupo. Assim, a rotina desempenha um papel estruturante na construção da subjetividade de todos que estão submetidos a ela.

Concordo que a rotina é uma situação que possibilita à criança um sentimento de segurança, além de favorecer a sua organização no tempo, porém isso não significa que ela não possa ser eventualmente quebrada. Também penso que a

¹³ Uma sala localizada na parte superior do prédio do ColégioX, com decoração apropriada e cenários próprios para a contação de histórias. Mais adiante, neste trabalho, abordarei mais detalhes a respeito.

rodinha possa ser uma atividade da rotina importante, porque é nesse momento que acontece a interação não só do professor com os alunos, mas também entre eles. A rodinha dá início à aula, introduz a primeira atividade a ser desenvolvida e orienta as crianças quanto às demais atividades que irão acontecer no decorrer do dia. Acredito que outras atividades são importantes na Educação Infantil, porque proporcionam, como já mencionei algumas vezes no texto, o desenvolvimento da criança. Além disso, a rotina representa, também, a estrutura sobre a qual será organizado o tempo didático, ou seja, o tempo de trabalho educativo realizado com as crianças. A rotina deve envolver os cuidados, as brincadeiras e as situações de aprendizagem orientadas. A apresentação de novos conteúdos às crianças requer sempre as mais diferentes estruturas didáticas, desde contar uma nova história, propor uma técnica diferente de desenho até situações mais elaboradas, como, por exemplo, o desenvolvimento de um projeto, que exige um planejamento cuidadoso com um encadeamento de ações que visam desenvolver aprendizagens específicas.

Como o foco do meu trabalho de investigação é a contação de histórias, não poderia deixar de perguntar às professoras qual sua opinião sobre contar histórias:

Eu adorava ouvir histórias. Contar é bom, mas melhor é ouvir histórias. Eu gosto de contar histórias, apesar de não achar que eu conte bem, porque eu tenho essa minha voz [rouca] que não me ajuda muito. Mas eu adoro contar histórias (Flávia).

Sobre contar histórias a professora Daniela diz assim:

Eu, particularmente, adoro contar histórias. De uma história tu consegues quase que fazer projetos para o teu ano todo (para trabalhar o ano todo). De uma contação de histórias tu consegues tirar todos os temas que tu precisas trabalhar durante o ano todo.

Já Mari acredita que, para contar histórias, é preciso ter um objetivo e, além do mais, acredita que para contar história,

a gente tem que estar pensando nas crianças: Eu me preocupo com eles [os alunos]. Eu penso sempre neles, porque é o início da aprendizagem para serem bons leitores. Para ser um bom leitor é preciso ouvir muitas e muitas histórias. Eu acho que contar histórias é o momento em que a gente vai trabalhar o conflito, os impasses, fazer descobertas. Envolve

compreensão do mundo, imaginação e fantasia, inclusive desenvolve o pensar.

Acerca disso, cabe-me comentar que, para contar histórias, não é preciso ter necessariamente um objetivo explícito. Quem conta deve conhecer o enredo da história, isto é, o contador deve estar consciente de que o importante é a história, ele apenas conta o que aconteceu, emprestando vivacidade à narrativa. Isto também não quer dizer que o professor não possa utilizar as falas da história contada para desenvolver determinados conceitos, mas sabe-se que o fim primeiro é entreter para depois estabelecer reflexões.

Não poderia deixar, nesse momento, de colocar um pensamento de Coelho (2004, p.12) que muito faz refletir quando afirma:

Há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimentos, disciplinar, até fazer uma espécie de chantagem – “se ficarem quietos, conto uma história”, “se isso”, “se aquilo...” – quando o inverso é que funciona. A história quieta, serena, prende a atenção, informa, socializa, educa. Quanto menor a preocupação em alcançar objetivos explícitos, maior será a influência não só do contador de histórias como da história em si, enquanto fonte de satisfação de necessidades básicas das crianças. Se elas as escutam desde pequenas, provavelmente gostarão de livros, vindo a descobrir neles histórias como aquelas que lhe eram contadas.

As reflexões, as descobertas e as aprendizagens acerca de uma contação de histórias têm um grande valor para a criança se acontecerem naturalmente, espontaneamente. O contador funciona como um mediador entre reflexões, descobertas e aprendizagens que vão ocorrer a partir da história contada.

Retomando a colocação de Mari - quando se refere ao fato de que para se tornar um bom leitor é preciso ouvir muitas e muitas histórias –talvez seja importante transcrever Craidy e Kaercher (2001, p.82):

(...) acredito que somente iremos formar crianças que gostem de ler e tenham relação prazerosa com a leitura se propiciarmos a elas, desde muito cedo, um contato freqüente e agradável com o objeto livro e com o ato de ouvir e contar histórias, em primeiro lugar e, após, com o conteúdo desse objeto, a história propriamente dita – com seus textos e ilustrações. Isto equivale dizer que tornar o livro parte integrante do dia-a-dia das nossas crianças é o primeiro passo para iniciarmos o processo de sua formação como leitores.

Stela, quando interrogada acerca da importância da contação de histórias, exclamou: “Nossa! Como é importante! Eu, particularmente, gosto muito de contar. Eu acho isso muito importante, porque leva à imaginação”. Da mesma forma Vânia disse: “Eu acho muito interessante e eu gosto de contar. Eu acho que, como gosto de contar, transfiro isso para eles também. Acho que é uma prática que é indispensável para a Educação Infantil. Não pode faltar”.

Ane também considera muito importante:

Contar histórias não tem idade. Contar histórias não é só usando o livrinho ou indo a algum lugar para assistir uma peça de teatro ou, ainda, com o uso de fantoche. O contar histórias é história de vida também. É a história de avós, que é importante para a vida das crianças. Acho que contar histórias é importante para todo o mundo e em todas as situações. Faz a gente se aproximar, faz a gente resolver problemas, faz a gente sonhar, faz a gente pensar positivo, faz a gente resolver muitas questões. Acho que o contar histórias ajuda muito o ser humano e não tem idade.

“Contar histórias é história de vida também”. Quando a professora Ane fala sobre história de vida, refere-se à história familiar que é importante as crianças conhecerem, porque possibilita entender sua origem, usos, costumes e tradições vividos pela família. Isso ajuda a criança a se situar no meio familiar, bem como descobrir sua identidade e, com isso, também poderá desenvolver sua autonomia.

“Contar histórias não tem idade”. Ou seja, as pessoas no seu cotidiano ouvem e contam histórias, histórias de suas vidas, de suas lembranças através de conversas. Além disso, fazem leituras de jornais, de livros, de revistas, ou ainda, assistem a novelas, a filmes e peças de teatro. Tudo isso faz parte da prática de contação de histórias. Ouvir e contar histórias, como diz Abramovich (2003, p.22),

Não é uma questão que se restrinja a ser alfabetizado ou não... Afinal, adultos também adoram ouvir uma boa história, passar noites contando causos, horas contando histórias por telefone (verdadeiras, fictícias, vontades do que aconteça...), por querer partilhar com os outros algum momento que não tenham vivido juntos... Quantas vezes, no meio dum papo cálido e próximo, ou agitado e risonho, alguém diz: “Ei, eu já te contei essa história? Não? Nossa... pois é...”.

A entrevistada Viviane considera que, para contar histórias, é preciso ter um dom especial: “Têm pessoas que nasceram com aquele dom para contar histórias. Mas acho que todo mundo é capaz, é só querer e se dispor a isso e, assim, poderá ser um contador de histórias”.

É interessante que para Flávia e Viviane contar histórias exige que o contador tenha algumas habilidades próprias para contar. Parece que realmente algumas habilidades são importantes para chamar a atenção do ouvinte, ou melhor, para convidá-lo a entrar no mundo da imaginação. Ou seja, é preciso fazer a introdução da história que se vai contar, ajustar o ritmo da contação, a intensidade e clareza da voz, a expressão do corpo, os gestos e decidir se vai ou não usar outros recursos para contar a história. Por exemplo, mostrar gravuras, usar fantoches e outros. Todos esses elementos devem estar harmonizados para que a contação da história atinja seu primeiro objetivo, que é encantar. A esse respeito Coelho (2004, p.50) diz assim: “Contar histórias é uma arte, por conseguinte, requer certa tendência inata, uma predisposição, latente, aliás, em todo o educador, em toda a pessoa que se propõe a lidar com crianças”.

Ainda dentro desse bloco de perguntas relacionadas especificamente às suas práticas enquanto professoras, quando questionadas sobre se contam ou não histórias para seus alunos da Educação Infantil, todas responderam afirmativamente. Em seguida perguntei, então, que histórias elas contavam e a professora Flávia respondeu:

Conto clássicos, menos do que histórias diferentes, mais atuais. Conto histórias que me contavam quando eu era pequena. Histórias que eu sei, mas que são inventadas e de domínio popular, isto é, que não estão escritas em lugar nenhum. Conto todo o tipo, se eu acho que está adequado, ou que eles me trazem, mas primeiro leio a história para depois ler para eles.

Quem conta histórias, antes de fazê-lo é importante ler a mesma para tomar conhecimento do tema, observar como a história está escrita, isto é, a sua originalidade, a linguagem utilizada, a ortografia das palavras, enfim todo o conjunto da história. O contador deve estar atento aos detalhes para não ser pego de surpresa. Nesse sentido, concordo com Coelho (2004, p.14) quando afirma:

Antes de contar uma história, precisamos saber se se trata de assunto interessante, bem trabalhado. Se é original, se demonstra riqueza de imaginação e se consegue agradar as crianças. A linguagem deve ser correta, de bom gosto, simples, sem ser vulgar nem rebuscada.

Quanto à escolha que se faz em relação à história que se vai contar, penso que ela pode estar relacionada ao gosto afetivo, ao aspecto de atração que a história pode trazer ou, ainda, a àquilo que se pretende trabalhar com as crianças.

Em relação à escolha dos tipos de histórias, Aguiar (2001, p.106) acrescenta que:

Independentemente da estrutura, do tema, das personagens e do efeito produzido, as obras infantis se incluem numa categorização bem mais ampla: são pedagógicas ou emancipatórias. São pedagógicas aquelas que têm como objetivo maior ensinar algo ou mobilizar a criança para um determinado comportamento. Já as narrativas emancipatórias alimentam a criatividade, a curiosidade e a fantasia do leitor, propondo-lhe diferentes perspectivas sobre a realidade e o mundo que o circunda.

Contudo, diria que algumas histórias, como alguns contos de fadas, além de serem emancipatórios são também pedagógicas¹⁴. Fato é que a questão pedagógica em determinados contos não se apresenta de forma tão explícita como naqueles livros que tratam, especificamente, de assuntos, como, por exemplo, do meio ambiente. Mas vale a pena de serem lidos em determinados momentos, porque introduzem, reforçam e ampliam os conhecimentos, podendo tornar a aprendizagem mais prazerosa.

Ainda em relação à questão da escolha, Coelho (2004, p.18) também sugere que:

O contador de histórias deve escolher seus temas entre o material que encontrar na escola onde ensina, na biblioteca de sua cidade, em livros ou revistas de que dispõe e, é claro, *nas histórias que ouviu contar e que guardou na memória* (Não grifado no original).

¹⁴ Como exemplo citaria: João e Maria, João é o Pé de Feijão, Chapeuzinho Vermelho, O Soldadinho de Chumbo e outras.

As professoras Juceli e Daniela não contam apenas histórias clássicas como Chapeuzinho Vermelho, Cinderela, Branca de Neve, mas outras que acham importantes não só para a formação da criança, mas também para facilitar o desenvolvimento dos conteúdos. Nesse sentido, a professora Daniela coloca:

Eu gosto muito das histórias e acho bem importante àquelas que têm uma moral (histórias que falam sobre brigas, o que pode e o que não pode fazer – boas maneiras). Eu acho que são indispensáveis. Não acho que as outras sejam dispensáveis, mas eu procuro este tipo de história diferente. Não gosto de ficar sempre na mesma (contando sempre o mesmo tipo, por exemplo, as clássicas). Eu procuro propor aquelas que não tenham um texto muito longo. Eu acho que aquelas que têm um cunho familiar também são indispensáveis como, por exemplo, Mamãe Botou um Ovo da Babette que são histórias muito legais.

A professora Juceli, talvez por alguma razão ligada a sua formação pessoal, conta especialmente histórias Bíblicas, acreditando que elas (essas histórias Bíblicas), transformam o caráter da criança. Diz ainda que os textos bíblicos trabalham os valores como o respeito, o amor, a responsabilidade. Para ela todo o professor de Educação Infantil deveria usar em seu trabalho, principalmente as parábolas mais conhecidas como, por exemplo, O Filho Pródigo: “É através do Ensino Religioso que se trabalham os valores”. Lembrou com entusiasmo a parábola do filho pródigo, porque segundo ela costuma contá-la para as crianças e estas gostam muito de ouvi-la e de ouvi-las várias vezes.

Dando continuidade às respostas das entrevistadas, cabe destacar o que disse Mari:

Conto contos de fadas, fábulas, histórias de valores, como por exemplo, a história do Menino Nito. Também A Menina Bonita do Laço de Fita, Branca de Neve e Os Sete Anões, gosto muito de trabalhar o Chapeuzinho Vermelho, Sete Cabritinhos e o Lobo. Porque a gente tem que mostrar o lado da história onde eles possam perceber e até onde eles sintam as emoções de tristeza, alegria, medo, raiva. Conto também a história O Mundo de Cristal, que são contos filosóficos.

Stela, em relação a essa pergunta, respondeu:

Contos de Fada, historinhas de fundo moral, historinhas só com imagens e, aí, eu vou questionando assim: o que vocês acham que está acontecendo? O personagem está feliz? Está triste? Coisas assim; historinhas que tenham a ver com o conteúdo que estou trabalhando. Então, se estou trabalhando

animais, vou procurar livros que falem da vida do animal. Então, tem vários bichinhos que a gente pode contar. Conto ainda histórias, às vezes, não de terror, mas que tenham um fundo mais emotivo, de bruxa ou do folclore, histórias que sejam um pouco assustadoras, como as do folclore que eu trabalhei, agora.

Conforme já referido mais de uma vez ao longo deste trabalho, as histórias, além de tudo, possibilitam desenvolver conteúdos, estabelecer relações, fazer comparações, formar conceitos para produzir conhecimento. Algumas histórias através de seus temas e falas de personagens estimulam a aprendizagem. Dependendo da história, ela pode, sim, ser aproveitada como um instrumento incentivador de aprendizagem. Um exemplo dessa possibilidade é o que nos diz Coelho (2004, p.16) em relação à história Camilão, o Comilão de Ana Maria Machado:

(...) é um exemplo destacável, porque além de divertir, é uma história de repetição, movimento, pode ser diminuída ou acrescida e até aproveitada como instrumento incentivador de aprendizagem – estudo de conjuntos, contagem crescente e decrescente, estudo de animais, alimentos; enriquecimento do vocabulário e da expressão verbal, treino da memória e desenvolvimento da capacidade de atenção. Vale lembrar, todavia, que o entretenimento é fator preponderante.

Quando interrogadas sobre que histórias costumam contar, houve novamente uma variedade de respostas. Vânia respondeu que conta todos os tipos, isto é:

Todos os tipos de histórias desde histórias do folclore, os clássicos, histórias bíblicas, histórias que levem a criança a pensar, que trabalhem a questão da filosofia, das boas atitudes e das boas maneiras. É uma imensidão de tipos de histórias.

Ane, por sua vez, enfatizou:

Depende do projeto que a gente está trabalhando ou da situação que está acontecendo em sala de aula. Se a gente está trabalhando um projeto para trabalhar com algum conteúdo que faz parte desse projeto, eu conto alguma história que vai envolver isso. Procuro contar histórias que me ajudem a trabalhar com alguma situação que esteja acontecendo no grupo, ou que me ajudem esclarecer e trabalhar da melhor forma um conteúdo.

Já Viviane afirma narrar “contos de fadas e histórias mais atuais. Histórias mais atuais, porque são histórias que se destinam a determinados conteúdos e até histórias de filosofia”.

Parece ficar claro que as professoras têm usado muitas das histórias como um material de apoio não só para desenvolver conteúdos, mas também para lidar com situações de sala de aula no que diz respeito a relações de convivência estabelecidas pelo grupo. Tal atitude pode ter valor pedagógico, porém nunca é demais enfatizar: o mais importante na prática de contação de histórias é o que ela proporciona em prazer e imaginação.

Uma história não acaba quando chega ao fim. Ela permanece na mente da criança, que incorpora como um alimento de sua imaginação criadora. Para Coelho (2004, p.59),

Sempre que possível, convém propor atividades subsequentes. A história funciona então como agente desencadeador de criatividade, inspirando cada pessoa a manifestar-se, expressivamente, de acordo com sua preferência. Há vários tipos de atividades que podem ser desenvolvidas, baseadas nas sugestões que o enredo oferece: dramatização, pantomima, desenhos, recortes, modelagem, dobradura, criação de textos orais e escritos, brincadeiras, construção de maquetes.

É sob esta perspectiva que foi feita a pergunta seguinte, indagando a respeito de que tipo de atividades as professoras faziam depois de contar histórias. Flávia disse que discute sobre o que foi ouvido, lembrando os passos da história:

As crianças ficam ansiosas por falar alguma coisa da história. Também fizemos dramatização, teatro com fantoches, assim, mil coisas, desenho, representação gráfica daquilo que eles lembram da história, mas o que eles mais gostam é mesmo de dramatizar.

Daniela diz que são várias as atividades que faz depois de contar histórias,

Mas nem sempre vem uma atividade logo a partir da história. Eu trabalho a história para relaxar, para a gente conversar um pouquinho mais, mas sempre tem um comentário sobre a história e muitas vezes peço a eles que façam um novo final para a história, primeiro oralmente e, depois pode até acontecer no papel.

A professora Juceli desenvolve atividades de pintura, de desenho, faz brincadeiras, mas a que acha indispensável é a dramatização.

Mari, por sua vez, afirmou:

Eu costumo sempre explorar a história, por exemplo, perguntando qual é o personagem principal da história, o que vocês acharam da história e por que gostaram, o que é menino bonito [aqui a entrevistada se refere a história do Menino Nito]. Cada um vai dizer o que é menino bonito, o que pensa sobre isso.

Aqui a professora refere que fez com seus alunos reflexões acerca desta história e que alguns ligaram a palavra bonito à beleza e outros ao tipo de comportamento, isto é, menino bonito é aquele que é bem comportado. A fala do tipo “menino bonito é aquele que é bem comportado” parece estar impregnada de valores e regras impostas pela sociedade. Vê-se, então, que este tipo de reflexão já está enraizado desde muito cedo na criança, que traz de sua realidade alguns modelos aos quais devem ser obedecidos, portanto, menino bonito é aquele se “comporta bem”, de fato, conforme determina a norma social. Eis outra contribuição dessa atividade: contar histórias é importante porque, além do que já aqui de referiu, permite pensar sobre e/ou questionar normas e regras da sociedade. Mais do que reforçar adaptações ou incentivar normalizações, é necessário que a professora possa colocar na roda conversas sobre preconceitos e outras artimanhas que desde cedo já são trazidos pela criança.

Stela, em sua resposta sobre tal tema disse que:

Após contar a história, solicita aos alunos que desenhem a parte que mais gostaram. Além disso, tem também o falar sobre a história. Então, esse é momento de poder falar, por exemplo, o que tu levarias para a história se tu estivesses lá, como tu te sentiu [sic], o que tu gostou, o que não gostou, determinado personagem agiu certo, agiu errado. Assim, questionar.

Ou seja, a professora oportuniza seus alunos a entrar dentro da história de uma forma participativa quando sugere a eles o que levariam para ela se estivessem lá, como se sentiram dentro da história, fazendo parte dela, por um momento, como personagens. Então, a criança é levada a participar da história como personagem,

num primeiro momento, e depois ela é convidada a dar a sua opinião em relação a atitudes e comportamentos dos personagens. Portanto, esses dois momentos são fundamentais, possibilitando à criança viver inicialmente a trama, para no momento seguinte, já fora da história, observar atitudes e comportamentos e, assim, estabelecer reflexões sobre os acontecimentos da história. Esse movimento também ajuda a criança a se colocar no lugar do outro, formar opiniões e, quem sabe, modificar comportamentos, sempre no sentido de conquistar o seu espaço.

Continuando com a descrição das respostas correspondentes às atividades desenvolvidas, a professora Vânia, quando perguntada, respondeu:

Desenhos, dramatizações, criar fantoches para eles dramatizarem a história e recriarem a história. Eu acho que depois que tu ouves a história, tu tens aquela vontade de recriá-la ou colocar outro final para os personagens. Acho que é interessante propor isso para eles. A minha turma, por exemplo, adora criar coisas com sucata. Então, para eles que nem na semana passada, [na semana em que é comemorado o Dia do Folclore – final do mês de agosto], eles tinham que contar a história do Saci com fantoche. Então, de um rolinho de papel higiênico eles fizeram o Saci. Então, eles viram que um rolinho de papel higiênico pode se transformar em um personagem da história que eles ouviram e, aí, eles vão se colocar naquele papel. Então, atividades assim, transpor eles para ambientes onde levem para o espaço em que a história aconteceu, por exemplo, os espaços que a gente tem nos sonhos, o espaço de uma floresta, ou a história que se passa no fundo do mar, levar eles para esse espaço para que possam se colocar no papel dos personagens para, também, fantasiarem.

Em relação à mesma pergunta, Ane comentou:

A gente os prepara para ouvir a história e, aí, depois da história, a gente resgata um pouco do que eles escutaram, do que foi importante, do que chamou a atenção. A gente costuma fazer um trabalhinho, inventa uma música sobre a história ou tenta resgatar essa história em outros momentos do dia-a-dia, quando acontece alguma coisa, ou de uma gravura, ou fato. A gente costuma sempre trabalhar essa história nem que seja só conversando, não só com trabalhinho e trabalhinho, mas sempre a gente procura resgatar alguma coisa da história.

Já Viviane, por sua vez, argumenta que desenvolve atividades de “dramatização, confecção de um personagem, relato oral ou então um relato através do desenho. São várias as possibilidades dentro de uma história”.

Diante das respostas dadas e das leituras aqui já referidas, é possível compreender as várias possibilidades que o conto infantil pode oferecer para o desenvolvimento de atividades pedagógicas. De um modo geral, todas as atividades mencionadas pelas professoras são importantes para o crescimento da criança. Assim, o conto infantil permite aos pequenos brincar não só com seus conflitos internos - brincando com a linguagem, conceitos e reflexões - mas possibilita, também, brincar de faz de conta, isto é, quando a criança imita ações que representam diferentes pessoas, personagens ou animais, reproduzindo o ambiente construído pela história contada.

Ouvir histórias está claramente integrado a práticas de ludicidade e o brincar é uma das atividades mais importantes para o desenvolvimento da criança. Para Redin (1998, p.60), entre as atividades especificamente humanas, existem algumas que são predominantes e prioritárias em determinadas etapas da vida e outras que são fundamentais em qualquer etapa da vida do homem. O trabalho, por exemplo, é a atividade fundamental, constituinte do homem e permanente como condição para a satisfação de suas necessidades. Da mesma forma, o brincar, que para a criança é também fundamental e importante para o seu desenvolvimento. As crianças têm necessidades orgânicas, funcionais, sociais e existenciais que precisam ser satisfeitas e parece que o brincar pode propor essa satisfação com emoção e prazer da mesma forma que deveria ser com o trabalho. Trabalhar porque satisfaz as necessidades, mas também porque deveria ser prazeroso. Fato é que nem sempre é assim. O brincar para a criança é também uma forma de trabalho e com tal deve estar presente no seu dia-a-dia e lhe dar prazer.

Para Campagne citado por Redin (1998, p.65), o brinquedo infantil possui diversas funções: é o suporte do jogo, mediador que permite à criança testar situações da vida real ao seu nível, sem riscos e sob seu controle. Objeto que desperta a curiosidade, exercita a inteligência, permite a invenção e a imaginação e possibilita que a criança descubra pouco a pouco suas próprias capacidades de apreensão: o brinquedo propõe à criança um mundo do tamanho de sua compreensão. O brinquedo deve ter uma dimensão fundamental de socialização, pois os jogadores se encontram e aprendem a coexistir numa situação de igualdade, criam noções de propriedade, de relacionamento, respeito e de normas. Ainda

segundo Redin (1998), para que o brinquedo possa ter todo esse valor de mediação é necessário que preencha quatro critérios: tenha sentido experimental, tenha valor de estruturação, tenha condições de relacionamento e seja lúdico, isto é, cause prazer.

Ainda dentro da perspectiva do brincar, gostaria de acrescentar o pensamento de Moyles (2002, p.26) que diz haver diferentes formas de brincar na escola, como o brincar físico, que trabalha com o motor amplo, motor fino e psicomotor e que, para isso, inclui atividades com blocos de montar, argila, areia e madeira, blocos de encaixar e instrumentos musicais, bem como aparelhos de subir e descer, modelagem com sucata e jogos de descobertas. Para ela o brincar intelectual vai desenvolver basicamente o lingüístico, o científico, o simbólico/matemático e a criatividade. Essa forma de brincar vai envolver ouvir/contar histórias, brincadeiras como o brincar com água/cozinhar, casa de boneca/casinha/teatro (jogo do faz de conta) e jogo de números, além de pintura/desenho e modelagem. E a terceira forma de brincar é o que ela chama de brincar social/emocional que vai estimular as relações e propor atividades com o uso de materiais como madeira e argila, música, marionetes. Acredito que, apesar dessa diferenciação, as três formas de brincar estão sobrepostas e uma é continuação da outra. Todas juntas favorecem o desenvolvimento da criança. Diante disso posso, então, dizer que contar histórias é também brincar, pois através dela posso cantar, dançar, dramatizar, confeccionar personagens com sucata, modelar, criar cenários, desenhar e, até mesmo, simplesmente, conversar, pensar e imaginar.

De acordo com o já referido anteriormente, e diante dos estudos realizados, é importante enfatizar que contar história é, também, um brinquedo que como tal permite a criança entrar em contato com situações e sentimentos de vida, de acordo com suas experiências, e até porque quase tudo acontece em um universo mágico. Ao despertar sua curiosidade, exercitar a inteligência, inventar, a criança descobre aos poucos o que acontece ao seu redor para, pouco a pouco ampliar sua compreensão de mundo.

Ao dar continuidade à entrevista, a cada professora indaguei se achavam que as crianças gostavam de ouvir histórias e, como era de se esperar, elas

responderam prontamente que sim, isto é, as crianças gostam de ouvir histórias, algumas adoram. Seguindo adiante, perguntei se elas pediam para ouvir histórias e mais uma vez as professoras responderam positivamente. As professoras Flávia e Mari, inclusive, enfatizaram que as crianças pedem para ouvir histórias. Para Stela, as crianças também pedem para ouvir histórias, mas às vezes não é possível contar, porque:

Por exemplo, agora, estamos trabalhando para o Sete de Setembro e não poderemos ir aos Sonhos [a tal Salinha dos Sonhos Mágicos], que é onde a gente tem um espaço diferente na escola. Eles me pediram – Profe, vamos no Sonhos? Não, hoje não. Nós, hoje, vamos ensaiar.

É interessante que os alunos da professora Daniela, apesar de comentarem sobre programas e desenhos que assistem na televisão, expressam muito apreciar histórias e sobre isso ela conta:

Eles (os alunos) comentam sobre o Bob Esponja ou sobre a Marinete (personagem do programa A Diarista). Eu fiquei escutando o comentário deles sobre o que assistem e pensei comigo: a Marinete é um programa para adulto e num horário que já estaria fora do horário que a criança deveria estar na frente da televisão. Apesar disso, eles ainda gostam de ouvir histórias, mas eu tenho notado, com o passar dos anos, que os pais estão deixando de ler histórias e colocando eles na frente da televisão, porque daí sobra tempo para outras coisas (para os pais fazerem outras tarefas).

Essa resposta, tantas vezes trazida à tona, até mesmo pela própria mídia, nos faz refletir sobre que tipos de programas televisivos as crianças estão assistindo. Quem está (ou não está) ao seu lado para junto assistir, permitir, orientar, aconselhar, despertar reflexões, construir conceitos e opiniões acerca das coisas. Por outro lado, senti um alento ao saber que, ainda assim, eles ainda gostam de ouvir histórias e que a professora incentiva e estimula essa prática.

Vânia afirmou que:

Normalmente, quando eles vêem alguma coisa diferente em cima da mesa, ou se tem algum material novo, eles já perguntam se vai ter uma história nova. Então, quando eles vêem um material diferente, eles já pedem e já querem ouvir a história.

Ane, entusiasmada, respondeu: “Eles adoram. Quando eu digo: agora, vamos nos preparar porque a gente vai ouvir uma história, as crianças, felizes, exclamam: Êba! Hoje tem história”. Em relação à mesma questão, Viviane acrescentou: “Eles pedem e inclusive trazem livrinhos de casa. Eles vêm com o livrinho de casa e querem que a professora conte. Eles gostam muito e pedem para contar histórias”.

Chegando ao fim da entrevista, fiz ainda algumas perguntas relacionadas às preferências de histórias infantis, perguntando que tipos de histórias as crianças gostam de ouvir. Foi quando Flávia respondeu: “tudo que é da Tatiana Belinky eles adoram. Querem sempre ouvir as histórias dela. Como exemplo é a história O Caso do Bolinho”. Já Mari fez alusão a uma questão de gênero, afirmando que “meninas gostam de ouvir histórias de fadas, de princesas e príncipes, enquanto meninos gostam de histórias de cavalos, de animais”. Stela reforçou esta idéia:

Eu noto que as meninas ficam bastante no sentido de contos de fadas, por causa das princesas. Então, no momento é A Bela Adormecida, num outro é a Branca de Neve. Elas vão variando a história, mas é bastante contos de fadas. Os meninos eu acho que é onde tem um pouco de ação. Então, é que nem na historinha do Zico que joga bola. Eles gostam de histórias que têm mais ação.

E depois acrescentou: “mas também gostam de contos de fadas e elas também gostam das histórias de ação. Eles compartilham”.

Os alunos da professora Daniela gostam de ouvir as histórias da Bruxa Onilda. “Tem uma que é muito comum eles pedirem que é a da Bruxa Onilda”.

Vânia já foi mais pragmática, afirmando que eles gostam de ouvir:

Aquelas que têm na sala de aula, porque são histórias que a gente tem na caixinha dos livros (livrinhos de histórias que as crianças trazem no início do ano para fazer parte do Cantinho da Leitura). São livrinhos com histórias variadas, desde contos de fadas até esses livrinhos de histórias mais simples de coleção.

Ane, por sua vez, disse que “eles gostam muito dessas histórias de animaizinhos, que falam de animais, de fadas. Histórias imaginárias”. Por outro lado, Viviane argumentou que:

Nessa faixa de idade eles gostam de histórias que enfrentem os medos. É a faixa de idade de quatro a cinco anos em que eles querem enfrentar os medos que eles têm. Então, eles procuram histórias em que possam se identificar com os personagens da história.

De acordo com as entrevistadas, os tipos de histórias que as crianças gostam de ouvir são histórias próprias da fase de desenvolvimento em que se encontram, além de estarem ligadas a sentimentos como o afeto, o medo, a coragem, a beleza e muito outros. Confirmando o que dizem os teóricos que estudam o tema, as crianças parecem escolher esses tipos de histórias porque encontram nelas subsídios que vão dar o suporte necessário para que possam enfrentar a insegurança, que as ajudem a ter coragem para encarar problemas e buscar a solução, que valorizem a auto-estima e que as ensinem a amar. Geralmente, uma boa história agrada a todos, mas é necessário respeitar as peculiaridades, sobretudo o estágio emocional das crianças. A história é um alimento da imaginação da criança e precisa ser dosada conforme sua estrutura cerebral e, por isso, ela é assimilada de acordo com o seu desenvolvimento. Mais uma vez vale lembrar o pensamento de Coelho (2004, p.16), quando afirma que para os pré-escolares as histórias devem ter enredo simples, vivo e atraente, contendo situações que se aproximem o mais possível de suas vidas, de suas vivências afetiva e doméstica, de seu meio social, de brinquedos e animais que a rodeiam, humanizados: “Assim, a criança pode integrar-se com os personagens, consegue ‘viver’ os enredos e sentir-se no ‘lugar’ em que os episódios narrados ocorrem”.

Ainda sobre as histórias que as crianças gostam de ouvir, perguntei se havia alguma delas que elas pediam para ser recontada – alguma história insistentemente preferida. Uma das professoras, imediatamente, sem fazer menção a título específico, afirmou o que já tanto se ouviu falar acerca do gosto infantil pela repetição:

Todas as que eu já li. Vira e mexe, eles pegam de novo o livrinho e pedem para contar como se fosse a primeira vez. Eles pedem que eu recontre a história até mesmo aquelas que eles não tinham mais visto o livro, mas lá pelas tantas eles lembram e daí pedem para contar de novo.

Quando perguntada sobre isso, também a professora Mari respondeu:

Uma que eu contei e que eles me pediram para recontar. A gente costuma fazer este tipo de atividade, o reconto da história. Até foi uma que eu inventei lá nos Sonhos (Sala dos Sonhos Mágicos), eu trabalhei com um material com duas caixas de camisa da mesma cor, uma colada na outra. Ela tem abertura dos dois lados. Em um lado eu coloquei, são vinte crianças, eu coloquei vinte floquinhos daqueles de algodão branco e aí eu fechei a caixa. Do outro lado eu coloquei vinte floquinhos coloridos. E essa história até, inclusive, eles fizeram o reconto e eles me pediram para contar de novo, porque foi uma história que a gente, a turminha toda vivenciou este momento. Então, comecei trabalhando, porque a gente explora o cenário, aí já tirei algumas coisas que tinham por lá [na Sala dos Sonhos Mágicos], deixei mais vazio, aí eu comecei assim: era um lugarzinho e nesse lugarzinho tinham muitas crianças, mas todas elas faziam tudo o que as outras crianças faziam, só que elas eram tristes. Quando elas chegavam perto de outra criança, o que que acontecia? Acontecia que nenhuma criança brincava com a outra, uma não cumprimentava a outra. Terminavam de fazer o trabalhinho de escola e davam tchau. iam para casa e passavam uma pela outra na rua. Encontravam-se, diziam apenas oi, bom dia, boa tarde. Fui trabalhando esse lado. Aí eu disse: Vocês gostariam de morar num lugarzinho assim? Aí começaram a dizer: eu não. Aí eu perguntei: Por que será? Aí eles perguntaram: Profe, por que eles não brincavam? Profe, por que tu não disseste para eles que era para brincar? Aí nós fomos trabalhando até que eu disse, naquele momento, vamos esperar um pouquinho, aí todos eles ficaram assim, esperando. A profe tem que entrar naquela salinha, mas ela já vai voltar. Eu tinha mostrado os floquinhos brancos na caixa. Enquanto isso a profe só vai ali dentro que é para ouvir um barulhinho e já está voltando. Aí eu voltei com o chapéu de fada. Apareceu a fadinha Mari, então, a fadinha Mari fez assim com a varinha [a professora faz os gestos da varinha mágica] e aí eles começaram a dizer: pir lim pim pim. Então, eu virei a caixinha e abri e tudo ficou colorido. Aí foi uma história muito boa e eles me pediram para contar de novo, porque eles não queriam ver os amiguinhos sem brincar.

E, no final, complementou: “E tem a do Chapeuzinho Vermelho, que eles me pediram para contar de novo”.

Cabe comentar aqui que os recursos usados e criados por quem conta a história são importantes para despertar na criança a vontade de ouvi-la, bem como, sentir curiosidade, entusiasmo e principalmente, ser convidada a entrar no mundo na imaginação, além de ajudar a criança a pensar situações que ocorrem no seu dia-a-dia. No caso acima, penso que este tipo de recurso oportuniza não só a criança a entrar no mundo da imaginação, mas também, refletir melhor as situações

experimentadas formando, assim, uma opinião própria. Com isso a criança pode compreender e lidar com o que se passa ao seu redor da melhor forma possível. Nesse sentido, Bettelheim (2003, p.13) nos diz algo muito significativo:

Para que uma história realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras as suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam.

Certamente a professora contou a história referida acima, porque de algum modo situações de relacionamento vinham acontecendo com seus alunos. Então, para solucionar, ou no mínimo tentar amenizar a questão, ela inventou uma história com o tema próprio relacionado ao problema existente, mas usou um recurso que ajudou as crianças a refletirem e, a partir disso, fazerem uma nova leitura do contexto. Sem dúvida o recurso usado ou criado auxilia no resultado, ou seja, leva à imaginação e da imaginação à reflexão.

Para Stela, a turma em si não pediu para recontar nenhuma específica, mas já tiveram crianças que sim. Então, a professora lembrou:

Teve um ano que eu trabalhei O Caso do Bolinho. Daí eu cantei a tal da receitinha. Eu cantei do meu jeito. Então, eles adoravam ouvir aquela história para cantar aquela parte da música. Então, eles cantavam juntos. Agora, tu tens crianças que para trabalhar até suas coisas interiores, os seus dilemas, pediam a mesma história, mas o grupo todo teve essa única vez (que foi a história O Caso do Bolinho).

Vânia comentou que é quase sempre a história que contou muito recentemente:

Eles querem que eu conte de novo. Por enquanto o que eles querem é Maria Vai com as Outras, porque são fases. No início do ano era uma do Esmilingüido que eles queriam que eu contasse de novo, depois era a história da Casa Sonolenta e agora, está sendo a da Maria Vai com as Outras. Então, são fases. Tem casos individuais, mas daí é um ou dois que pedem, por exemplo, para ouvir histórias de dinossauros, mas a maioria são [sic] essas e, no momento, é essa da Maria Vai com as Outras.

No período pré-escolar as crianças se encontram na fase mágica. Nesta fase, as crianças solicitam várias vezes a mesma história e a escutam sempre com encanto e interesse. É a fase do conte de novo, conte outra vez:

Por que a mesma história? Da primeira vez tudo é novidade; nas seguintes, já sabendo o que vai acontecer, a criança pode se identificar mais ainda, apreciando os detalhes. Igual reação pode acontecer com o adulto ao ler um bom livro ou ao assistir a um filme que lhe agrada. Relê. Revê. O prazer se renova. (COELHO, 2004, p.16).

Ainda em relação às histórias contadas, perguntei se as crianças fazem comentários sobre as mesmas. Poder lembrar daquilo que teve e continua tendo um significado importante é essencial. A história prende a atenção da criança quando é interessante, quando é encantadora e fica na sua lembrança, porque de algum modo foi significativa para ela. Mari, quando indagada, disse:

Sim, elas fazem. Tanto que associam com a vida delas como, por exemplo, quando dizem: lá em casa também aconteceu isso, eu também acho assim, eu também gosto disso, eu também fiquei com medo. Fazem comentários da própria história, porque muitas vezes eles já conhecem. Então, se por um acaso eu resolvo falhar uma frase ou esquecer de um personagem eles dizem profe, não é assim. Esses são os tipos de comentários que eles fazem.

É bom saber que as crianças comentam as histórias fazendo relação com suas vidas. Isso é um fator que deve entusiasmar o professor a contar histórias, porque acredito que não só a criança ressignifique seus sentimentos, mas quem conta também.

Ao encerrar cada entrevista, sempre indagava se gostariam de acrescentar algo mais sobre o trabalho que têm desenvolvido em relação à contação de histórias. Mari, entusiasmada e emocionada, responde perguntando:

Por que é importante ouvir histórias? Porque, penso que, em primeiro lugar, o início da aprendizagem, para ser um leitor, é ouvir muitas e muitas histórias. É o caminho para que se possa realizar descobertas e compreensão do mundo.

Já Flávia, lembrou das condições que a escola proporciona, incentivando tal prática pedagógica:

O bom é que aqui no ColégioX tem a Sala dos Sonhos Mágicos. Essa sala é dividida em vários ambientes e a gente pode explorar mais a contação de histórias. Essa sala é bem apropriada e a gente usa muito. Eles adoram. É maravilhosa. Esse recurso é muito bom e um a mais.

Percebe-se que a existência da Sala dos Sonhos Mágicos é um recurso facilitador para o desenvolvimento da prática de contação de histórias, bem como é também um ambiente que permite à criança entrar no mundo da imaginação.

Nesse sentido, a professora Mari faz a seguinte reflexão:

Ah! É tão bom lembrar daqueles contos, das histórias inventadas, histórias da Bíblia, lá da infância. Lembro que depois eu costumava ficar pensando, pensando... e às vezes, hoje eu ainda lembro e penso: a *nona* contava assim... costume contar para os meus filhos.

Mari, entusiasmada com o assunto em debate, ocupa esse espaço para colocar o que pensa dizendo que:

Ler, contar histórias para crianças é trabalhar, despertar o imaginário e até refletir sobre os conflitos e impasses que vivemos. Até sentir emoções como tristeza, alegria, a raiva, o medo... Contar histórias é uma arte e é tão linda!

Interrompo parte dos depoimentos para fazer mais estas colocações: o contador de histórias deve dominar com segurança a história, através da percepção e compreensão. A atitude do contador é de extrema importância, a voz e o tom, o ritmo, a emoção e a entonação é o que vai dar sentido para a história. O contador tem que motivar a atenção e a admiração. Criar um clima de envolvimento. Deve haver cumplicidade entre o professor (contador) e seus alunos. Criar intervalos, suspenses, expectativas e despertar a imaginação para instigar a investigação. Além disso, ouvir histórias não é só para crianças. Afinal, quem não gosta de ouvir uma boa história ou uma história bem contada? A reflexão sobre a história é fundamental. Além da imaginação, envolve o pensar para poder encorajar as crianças a sentirem-se bem consigo mesmas. Através do questionamento, se investiga. Cabe ao

professor oportunizar estes momentos. Explorar através da história a questão dos limites. Procurar não confundir ou misturar contos de fadas no momento de por limites, pois devemos cuidar muito para não transmitir nosso ponto de vista, deixar as crianças junto com os outros colegas a elaborar os próprios conceitos.

Retomando os depoimentos, cabe trazer à tona o que Stela acrescentou no final da entrevista:

Eu gosto de contar histórias, de fazer a voz, de fazer gestos, de exagerar, de explorar muito a história. Praticamente (na minha turma) têm histórias todos os dias, às vezes com um objetivo bem claro e, às vezes, simplesmente pelo prazer de ouvir, de ver, de conhecer, de ver novamente, de ouvir de novo.

Vânia encerrou fazendo uma espécie de encômio ao ato de contar histórias, desdobrando vários argumentos:

A contação de histórias desenvolve a criança, faz com que a criança imagine, faz com que ela fantasie. Tu desenvolves várias habilidades a partir disso. Se tu contas uma história tu podes, por exemplo, criar um jogo, depois tu podes desenvolver habilidades matemáticas, tu podes transpor para a questão da linguagem. A história ajuda a desenvolver praticamente tudo, ou melhor, todas as habilidades que a criança precisa desenvolver como o raciocínio, a imaginação, a memória. Então, acho que a contação de histórias transpõe para tudo, ela é muito válida e a educação infantil precisa disso. Eu acho que é um alicerce para tudo que tu vais fazer, para o projeto que tu vais desenvolver. Tu começa a partir de uma história, aí tu consegues reunir com várias outras histórias, e eles gostam. Assim, desde um livrinho simplesinho até um livro que tu abres, aqueles que saem o desenho dimensional. Então, assim é uma magia que o livro leva para eles e que com certeza isso vai deixar sementes, porque se hoje eles têm esse gosto, eles vão conseguir levar [adiante]. Eu sinto, e eu vejo por mim, que eu tenho dificuldades para ler, no sentido de tu teres aquele hábito de pegar um livro e ler todo, terminar esse e pegar outro. De repente, acho que fui pouco estimulada e até acho que, por isso, eu não tenho tantas lembranças. Com certeza, se a criança vivencia bastante a contação de histórias, ela vai ter essas lembranças, porque vão marcar. Normalmente as histórias que procuramos proporcionar sempre trazem alguma coisa que seja relacionado com o conteúdo, mas que vá de encontro com a realidade deles também. Os conteúdos que são desenvolvidos, as coisas que eles vivenciam na família, situação de família sem pai, de família sem mãe, então, ajuda com que eles resolvam conflitos pessoais que eles têm indiretamente, porque eu não vou estar tratando de uma criança eu vou estar tratando do conjunto, mas ao mesmo tempo eu estarei ajudando aquele fulaninho que tem problema, porque não tem a mãe ou aquele que tem os pais separados. Então, hoje, as histórias nos trazem esse suporte. Se a gente consegue utilizar isso, conseguimos deixar na criança marcas que ela vai levar para o resto da vida.

Ane encerrou dizendo:

Acho importante, sempre, os professores contarem histórias, mas não só os professores, os pais também. Através da escola existe uma possibilidade, a escola poderia pedir aos pais que contassem histórias para seus filhos antes de dormir. A escola pode tentar fazer esse resgate que é tão importante. A gente nota que a criança que tem esse contato consegue resolver a vida diferente. Ela tem um relacionamento diferente. Elas vêm a vida com mais esperança. Eu acho que a contação de histórias influencia muito nisso. É importante pais contarem histórias.

A referida professora disse, ainda, que acha também importante:

As crianças conviverem mais com os avós e que os avós possam contar mais sobre a sua vida, sobre a vida da criança e sobre os parentes. É importante contar histórias, por exemplo, com livro, com fantoche, com a mão, com a imaginação, com a TV. Contar histórias de todas as formas. Aqui a nossa escola oferece bastante coisas, como o Sonhos Mágicos, que é um lugar riquíssimo para a gente poder trabalhar isso. Em todas as salas que a gente vai podemos aproveitar para contar história. Tem Ensino Religioso que trabalha muito com histórias e, como disse, quando eu era criança uma das coisas que mais me marcou foram as histórias infantis, de onde eu tiro muita lição para a minha vida. Histórias infantis que eu sabia que Jesus contava para as crianças e que a gente ainda tira como mensagem, agora, para a vida da gente. Eu resgato lá daquele tempo. Eu lembro das parábolas, histórias que tinham um objetivo.

Considero todas as entrevistas importantes, porque a partir delas a investigação passou a ganhar maior concretude, na medida em que essas professoras trouxeram suas lembranças de infância e contaram como desenvolvem suas práticas, especialmente no que diz respeito a contação de histórias. Colher tais depoimentos foi muito enriquecedor, posso dizer que as falas vieram corroborar com o que venho defendendo ao longo deste estudo. Isso permitiu, sobretudo, acreditar que o que estou querendo dizer, e quem sabe convencer, é parte do pensamento dessas professoras que, com estudo e dedicação, vem procurando desenvolver seu ofício.

Como foi possível perceber, ao longo dos depoimentos, houve referências acerca de um específico projeto envolvendo a prática de contação de histórias numa instituição da rede privada de ensino, o que provocou interesse em conhecê-lo mais de perto. Nas páginas a seguir, desdobram-se algumas informações a respeito do mesmo.

10 UMA ESCOLA ONDE CONTAR HISTÓRIA É COISA SÉRIA

A proposta pedagógica desenvolvida pelo Colégio X - escola da rede privada de ensino do município de Caxias do Sul – tem, na prática de contação de histórias, um dos projetos mais significativos da instituição. O colégio tem trabalhado há vários anos com projetos que procuram valorizar a leitura e a contação de histórias. Para isso foram criados programas e espaços. Dentre esses espaços, um deles é o da Sala dos Sonhos Mágicos, onde as crianças de Educação Infantil, de primeira a terceira série tem um lugar especial para ouvir histórias. Nessa sala tem um castelo, uma casa, uma floresta, um ônibus, um pequeno planetário. São pequenos cenários usados para contar as mais diferentes histórias e levar as crianças para as mais diferentes viagens. Essa sala é realmente mágica, ainda mais porque se localiza no sótão do colégio. O projeto da Sala dos Sonhos Mágicos é semanal e quem faz a contação de história são os professores das turmas. Há toda uma preparação para as crianças irem até lá, junto com seus professores para, então, ouvirem a história.

Indagada sobre a origem desta idéia, disse a supervisora da escola:

Foi implantado há mais ou menos uns nove anos. A implantação deu-se como projeto mesmo. No final de um determinado ano, a gente chamou uma equipe interna da escola e a gente fez todo o espaço físico. Fizemos desenhos nas paredes, decoramos com almofadas, criamos espaços encantados. Na época, nós tínhamos um castelo, depois transformamos o espaço em uma casa. Já tivemos, bem no início, um trenzinho que era o trenzinho dos Sete Anões. Então, tinha o trem, o trilho. Depois tivemos uma parte que era um baú. Então, de quando em quando renovamos esse espaço, porque ele precisa de renovação senão o projeto cai num vazio. Então, a gente fez primeiro todo um espaço no final do ano, trabalhamos com isso, trouxemos uma equipe interna para fazer toda a parte da decoração. No ano seguinte ele passou a fazer parte do currículo da escola, com horário próprio para cada professor da Educação Infantil até a terceira série, subir uma vez por semana com os alunos e contar as histórias nesse espaço. Então, o projeto passou a ser institucionalizado e a ter a contação de histórias. O espaço todo o ano é renovado. O ano passado ele foi bem renovado. Hoje nós temos sete pequenos cantos. Nós temos o Planetário, nós temos a Biblioteca do Visconde, nós temos a Fazendinha, nós temos a Floresta, nós temos o Fundo do Mar, nós temos a Casa do João e Maria e nós temos a parte propriamente dita da Encenação que é um espaço pequeno, mas aonde eles contam, eles sobem no pequeno palco para contar as histórias não só a professora, mas eles também contam histórias. Então, esses espaços hoje fazem parte dessa sala de Sonhos Mágicos onde a gente conta histórias.

A semente germinadora do projeto é muito interessante e partiu, segundo a depoente, da própria curiosidade das crianças:

Na verdade, o espaço para contação de histórias de uma forma diferente, surgiu a mais ou menos uns nove anos atrás, quando a gente contava as histórias na própria sala de aula e, aí, as crianças se sentiam muito curiosas para saber o que havia atrás de uma porta e, na verdade não havia nada, era apenas uma parte da escola que não estava mais sendo utilizada. Então resolvemos transformar aquela sala que fica no sótão do colégio em um espaço de contação de histórias que se chamou a Sala dos Sonhos Mágicos. Então, a partir disso, é que se originou esse projeto de uma forma mais concreta, mas a contação de histórias sempre ocorreu. Mas, então, nós tínhamos um espaço encantado, um espaço especial, um espaço mágico para contar as histórias de uma forma diferente. Então, isso surgiu há mais ou menos oito ou nove anos. Eu não me lembro bem da data. Mas, enfim, a partir daí, então, esse espaço passou a ser mágico para a contação de histórias de uma forma diferente. Então, a origem do projeto em si, ele aconteceu, na verdade, pela curiosidade das crianças para saber o que é que havia atrás de uma porta. Uma porta que eles nunca passavam por ela e, aí, é que surgiu essa idéia de transformar este espaço, para mostrar a eles o que tinha atrás da porta, mas não havia nada, havia uma sala vazia. Então, nós transformamos essa sala numa sala de sonhos, uma sala de contação de histórias. Na verdade, foi isso que aconteceu.

A Sala dos Sonhos Mágicos se localiza na parte superior do colégio, onde as Irmãs, bem no início, moravam. Quando as crianças passavam por essa porta ficavam curiosas em saber o que havia dentro dessa sala. Não havia mais nada, porque as Irmãs já estavam morando em outro lugar dentro do espaço do colégio. Mas, cada vez que as crianças passavam em frente a essa porta perguntavam o que havia dentro. Foi dessa curiosidade que surgiu a Sala dos Sonhos Mágicos.

Durante seu depoimento, a supervisora comentou como as professoras aceitaram o projeto dizendo que:

Os professores amaram e assumiram tanto que são nove anos e, assim, o projeto não morreu. Ele vem a cada ano tomando força e sendo valorizado e sendo trabalhado. Também a direção da escola dá um espaço bem grande para isso. No momento em que eu pedi para fazer, a Irmã disse: Ah! Já fizemos tantas vezes e depois isso cai no vazio. Porque é verdade, nas escolas, às vezes, o projeto tem a duração de um ano ou dois e depois cai no vazio. E esse projeto é um projeto que nunca mais caiu no vazio. Está ali, firme.

Disse, ainda, que não houve resistência nenhuma por parte das professoras: “As professoras, hoje, também assumem isso com muito empenho e muito carinho e fazem realmente toda essa motivação para a criança ouvir histórias”.

Quando perguntada se as professoras haviam sido preparadas para contar histórias, a supervisora respondeu:

Na verdade, no início elas não foram preparadas. A gente contava histórias em sala de aula que passou a ter uma conotação diferente, e elas mesmas introjetaram isso, a partir da existência de um espaço físico, a partir de ter um local diferente para que isso acontecesse. Então elas fizeram muita magia com as crianças. Subiam devagar (as escadas), iam contando coisas pelo caminho, transformando isso num momento de fantasia das crianças. Hoje, nós temos um grupo que é mais ou menos permanente de professores e que estão muito integrados com o projeto. Vejo elas [sic] bem tranqüilas em relação ao projeto.

Ainda com relação à ênfase ao imaginário, existe outro projeto, realizado na biblioteca do colégio pela bibliotecária. Ela se veste dos mais diversos personagens para contar as histórias. Esse trabalho também é desenvolvido com os alunos da Educação Infantil, da primeira a terceira série do ensino fundamental e acontece uma vez por semana, juntamente com o empréstimo de livros da biblioteca.

Dos projetos desenvolvidos pelo colégio, o maior deles é realizado na primeira série. É feito um projeto especial em que são trabalhadas todas as disciplinas desde a educação física, a arte, a matemática através da contação de histórias que culmina num grande evento sempre no mês de novembro. Esse projeto tem o nome de Multifeira e já vem ocorrendo há seis anos. Os temas são diferenciados. Nesse ano o tema foi Monteiro Lobato, quando as crianças ouviram as histórias deste autor, bem como trabalharam com os personagens em suas características. Esse projeto acontece especificamente a partir de uma contação de histórias, que permite o desenvolvimento de determinados conteúdos, interligando as disciplinas como, por exemplo: matemática, educação física, ciências, português, artes.

Além disso, o colégio tem também espaços menores onde, principalmente, as professoras da Educação Infantil fazem outras atividades relacionadas a contação

de histórias. Cabe salientar, ainda, que as professoras da Educação Infantil fazem junto a seus alunos um livro, chamado Livro da Turma, onde eles é que escrevem o texto e desenham as gravuras com a ajuda das professoras.

Se analisarmos com acuidade, verificamos que a prática de contação de histórias nesta escola é praticamente diária, sendo que em cada turma, aproximadamente de duas a três vezes por semana tal abordagem tem um destaque especial.

Interessante salientar que, a par dos objetivos lúdicos, também nesta escola há a já conhecida preocupação em interligar histórias infantis aos conteúdos. Segundo a coordenadora e supervisora,

Esse é o trabalho que a gente faz no Colégio X porque pensamos que o lúdico que passa pela contação de histórias pode ser o grande motivador do projeto pedagógico de uma escola. Trabalhamos muito integrados com a contação de histórias que depois vai se transformar nos mais diversos conteúdos. De uma contação de histórias sai a aula de matemática, de história, de geografia. Todos os conteúdos a serem trabalhados partem da contação de histórias e é esse o trabalho que fizemos aqui.

Mas, segundo a depoente, o colégio procura fazer com que o lúdico perpassse o projeto pedagógico. Acha que a grande possibilidade que se tem de competir com os meios de comunicação, competir com o consumo, competir com outras estruturas que, às vezes, dificultam o processo pedagógico, é através do lúdico. E justifica afirmando:

Se conseguirmos encantar as crianças, se conseguirmos possibilitar que as crianças entrem no mundo da fantasia e desse mundo da fantasia construam a realidade, é uma forma importante que temos para competir com o mundo consumista que está aí.

Seu parecer é o de que a contação de histórias é algo maravilhoso para as crianças. Acha que esta é a grande experiência do Colégio X: não abandonar o lúdico, ao contrário, fazer do lúdico a chave da sua proposta pedagógica.

Diz, ainda, que tentam trabalhar com a criatividade. São suas palavras textuais:

As crianças hoje têm tantas incumbências que não são próprias da sua idade, que se caba deixando de lado o trabalho com a criatividade, que é uma habilidade e uma competência que deve ser estimulada. Então, pela contação de histórias podemos fazer as nossas crianças voar o pensamento e, se elas conseguirem voar o pensamento nessa idade tão tenra onde elas são tão crianças, certamente estarão construindo um mundo que vai permitir a elas, na idade adulta, a capacidade de dar conta das situações que se colocam na vida, de criar espaços, de resolver problemas, de procurar entender o mundo dos adultos dos quais fazem parte. Tudo isso através da criatividade que encontra espaço para ser estimulada, trabalhada na contação de histórias.

Como se pode constatar, nesta instituição, dar espaço para o lúdico é oportunizar às crianças o desenvolvimento da capacidade de criação, de ver o mundo de uma forma mais abrangente, permitindo assim a entrada no mundo da magia, para ressignificar as vivências, voar com o pensamento e isso é efetivado, principalmente, através da prática de contação de histórias.

11 A PRÁTICA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS EM CURSOS DE MAGISTÉRIO

Para a realização dessa etapa, inicialmente identifiquei no município de Caxias do Sul quais escolas ofereciam Cursos de Formação em Magistério. O município tem pelo menos três escolas de nível médio que oferecem Cursos de Formação em Magistério, duas escolas particulares e uma pública estadual¹⁵. Entrei em contato com as respectivas coordenadoras que, prontamente, se colocaram à disposição. Então realizei entrevistas com elas buscando saber até que ponto a prática de contação de histórias vinha adquirindo importância nas propostas curriculares de formação inicial para o magistério.

Do conjunto de respostas, passo a destacar as mais significativas. Quando perguntei o que pensavam sobre contação de histórias como atividade pedagógica, Nice respondeu que:

A hora do conto é um momento de valorizar as histórias, de respeitar o imaginário da criança. Abre-se a oportunidade para a descoberta de outros mundos, outros tempos, outras possibilidades e resgata-se a importância da oralidade através da narrativa. O faz de conta é muito respeitado.

Ana por sua vez, considera “um excelente recurso para despertar a atenção, imaginação, argumentação, oralidade, raciocínio e fantasia”. Já Laura acredita que “a criança e as histórias estão muito próximas e, portanto, não há como separá-las num processo de aprendizagem. Além disso, as histórias, além de divertir e entreter, também ensinam”.

Em seguida perguntei se o assunto tem merecido discussões na organização de propostas curriculares de suas instituições, quais os argumentos favoráveis e quais aqueles que consideram essa prática como uma atividade dispensável. Em relação a esse questionamento, Nice respondeu: “Sim, pois a contação de histórias amplia o mundo da fantasia e alimenta a imaginação e curiosidade dos ouvintes”. Na escola de Nice vê-se um interesse especial pela contação de histórias. Enquanto visitava as dependências da mesma pude perceber que algumas professoras,

¹⁵ Em relação às concepções, bem como às práticas desenvolvidas, não parece haver diferença entre tais instituições no que diz respeito ao tema inquirido.

principalmente da Educação Infantil estavam contando histórias ou desenvolvendo algumas atividades, como o plantio de uma sementinha em vasinhos, fazendo uma experiência prática a partir da história contada. A escola também conta com uma sala própria para desenvolver essa atividade.

Ana, coordenadora de outra escola de formação informou que: “Faz parte de nossa proposta pedagógica para as séries iniciais, portanto todos os argumentos são favoráveis”. No caso, ela não fez referência à Educação Infantil. Aliás, de um modo geral, parece que as escolas de preparação para o magistério não encaram este nível entre as prioridades do processo formativo das futuras professoras.

Já Laura colocou:

Em nossa escola, a atividade de contação de história tem um espaço especial na base curricular do Curso Normal. Porém, há uma certa resistência no Curso de Aplicação por parte dos professores que acabam relegando ao segundo plano ou apenas utilizando o tema da história como fator de desencadear a integração das disciplinas.

Laura demonstrou preocupação quando falou sobre o fato de usar o tema da história para desencadear a integração das disciplinas, porque acredita que entreter é a função da contação de histórias e o aprender acontece naturalmente sem antecipar conceitos. Concordo com ela e me preocupa, também, porque esse direcionamento pode levar ao desestímulo e a conseqüente perda de interesse pela atividade em seu caráter lúdico.

Mais adiante perguntei se o Curso de Magistério tem em seu currículo um espaço destinado à contação de histórias e Nice respondeu assim: “Temos no currículo, especificamente na disciplina Didática da Literatura Infantil, com professora especializada em Alfabetização e Literatura Infantil”.

Na escola de Laura, o Curso de Magistério também tem em seu currículo um espaço destinado à contação de histórias “através da disciplina Literatura Infantil e Metodologia Aplicada à Hora do Conto”.

O questionário também permitiu que se indagasse sobre a forma como o tema é abordado no Curso de Magistério. Nice respondeu:

Além do componente curricular obrigatório na formação do futuro educador, trabalhamos com oficinas, contos virtuais, hora do conto específica com horário e sala ambiente através de projetos interdisciplinares.

Com relação ao mesmo tópico, Ana sucintamente respondeu: “Na cadeira de Didática da Linguagem”.

Laura aproveitou para desdobrar o assunto, afirmando:

Com muita seriedade e responsabilidade, pois entendemos que as histórias são excelentes “ferramentas” para oportunizar às crianças expressar e vivenciar sentimentos. Também são ótimas para desenvolver a interdisciplinaridade. Claro, que é preciso primeiramente possibilitar a ludicidade poética de cada momento.

No final, o instrumento abria espaço para a respondente acrescentar demais considerações. Duas delas acrescentaram:

A Escola investe nas histórias, traz em cada trimestre um autor de histórias que vem desenvolvendo no Projeto da Educação Infantil e Séries/Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio/Curso Normal (Nice).

Laura foi a outra que encerrou o questionário afirmando:

Ao incluir as disciplinas de Literatura Infantil e Metodologia Aplicada à Hora do Conto tínhamos como propósito qualificar o curso, valorizando as artes, em especial a arte da palavra, pois entendemos que a escola é para muitas crianças o único espaço de estar em contato com histórias contadas.

12 CONCLUSÃO

Histórias não garantem a felicidade nem o sucesso na vida, mas ajudam. Elas são como exemplos, metáforas que ilustram diferentes modos de pensar e ver a realidade e, quanto mais variadas e extraordinárias forem as situações que elas contam, mais se ampliará a gama de abordagens possíveis para os problemas que nos afligem. Um grande acervo de narrativas é como uma boa caixa de ferramentas, na qual sempre temos o instrumento certo para a operação necessária, pois determinados concertos ou instalações só poderão ser realizados se tivermos a broca, o alicate ou a chave de fenda adequados. Além disso, com essas ferramentas podemos também criar, construir e transformar os objetos e os lugares.

Lichtenstein, Corso e Corso (2006, p.303)

É chegado o momento de colocar um ponto final neste trabalho, embora a dimensão assumida ao longo destas páginas não permita que sejam elaboradas conclusões definitivas. Sinto-me como se tivesse aberto uma caixa de ferramentas deparando-me com mil possibilidades para construir reflexões e alternativas. Decido, então, trazer à tona alguns apontamentos que fui registrando durante o percurso, desdobrando-os em forma de tópicos, tendo como critério os pressupostos que nortearam a pesquisa.

- **Na infância, professoras ouviram histórias e essa foi uma experiência positiva que ficou guardada na lembrança.**

Todas as professoras entrevistadas afirmaram terem ouvido histórias na infância. As histórias eram variadas desde os contos de fadas, lendas e até mesmo aquelas que passavam de geração a geração, aquelas contadas na família ao longo dos tempos. Quem lhes contava? A mãe, o pai, a tia, a avó, a irmã mais velha, a professora e, curiosamente, um senhor que cuidava de uma Biblioteca Pública de uma comunidade, lá do interior do município de Caxias do Sul, chamada Flores da Cunha. Esse senhor não tinha nenhum laço familiar, isto é não tinha nenhum parentesco com a criança do qual ele contava histórias, mas tinha certamente aquilo que é muito importante a quem conta histórias, o afeto e, por isso, ficou marcado para sempre na lembrança de quem o ouviu tantas vezes.

Pelas falas das professoras foi possível perceber, então, que todas lembravam com carinho das histórias que ouviram na infância. Lembraram de títulos, da maneira como eram contadas (se era numa roda, se de noite, se usava livro, como folheava a página, se mostrava a gravura, se contava sem livro), do tom de voz, do olhar que muitas vezes transmitia cumplicidade. Também do significado que tinham, como por exemplo, quando uma das entrevistadas contou que toda a vez que ouvia a história do Patinho Feio chorava. Chorava porque ela usava óculos e, de uma certa forma, se identificava com o personagem que tinha características físicas diferentes e, por isso, sofria preconceito. Ambos se sentiam diferentes em relação aos outros.

Algumas das entrevistadas lembravam das histórias que lhes foram contadas na infância com muitos detalhes, voltando por alguns momentos no tempo e, assim, oferecendo a quem ouvia, nesse caso eu, momentos de pura imaginação. Ouvir essas professoras me permitiu também voltar a minha infância, pois conforme já referi, lembro que sempre ouvi muitas histórias, que adorava folhear os livros e olhar as gravuras. Muitas vezes me vi dentro daquele cenário onde a história se passava. Em relação a esse comentário, uma das professoras contou-me que tinha um livro que quando abria era uma casinha de boneca e ela imaginava-se dentro dessa casinha, fazendo parte da história, entrando no cenário, assim como muitas vezes, também me senti e, sabemos, muitas crianças sentem.

As narrativas de experiências positivas relacionadas à prática de ouvir histórias na infância parecem importantes para que essas professoras continuem contando histórias para seus alunos, oferecendo momentos de imaginação, de criatividade e, principalmente, como reiteradas vezes venho repetindo, possibilidades para a criança viver melhor.

- Professoras acreditam que contar histórias auxilia no desenvolvimento integral das crianças

Pelo conjunto dos depoimentos, pode-se inferir que o pensamento das entrevistadas reforça o que estudiosos do tema defendem: contar histórias proporciona o desenvolvimento das crianças, porque permite entrar no mundo da

imaginação e, imaginando, a criança vive por alguns instantes a trama da história, experimentando sentimentos variados e importantes para sua constituição infantil, além de ter a oportunidade de refletir sobre o papel dos personagens, aliando imaginário a sua realidade vivida.

Segundo as professoras, as crianças vivem emoções a cada história contada, de acordo com o tema abordado e com as suas necessidades interiores. Professoras acreditam também que contar histórias pode levar a criança a tornar-se um bom leitor: quanto mais ouvir histórias, e mais por elas se envolver, mais possibilidades de vir a ser no futuro um cidadão leitor. Para tal, como dizem essas professoras, a leitura deve ser encantadora, vir ao encontro dos interesses, tendo como fim primeiro o entretenimento.

Importante, ainda, frisar que para as professoras a prática de contação histórias permite a criança aprimorar questões ligadas ao cognitivo, porque através delas a criança não só desenvolve a imaginação, a criatividade, mas também a memória, a linguagem, o raciocínio. Também oportuniza o contato afetivo que pode estar presente nos sentimentos de medo, raiva, amor, permitindo, assim, a resolução de impasses que se estabelecem a partir de conflitos internos, pessoais.

- Contar histórias ajuda no desenvolvimento de determinados conteúdos

As professoras, durante suas falas, mencionaram que também utilizam a história como um meio para ajudar no desenvolvimento de determinados conteúdos ou, conforme dizem textualmente, para “trabalhar conteúdos”. De fato, muitas histórias permitem estabelecer relações com assuntos ditos disciplinares. Não é difícil fazer tais conexões, basta estar atento para os objetivos traçados, selecionando histórias que se adaptem aos mesmos. Ampla é a literatura hoje disponibilizada e, infelizmente, também amplos são os propósitos de muitas professoras em valer-se dela para “trabalhar conteúdos”. Essa é uma questão bastante delicada, depende muito da forma como a história contada é direcionada para auxiliar na aprendizagem de conteúdos. Se a história contada passa por momentos de imaginação, de dramatização, de desenho, de pura brincadeira e

depois, como decorrência, vai incidir em questões de conteúdos, ainda é possível aprovar tais procedimentos. Por outro lado, contar história só para desenvolver conteúdo não é a melhor decisão pedagógica. É preciso entender que o fim primeiro é entreter e não tornar aquilo que é prazeroso uma obrigação. E ainda, se temos como objetivo formar leitores, por exemplo, então não podemos nos esquecer que a leitura ou a escuta deve encantar, deve ser interessante, tem que dar prazer, em especial nessa faixa de idade, com crianças da educação infantil. Precisamos, pois, estar atentos à maneira como conduzimos as aprendizagens a partir da contação de histórias.

- Professoras não mencionam diretamente o valor terapêutico do conto infantil

As professoras entrevistadas fazem menção sobre a importância de contar histórias para despertar o imaginário, refletir sobre os conflitos e impasses vividos pela criança. Mas, de um modo geral, segundo os depoimentos, este argumento não constitui a razão primeira em contar histórias. De suas narrativas é possível depreender que elas, indiretamente, têm idéia do valor terapêutico que tal prática possui, embora evidenciem não possuir estudo aprofundado acerca desta questão. Ou seja, os aspectos psicológicos e a função psicanalítica presentes na prática de contação de histórias, não se constituem diretamente como um elemento fundante das razões que as mobilizam nestas escolhas.

- Proposta pedagógica incluindo contação de histórias favorece sua prática

Não só através das narrativas de professoras do Colégio X, mas também pelo depoimento de sua supervisora, fica muito evidente a importância que a prática de contação de histórias assume naquela instituição. Pude perceber que apesar da idéia deste projeto ter surgido da curiosidade das crianças, ela foi parte importante na idealização e no convencimento sobre o mesmo. Os professores aceitaram muito bem tais propósitos, em parte por todo o contexto criado e também pelo fato de estar totalmente integrado à proposta pedagógica da escola. A Sala dos Sonhos Mágicos,

mais do que um cenário que convida ao mundo da imaginação, simboliza a dimensão que o lúdico ocupa nos objetivos daquela escola.

- **Cursos de formação investem na prática de contação de histórias, porém...**

As respostas explicitadas nos questionários respondidos pelas coordenadoras dos Cursos de Magistério permitem afirmar que há, em seus currículos, espaço destinado a contação de histórias. Tal proposta vem ocorrendo principalmente por meio de componentes curriculares que incluem a parte teórica e a parte prática (oficinas). Contudo, há que registrar um questionamento: as escolas enfatizam o uso da contação de histórias como fator para desencadear a integração das disciplinas ou mesmo a interdisciplinaridade. Ou seja, entendem que as histórias são como instrumentos que possibilitam às crianças expressar e vivenciar sentimentos, mas também são ótimas para desenvolver a assim denominada interdisciplinaridade. Referem, também, que trabalham com oficinas, contos virtuais, hora do conto específica, com horário e sala ambiente, através de projetos interdisciplinares.

Cabe aqui lembrar Veiga Neto (1996) quando alude sobre a tendência que alguns intelectuais assumem ao associar a interdisciplinaridade a propostas de avanço pedagógico, como se nelas não houvesse também o poder disciplinante. Ou seja, embora as escolas de formação para o magistério intentem fazer da prática de contação de histórias um procedimento com propósitos ditos progressistas (abordagem interdisciplinar), elas incorrem no costumeiro equívoco: valer-se de histórias infantis para atingir objetivos acadêmicos, seja sob o ponto de vista de conteúdos, seja sob o ponto de vista de trabalhar regras/comportamentos.

Mas contar histórias não deveria ser sinônimo de dar aula e, sim, fundamentalmente, oferecer momentos de puro gozo, de pura brincadeira, sem compromisso, permitindo às crianças ressignificar vivências. É também oferecer momentos para produzir conhecimento, mas sem necessariamente colocar este como objetivo primeiro.

Como foi possível depreender pelo conjunto dos depoimentos das professoras entrevistadas nesta pesquisa, assim como pelas respostas aos questionários referentes aos cursos de magistério, a conotação utilitária, lamentavelmente, está ainda muito presente nas propostas relacionadas a conotação de histórias.

Criança tem que ser CRIANÇA, viver intensamente esta fase de sua vida. E todos que estamos a sua volta precisamos, de quando em quando, oferecer a ela momentos de puro deleite, de imaginação, de reparação íntima, de reflexões e, também, de aprendizagens. Em toda essa caminhada percebi que a história infantil, se não for cuidadosamente mantida e vigiada em seus reais propósitos de entretenimento, pode virar uma aula e até mesmo uma metodologia sistemática de trabalho com conteúdos e, assim, paulatinamente, desencantar o ouvinte.

Para encerrar, gostaria de trazer à tona alguns questionamentos que começam a provocar em mim o desejo por novos estudos e pesquisas: por quais razões tendem a preponderar, nas práticas docentes, objetivos relacionados aos tradicionais conteúdos, ou mesmo intenções relacionadas a desenvolver o bom comportamento dos pequenos? Seria porque, de fato, no conjunto de propostas escolares não conseguimos nos desfazer da secular prática do controle e regramento? Seria porque professoras e supervisoras estão formadas (e formatadas) para garantir o poder disciplinar? Deparo-me com esta e tantas outras interrogações que poderiam conduzir a uma perspectiva contrária a tudo que tentei aqui defender. Ainda bem que as crianças conseguem escapar de nossas redes, desconfiando de nossos saberes e poderes (Dornelles, 2005). Mas isso já é outra história.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 2003.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **Era uma vez... na escola: formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato, 2001.

ALBERTI, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1990.

ALMEIDA, Fernanda Lopes de. **Contos de Perrault**. São Paulo: Ática, 2005.

ALVES, Rubem. **A história dos 3 porquinhos recontada por Rubem Alves**. São Paulo: Paulus, 1999.

ANDERSEN, Hans Christian. **O Patinho Feio**. São Paulo: Rideel, 2000.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BAGNO, Marcos. **Uma vida de contos de fadas: a história de Hans Christian Andersen**. São Paulo: Ática, 2005.

BARBOSA, Maria Carmem Silveira. **A Rotina nas Pedagogias da Educação Infantil: dos binarismos à complexidade**. Currículo sem Fronteiras. Janeiro/Junho 2006.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 17.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A pergunta a várias mãos: a experiência da partilha através da pesquisa na educação**. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. **Lei nº9394, de 20.12.96.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional'in Diário Oficial da União, Ano CXXXIV, nº 248, de 23.12.96.

BUSATTO, Cléo. **A arte de contar histórias no século XXI:** tradição e ciberespaço. Petrópolis: Vozes, 2006.

COELHO, Betty. **Contar histórias:** uma arte sem idade. 10.ed. São Paulo: Ática, 2004.

CRAIDY, Carmem; KAERCHER Gládis E. **Educação infantil:** pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

DORNELLES, Leni V. **Infâncias que nos escapam.** Petrópolis: Vozes, 2005.

FISCHER, Beatriz T. Daudt. **Professoras:** histórias e discursos de um passado presente. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler:** em três artigos que se completam. 46.ed. São Paulo: Cortez, 2005.

GUTFREIND, Celso. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver Mente & Cérebro.** Novembro de 2004.

_____. **O terapeuta e o lobo:** a utilização do conto na psicoterapia da criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

IRMÃOS GRIMM. **Chapeuzinho vermelho.** São Paulo: Rideel, 2000.

ISQUIERDO, Ivan. **Questões sobre memória.** São Leopoldo: Unisinos, 2004.

KENSKI, Vani Moreira. **Memória e Ensino.** Caderno de Pesquisa. São Paulo, nº 90, 1994.

LICHTENSTEIN; CORSO, Diana; CORSO, Mário. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MELLO, Guto. **Festa** (DVD). Produzido no Pólo de Manaus por SONOPRESS-RIMO: Manaus, 2003.

MEM, Fox. **Guilherme Augusto Araújo Fernandes**. São Paulo: Brinque-Book, 1995.

MOYLES Janet R. **Só brincar?** o papel do brincar na educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002.

OSBORNE, Ernest G. **O mundo da criança**: poemas da primeira infância. Volume 1. Rio de Janeiro: Delta S. A. 1954.

_____. **O mundo da criança**: histórias de fadas. v.3. Rio de Janeiro: Delta, 1954.

OSTETTO, Luciana E. (org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil**: partilhando experiências de estágios. Campinas: Papirus, 2000.

PRIETO, Heloisa. **Quer ouvir uma história?** lendas e mitos no mundo da criança. São Paulo: Angra, 1999.

REDIN, Euclides. **O espaço e o tempo da criança**: se der tempo a gente brinca! Porto Alegre: Mediação, 1998.

TEDESCO, João Carlos. **Memória e Cultura**: o coletivo, o individual, a oralidade e fragmentos de memória de nonos. Porto Alegre: EST Edições, 2001.

TOLEDO, Marcelo. **O patinho feio**. Coleção 12 Fábulas de Ouro. São Paulo: Maltese, 1993.

VEIGA NETO. A. J. **A ordem das disciplinas**. Tese de doutorado. Porto Alegre, UFRGS, 1996.

ANEXOS

Anexo 1 - Quadro Analítico das Entrevistas Realizadas

PERGUNTAS	RESPOSTAS	INFERÊNCIAS
Se freqüentaram a escola quando pequenas.	Sim. Todas freqüentaram a escola.	Freqüentaram a escola quando crianças.
Se gostavam de ir à escola.	Todas gostavam	Gostavam /adoravam ir à escola.
Do que mais gostavam da escola.	Da sala de brinquedos. Da minha professora. Brincar com os colegas. De ouvir histórias.	Da hora da brincadeira. Da professora. De ouvir histórias.
Se a professora contava histórias infantis.	Não Lembro. Contava. Lembro que contava. Contava.	As entrevistadas lembram que as professoras do tempo de infância contavam histórias infantis.
Na infância ouviam histórias infantis.	Ouvia muito em casa. A mãe, o pai, a tia, a avó. Minhas irmãs mais velhas e minha mãe. O senhor que cuidava da biblioteca pública onde eu morava.	As entrevistadas ouviram na infância histórias infantis e quem contava eram pessoas da família. Exceção: uma das entrevistadas ouvia histórias do guarda da biblioteca pública do lugar onde morava.
Lembram de alguma história contada na infância	Lembraram de várias, como: Galinha Ruiva, Patinho Feio, Chapeuzinho Vermelho, Os Três Porquinhos, Cinderela, uma história do Bicho Folha. Os clássicos: João e Maria, Branca de Neve. Lembro de uma que foi José no Egito. Minha mãe costumava contar a história do Saci.	Cada professora lembrou de pelo menos uma história contada na infância. Lembraram com saudades de momentos que foram prazerosos.

Anexo 2 - Falando de Memória a partir da história Guilherme Augusto Araújo Fernandes

Era uma vez menino chamado Guilherme Augusto Araújo Fernandes, que tinha vizinhos muito interessantes. Vocês sabem por quê? É que Guilherme Augusto morava ao lado de um asilo de velhos.

O menino conhecia todos os moradores, como a Sra. Silvano que tocava piano, o Sr. Cervantes que contava histórias arrepiantes, o Sr. Valdemar que adorava remar, a Sra. Mandala que andava com uma bengala e o Sr. Possante que tinha voz de gigante. Havia, porém, uma pessoa especial para o menino, de quem ele gostava muito e que tinha, como ele, quatro nomes: a Sra. Antônia Maria Cordeiro Diniz. Ele a chamava de D. Antônia e contava-lhe todos os seus segredos.

Um dia Guilherme Augusto escutou seus pais conversando, preocupados com D. Antônia, pois já estava com noventa anos e havia perdido a memória. Guilherme Augusto, curioso, logo quis saber o que era memória e não satisfeito com a resposta do pai – que memória é algo de que você se lembre – procurou seus amigos do asilo para saber mais.

A Sra. Silvano disse para o menino que memória era algo quente. O Sr. Cervantes explicou que era algo bem antigo. O Sr. Valdemar falou que, para ele, memória era algo que fazia chorar, bem ao contrário da Sra. Mandala, que pensava que memória era algo que fazia rir. Finalmente, o Sr. Possante lhe contou que memória era algo que valia ouro.

Depois dessa conversa, Guilherme Augusto voltou para casa disposto a encontrar as memórias de D. Antônia. Lembrando-se do que os amigos haviam dito, ele pegou uma cesta e foi guardando nela vários objetos: algumas conchas que já eram bem antigas e uma marionete muito engraçada. Ele pegou também uma medalha que seu avô lhe tinha dado e, tristonho, a colocou ao lado das conchas. Depois achou algo que para ele valia ouro: sua bola de futebol. Ficou faltando alguma coisa quente, entrou então no galinheiro e pegou debaixo da galinha um ovo bem fresquinho.

Aí, Guilherme Augusto foi visitar D. Antônia e deu a ela cada um de seus achados. Ao pegar os objetos da cesta, ela começou a se lembrar: acontecimentos antigos, a sensação de um calorzinho gostoso, lembranças alegres e tristes. Com isso, D. Antônia se recordou do dia, há muito tempo, em que havia encontrado um

ninho no jardim de sua tia, de como havia sentido calor em uma viagem à praia, de seu irmão que havia morrido na guerra e também de um dia em que sua irmãzinha a fizera rir. Pegando a bola de futebol, ela a jogou para Guilherme Augusto e lembrou-se do dia em que se conheceram e de todos os segredos que haviam contado um ao outro.

Então, os dois se olharam no fundo dos olhos e começaram a sorrir, pois toda a memória perdida de D. Antônia tinha sido encontrada por um menino que nem era tão velho assim.

Anexo 3 - Análise do DVD “Festa” da apresentadora Eliana

“Festa” é o título de um DVD da apresentadora Eliana que conta a história de uma família composta de cinco crianças, sendo duas meninas e três meninos, o pai, a mãe. A mãe é ausente (não há referência no início da história sobre o que aconteceu, supõem-se tenha falecido por uma frase de uma das crianças, a menina mais velha diz: “se a mamãe estivesse aqui”). O pai contratou uma governanta para tomar conta das crianças, pois ele é um homem de negócios e não tem tempo para cuidar dos filhos. As crianças não gostam dessa governanta, porque ela é muito rígida.

A história começa mostrando as crianças assistindo televisão, (programa da apresentadora Eliana que está passando na TV) quando uma delas se coloca na frente da mesma atrapalhando a visão das demais. Com isso se inicia uma “guerra de almofadas” sendo que uma delas bate no rosto da governanta. Ela se incomoda com a atitude e diz às crianças que acha que já estão “crescidinhas” o suficiente para brincar disso. Ela liga para o pai delas e diz que vai embora, pois não agüenta mais os pirralhos.

O pai chega em casa e as crianças estão colocadas uma ao lado da outra por ordem de tamanho. Ele está indignado com a situação e xinga os filhos, dizendo que todos estão de castigo, sendo que o menor é o que leva o pior, pois o pai lhe diz que ele não terá festa de aniversário esse ano devido as suas atitudes. Depois de xingar todos os filhos ele diz ter arrumado outra governanta ainda mais rígida que se chama “Lilichi Van Brava”. As crianças se mostram apavoradas. O filho menor muito triste, de joelhos em uma poltrona, diz a sua irmã que gostaria que o pai ficasse um pouco mais em casa e não saísse logo para viajar. Em seguida o menino, ainda de joelhos sobre a poltrona, olhando o céu pela janela vê uma estrela cadente e pede a ela que pelo menos essa nova governanta faça a casa virar uma festa, e aí ele pega no sono.

A nova governanta chega e o menino, que se chama Arthur Júnior, fica fascinado com a beleza dela e, pensando, diz: “É o meu pedido da estrela cadente”. Ela acomoda o menino na cama e ele diz: “eu sei, você é a Eliana e veio para fazer a minha festa”. Eliana responde ao menino que tem uma surpresa e mostra uma máquina que pode levá-los para qualquer festa. Ele escolhe ir para a Festa de Índio, mas têm muitas outras.

Na verdade, Eliana está contando uma história sobre índios, só que ao invés de usar o livro ela usa uma máquina como se fosse um vídeo game (uma forma representativa de livro). Essa máquina contém botões e cada um deles é uma história então, ao escolher a história que quer ouvir, aperta-se o referido botão e entra-se nela. Tanto o menino quanto Eliana ou os demais entram na história, no mundo imaginário como personagens, participando dela. Quando Eliana está terminando de contar a história do índio, o pai do menino entra no quarto e pergunta se está tudo bem. Ela diz que sim, que só estava contando uma história. O pai lembrou-lhes de que no dia seguinte sairia cedo. Disse, ainda, para a governanta que gostaria de lembrar-lhe que a principal característica da casa é a disciplina. Que não gosta de historinhas fantasiosas com as crianças e que procurasse se manter dentro da realidade, justificando que afinal de contas, já passava da hora de dormir.

No dia seguinte Arthur Júnior pediu pela máquina a Eliana e ela respondeu que o pai havia dito para ficar na realidade. O menino disse que era por uma causa justa e aí eles vão para outra história, que se chama Mestre Coco, que ensina a comer de tudo.

As crianças, em especial um deles, que é considerado o “intelectual da família”, o estudioso, chamado Pedro Henrique, que tem o apelido de Einstein, está tentando descobrir qual é a fórmula da máquina e a governanta explica que ela (a máquina) não é feita de fórmulas ou teoremas, mas é feita de sonhos, de desejos mais profundos. Tem a ver com aprender a ser feliz. Pedro Henrique pergunta: e o que ela faz, então? Ela faz festas, que é a forma mais antiga de comemorar momentos de alegria. Todos os povos até hoje comemoram fazendo festas, explicou Eliana. Nesse momento Arthur Júnior pede para apertar no botão que leva a festa na praia, (que é mais uma história contada por Eliana), com cachorro e tudo. A história se chama Meu Cachorrinho (Chihuahua). Einstein não quer ir a essa festa, pois não gosta de praia, de areia, de mar, de sol, de maresia e cachorro muito menos, porque tem alergia. Mas Arthur Júnior aperta no botão e eles acabam indo imaginariamente para a praia com cachorro e tudo. Lá brincam muito, se divertem. Quando a história termina Pedro Henrique lembra da última vez que foi à praia e ficou o tempo todo embaixo do guarda-sol com sua bombinha usada nas crises alérgicas. O menino se mostra feliz. Pedro Henrique, Arthur Júnior, Eliana e uma das meninas estavam sentadas na sala conversando sobre a festa na praia, quando Arthur Júnior pediu qual seria a próxima e Pedro Henrique respondeu “o parque de diversões”. Arthur

Júnior disse que parque não era festa, era parque. Os meninos estavam lendo o nome dos tipos de festas e Pedro Henrique dizia “Festa Junina não, Festa de Ano Novo também não e Festa de Natal, também não”. A menina que pouco falava sugeriu Adoleta. Todos ficaram surpresos por ela ter falado e exclamaram: “ela falou!” “Ela está falando!” A menina apertou no botão que levou ela e Eliana para a Festa do Adoleta. Lá elas brincaram de Adoleta. Os dois meninos que estavam conversando na sala ficaram e não foram à festa.

Quando terminou a festa, Eliana e a menina voltaram para casa. Estavam sentadas no sofá quando as outras duas crianças mais velhas (pré-adolescentes) da família chegaram da escola. Eduardo pediu desculpas à Eliana por ter sido grosseiro, mas mesmo assim continuou apresentado um comportamento nada agradável. Então, Eliana decidiu levá-lo a uma festa, pois acreditava que o seu comportamento agressivo poderia melhorar. Eduardo e Eliana foram a Festa de São João. Nessa festa Eduardo se apaixonou por uma menina e Eliana, entendendo o que se passava com ele, resolveu ajudá-lo. Ao mesmo tempo, Beatriz também sofria por estar apaixonada.

Os dois adolescentes da família estavam passando por momentos especiais e próprios da idade. Isso fazia com que tivessem atitudes contraditórias, ora querendo ser adulto, ora sendo criança.

Eliana, através dessas histórias que eram contadas como fossem festas, procurava acomodar e ressignificar os sentimentos de todos, deixando-os mais felizes e confiantes em si mesmo. Eduardo e Beatriz voltam das festas conhecendo o que é o sentimento amor. Beatriz chegou da festa e começou a trovejar. As duas se olharam e descobriram que tinham o mesmo medo de trovão. Em seguida todos os outros foram chegando e se aproximando de Eliana quando descobriram que ela também tinha medo de trovão. Lembraram do pai e comentaram que com ele nunca puderam dizer que tinham medos. Eliana disse as crianças que o pai deles não era tão brabo quanto eles pensavam e que ele também tinha medos como: medo de não saber educá-los direito, medo de expressar seu amor e não ser correspondido. Beatriz fala para Eliana que seu pai, antes da mãe morrer, era amoroso, brincalhão e alegre, tanto que tinha até uma banda de rock. Eliana surpreendeu-se com essa revelação.

Todos embarcaram em mais uma festa que se chamava Pop Pop, onde as crianças, junto com Eliana, dançavam rock. Nesse meio tempo o pai chegou e, como

sempre, ao invés de enxergar seus filhos como crianças que necessitavam de afeto e atenção, foi logo xingando, mas como num passe de mágica a filha menor se aproximou dele e o abraçou. Ele, num primeiro momento, não correspondeu a esse carinho provocando choro na menina. As lágrimas de Ana Clara (sua filha mulher, mais nova) fizeram com que ele percebesse que precisava olhar de forma diferente os seus filhos e foi o que aconteceu.

Como resultado dessa mudança de comportamento do pai, todos juntos foram à festa chamada Felicidade. É um momento em que a família está reunida, onde o afeto, a compreensão e o respeito estão em todos e passa a fazer parte do dia-a-dia dessa família que passou por momentos tão difíceis desde que a mãe faleceu. O filho mais novo, o Arthur Júnior, ganhou a sua tão esperada festa de aniversário.

Enquanto procedia a análise desse DVD, fui percebendo como a família estava sofrendo com a morte da mãe que também fora esposa. Todos estavam elaborando esse sentimento de perda que desequilibrou a estrutura familiar, provocando mudanças de comportamento em cada um de seus integrantes. O pai tornou-se uma pessoa rígida que não mais se permitia amar; Beatriz, como a irmã mais velha, introjetou o papel da mãe em suas atitudes, inclusive no jeito de vestir; Eduardo, o irmão mais velho, apresentava um comportamento grosseiro, tentando imitar o pai; Pedro Henrique tinha suas crises alérgicas e não conseguia participar das brincadeiras e passeios; Ana Clara, sempre vestida de bailarina, não falava, tanto que era chamada por seus irmãos de “mudinha” e, finalmente, Arthur Júnior, que fazia travessuras próprias para sua idade. A família estava presa a esse sentimento de perda. Vê-se, porém, que quando Eliana chegou à casa dos Ventura (sobrenome da família) com o intuito de cuidar das crianças foi acomodando cada uma delas, usando a sua máquina de fazer festa que nada mais era do que uma forma diferenciada de contar histórias. Ela ia contando as histórias conforme a necessidade das crianças e essas, entrando no mundo imaginário, participando como personagens acomodavam os sentimentos, dando um novo sentido a suas vidas.

As crianças, aos poucos, foram modificando os seus comportamentos, deixando cada vez mais a rigidez de lado fruto do sentimento de perda.

Elas ainda puderam perceber que os adultos também sofrem com seus sentimentos e que tanto quanto elas têm medos. Isso fez com que entendessem o comportamento do pai, que de certa forma estava relacionado ao sentimento de

perda da esposa e mãe de seus filhos. Para viver melhor, acomodar e ressignificar sentimentos, faz parte da vida de todas as pessoas sejam elas crianças, adultos e adolescentes.

A análise do DVD, que tem como título FESTA, permitiu entender o valor de contar histórias que pode se dar das mais diversas formas, mas que tem algo essencial que é acomodar sentimentos, ressignificar vivências, melhorar o convívio, enxergar o outro, ser sujeito na história e da história. É ter a possibilidade de entender não só a si mesmo, mas aos outros, pois convivemos com pessoas, que são portadoras de sentimentos. Sentimentos esses que podem ser de amor, de abandono, de perda, e tantos outros que permeiam o nosso viver.

Precisamos dar sentido a nossa vida e, para isso, buscamos acomodar esses sentimentos através de vários momentos como: ouvindo uma música, dialogando, trabalhando, assistindo um filme, lendo um livro, brincando, dançando. Da mesma forma, as crianças também sentem a necessidade de ressignificar suas vivências e elas também buscam entender o que está acontecendo para poder acomodar e viver melhor. Então, contar e ouvir a história permite ver os acontecimentos de forma diferente e, com isso, enxergar os outros, situando-nos no mundo.

Anexo 4 - Análise do conto Chapeuzinho Vermelho

Chapeuzinho Vermelho conta à história de uma menina que morava com sua mãe que assim era chamada porque usava uma capa com um chapéu vermelho que sua avó havia feito.

Um dia sua mãe pediu que ela levasse os doces para a vovó e recomendou que fosse pelo caminho do bosque e que não parasse para conversar com estranhos.

A menina estava andando pelo bosque quando o lobo a parou para conversar e ela, que estava distraída, falou para o lobo que ia à casa da vovó levar uns doces.

Então o lobo lhe recomendou que fosse por outro caminho, pois tão logo chegaria à casa da vovó. Chapeuzinho atendeu o conselho do lobo. O lobo chegou antes que ela a casa da vovó e a comeu.

Chapeuzinho um pouco depois chegou à casa da vovó. Entrou e achou que ela estava estranha. Fez algumas perguntas relacionadas ao tamanho dos olhos, dos ouvidos e da boca. Quando chapeuzinho perguntou sobre o tamanho da boca, o lobo disse que era para comê-la.

A menina saiu correndo e gritando por socorro. Um caçador, que por ali passava, ouviu os gritos da menina. Entrou na casa e atirou no lobo, que ferido, desmaiou. O caçador abriu a barriga do lobo e tirou a vovó de dentro. Colocou pedras na barriga do lobo e esse, com o peso, caiu no rio e morreu afogado.

A vovó e a chapeuzinho ficaram bem e felizes.

A vovó recomendou para sua neta que ela prestasse mais atenção aos conselhos da mãe e não os esquecesse.

De acordo com Bruno Bettelheim (2003) a história Chapeuzinho Vermelho foi escrita pelos Irmãos Grimm (2000), mas também teve uma versão escrita por Perrault.

Perrault deu uma conotação diferente à história abordando questões de ordem moral como valores e virtudes e, também, de ordem sexual. Essas questões aparecem na história e especialmente no final, ele faz um apelo através de um poema que diz: que meninas bonitinhas não devem dar ouvidos a todo tipo de gente. Se o fazem, não é de surpreender que os lobos as peguem e as devorem.

Quanto aos lobos, eles aparecem com todos os tipos, e entre eles os lobos gentis são os mais perigosos, especialmente os que seguem as mocinhas até mesmo a casa delas. Perrault deseja não só entreter, mas dar uma lição de moral.

No entanto, os Irmãos Grimm (2000) não fazem menção à questão de ordem sexual e sim a questão das virtudes, que nesse caso é o fato de que Chapeuzinho não atende os conselhos da mãe. No final do conto a vovó fala a sua neta que ela não deve esquecer os conselhos dados pela mãe como: nunca pare para conversar com desconhecidos, nem se desvie do seu caminho.

Na verdade, Chapeuzinho Vermelho distraidamente cedeu aos encantos do lobo que com sua habilidade convenceu-a a trocar de caminho para ir à casa da vovó.

O tema abordado é atual nos dias de hoje, uma vez que as crianças estão à mercê de situações semelhantes a que aconteceu com Chapeuzinho Vermelho.

Quantas crianças que pelo encanto e promessas são convencidas e acabam vítimas de seqüestros, desaparecidas, violentadas sexualmente, drogadas, entrando no mundo do crime, mortas.

Contar Chapeuzinho Vermelho pode levar a muitas interpretações, indagações e conscientização de questões não só sociais como pessoais. É uma oportunidade que as crianças têm de fazer uma avaliação do acontecido na história, do que acontece no mundo e nas suas vidas. Tudo de acordo com o entendimento que elas têm a cerca do tema sem antecipar conceitos.

Para Bruno Bettelheim (2003) o valor do conto infantil para a criança é destruído se alguém detalha os significados. Quem deve fazer a interpretação é a criança e é nesse momento que ela vai interagir com o personagem ou personagens bem como se colocar no fato acontecido e, assim, ressignificar seus valores, acomodar situações vividas ou vivenciadas, elaborar frustrações.

É necessário que a criança possa ter noção da importância de ouvir conselhos. Isso não significa que ela tenha que aceitar, mas saber os riscos que está correndo em determinadas situações.

As crianças sempre expressam um juízo de valor sobre determinado assunto ou acontecimento, tanto é que ao contar Chapeuzinho Vermelho lembro delas verbalizarem que a menina foi teimosa e desobediente. Por outro lado elas disseram que é muito chato ouvir toda hora a mãe dizer: faz isso, não faz aquilo.

É também nesse momento que se deve estabelecer um debate procurando oportunizar uma reflexão sobre a opinião das crianças no que diz respeito a obedecer a regras.

Além de proporcionar a conscientização de questões sociais, familiares e pessoais, o conto também pode ser utilizado no desenvolvimento de determinados conteúdos que envolvem estrutura familiar, esquema corporal (partes do corpo), os sentidos (órgãos dos sentidos), cores (em especial o vermelho), as noções de pequeno, grande (relações de dimensões), além de trabalhar com dramatização, música, desenho.

Anexo 5 - Análise do conto infantil Patinho Feio

Patinho Feio conta à história de uma mamãe pata que esperava com ansiedade o nascimento dos seus patinhos. Finalmente, os ovos foram se abrindo, um a um, e das cascas rompidas saíam os seus filhinhos. Mas um dos ovos, o maior deles, não se abria. A mamãe pata estava impaciente e, então, começou a dar bicadas no ovo, até que ele se rompeu. Da casca saiu um patinho cinzento e desajeitado. Diferente dos outros patinhos. A mamãe pata pensou: “Ele é feinho, mas com o tempo vai mudar”. Mas o tempo foi passando e ele não mudava, continuava esquisito e, logo, foi chamado pelos irmãos de Patinho Feio, só porque ele era diferente deles.

Cansado das peças que os outros bichos lhe pregavam, e magoado com as brincadeiras de mau gosto dos irmãos, o patinho resolveu ir embora. Caminhou, caminhou, até que chegou perto de um brejo, onde viviam alguns marrecos. O patinho resolveu falar com eles, mas o som de vários tiros da espingarda de um caçador espantou os marrecos e novamente ele ficou sozinho.

Ansioso por encontrar um abrigo onde não sofresse, de novo andou, andou, até chegar a uma cabana, onde morava uma velha em companhia de uma galinha e um gato. Nos primeiros tempos a velha o tratou bem, mas depois passou a maltratá-lo, tanto, que o patinho mais uma vez foi embora.

Após um longo caminhar encontrou um lago, onde ficou vivendo. Numa tarde, viu surgir um bando de aves brancas e majestosas: eram cisnes, tão belos que o patinho não conseguia abafar a inveja que lhe ia ao coração.

Mas, de repente, nadando numa parte do lago onde as águas eram mais cristalinas, viu claramente o seu reflexo no espelho da água e levou o maior susto. Tinha crescido e tinha mudado. Descobriu que era cisne igual àqueles que estavam nadando no lago. Quanta alegria foi para ele descobrir a sua identidade. Com o coração batendo de alegria, juntou-se ao bando e voou alto, em direção ao sol.

A história contada acima foi escrita por Hans Christian Andersen.

Existem outras versões que enfeitam um pouco mais o texto, mas que em nada modificam a essência do tema que está intimamente ligado ao ser diferente, as diferenças.

Esse conto retrata a vida de Andersen, sua trajetória até alcançar o sucesso como escritor, como um contista.

Andersen nasceu em 2 de abril de 1805, em Odense, uma pequena cidade da Dinamarca. Era muito pobre. Seu pai era sapateiro e sua mãe lavadeira. A família morava num único cômodo. A mãe, às vezes, precisava sair para pedir alguma coisa para comerem, tamanha era a pobreza deles.

O menino Andersen era sozinho, isto é, não tinha amigos para brincar, porque eles, os amigos, zombavam do seu tipo físico, do seu jeito de vestir e de suas histórias esquisitas. Zombavam de suas pernas compridas, de suas roupas velhas que ficavam pequenas para ele, as calças e os casacos curtos e as botas grandes demais para seus pés. Preferia ficar sozinho, lendo livros, ou brincando com seu teatro de bonecos. Era muito criativo.

Com 7 anos de idade foi ao teatro assistir a uma peça teatral. Aos 14 anos partiu de navio para Copenhague para tentar a vida na capital da Dinamarca, pois a vida em família, que já era difícil, ficou ainda pior com a morte do pai. A mãe tinha que trabalhar muito para garantir sozinha a sobrevivência deles.

Andersen passou muitas dificuldades nos primeiros anos em Copenhague. Fazia um pouco de arte (cantava, dançava) para ganhar um pouco de dinheiro. Aos 17 anos, Andersen tinha tentado chegar aos palcos por três caminhos: como cantor, como dançarino e como autor, mas precisava voltar para a escola a fim de desenvolver seus talentos.

Segundo Bagno (2005, p.23), foi o Diretor do Teatro Real de Copenhague Jonas Collin que concedeu uma bolsa de estudos para Andersen frequentar a escola primária. Para Collin, Andersen jamais seria alguém na vida se não recebesse uma boa educação. Andersen aceitou e foi para escola. A escola era em Slagelse. Mais uma vez passou por momentos ruins, pois seu professor era um homem bastante difícil, ou melhor, era terrível, tratava seus alunos com desprezo e fúria, tanto que durante anos de sua vida passou tendo pesadelos com ele. Também na escola era alvo de zombaria de seus colegas, pois era o mais velho da turma, tinha 17 anos e, devido ao seu tamanho, mal cabia na carteira.

Mais tarde, de volta a Copenhague, ele começou a ter aulas particulares sempre com ajuda de Collin e, mais tarde, foi estudar na universidade.

Aos 24 anos de idade publicou o seu primeiro livro e, em seguida, uma de suas peças foi encenada no maior teatro da cidade. Pela primeira vez ele começava a ganhar seu próprio dinheiro.

Hans Christian Andersen foi o primeiro escritor a produzir contos de fadas originais, nascidos de sua própria imaginação. Bagno (2005, p.30) diz que para Andersen escrever alguns desses contos ele se inspirou em lendas tradicionais do folclore dinamarquês, coisas que ouviu da boca de mulheres velhas ainda quando era pequeno, um menino, lá em Odense. Mesmo assim, os personagens, as tramas, a linguagem, tudo foi criação dele.

O Patinho Feio (1843) foi um dos contos mais trabalhosos. Levou mais de um ano para ser concluído. Andersen gostava de vê-lo como uma representação de sua própria vida, porque assim como o patinho sofreu com o desprezo e a zombaria, Andersen também sofreu.

Quanto ao desprezo e a zombaria sofrida tanto pelo patinho como por Andersen, percebe-se que eles passaram por momentos de exclusão promovida pelo preconceito social. Preconceito esse que inclui também fatores econômicos e físicos. Como exemplo desse tipo de preconceito é possível citar algumas passagens vividas não só pelo patinho em O Patinho Feio, como também por Andersen em sua trajetória de vida, como: quando o patinho preferiu fugir de sua própria casa a sofrer o desprezo por ser diferente fisicamente de seus irmãos e quando Andersen prefere ficar sozinho a ser alvo da zombaria daqueles que se chamavam de amigos por ter um tipo físico diferente, por ser pobre. Mesmo tendo, o patinho, fugido de casa para se ver livre das situações vexatórias que o cercavam, ainda assim continuou sofrendo, porque por onde ia não conseguia se sentir aceito e amado. Já Andersen sai de casa em busca de uma vida melhor, mas durante muitos anos sofre o preconceito por ter um tipo físico esquisito, por ser pobre, por ser mais velho que seus colegas de aula. Sofreu por ser motivo de chacota de seus colegas e pelo desprezo do seu professor.

As situações que levam o patinho a sair de casa e Andersen são diferentes, mas o preconceito vivido por eles é muito semelhante, senão igual.

Estes momentos vividos por eles estão ligados ao que hoje conhecemos por exclusão social, fruto de preconceitos que vão desde as diferenças de cor (as etnias), físicas, mentais, econômicas, criadas pelos próprios homens (espécie humana), que em favor de seus privilégios despreza o outro.

Provavelmente, fruto dessa exclusão social é que o patinho sai em busca de sua identidade e Andersen também. O patinho buscou sua identidade de gênero, isto é queria saber quem era ele, afinal, era um pato, um cisne ou um marreco?

Andersen sai também a procura de sua identidade, mas como pessoa, como cidadão que pertence a uma sociedade, além de buscar sua identidade profissional.

De fato a procura pela identidade foi fundamental para eles, pois com isso eles próprios se reconheceram como pessoas e como cidadãos que merecem respeito e um lugar na sociedade, pois ela, a sociedade, é também, principalmente, feita de diferenças.

A história O Patinho Feio está recheada de situações que oportunizam reflexões importantes para o crescimento interior das crianças.

Hoje e cada vez mais as crianças precisam entender o que se passa ao redor delas, o que acontece e porque algumas pessoas se parecem tão diferentes.

Será que todos somos iguais? Essa é uma pergunta que enseja reflexões importantes acerca do tema as diferenças, porque mesmo que aparentemente pareçamos iguais, somos diferentes uns dos outros. Por exemplo, o modo de vestir, de pensar, de agir muitas vezes é diferente, porque faz parte das nossas convicções, das nossas necessidades, das nossas possibilidades, assim como as tradições e costumes de um povo. Outras vezes a diferença está ligada a um aspecto físico ou mental.

O importante é saber que todos, independentemente de diferenças podemos conviver, mas para isso é preciso entender o que está se passando ao redor, o que está acontecendo, porque acontece. É, na verdade, enxergar o outro para poder respeitar e ser respeitado.

O Patinho Feio é uma história que deve ser trabalhada com as crianças da Educação Infantil, porque ela permite refletir sobre vários assuntos que envolvem respeito às diferenças, a exclusão/inclusão social, a amizade, o amor, além da aceitação da imagem pessoal e confiança em si mesmo.

Além do exposto acima, essa história também ajuda no desenvolvimento de atividades na Educação Infantil, por exemplo: Eu (Eu e meu nome, Minha História, Eu: um ser social), Família, As Profissões, O Tempo (As Estações do Ano) e todas aquelas que a história abrir espaço para serem trabalhadas sempre de forma lúdica e prazerosa. Não podemos esquecer a possibilidade de dramatizar, de desenhar. Trazer o tema ou assuntos abordados para a realidade sempre de acordo com o interesse da criança e seu desenvolvimento, para que o debate, a reflexão seja realmente aproveitada.

Anexo 6 - Questionário

Dados de Identificação

Nome:

Data de nascimento:

Residência (onde mora, meio rural/urbano):

Profissão dos pais:

Profissão da entrevistada:

Profissão:

Trajétoria de Vida - Formação Profissional

Quando criança frequentou a educação infantil?

Gostava de ir à escola?

Do que mais gostava?

A professora contava histórias infantis?

Lembra de alguma? Qual? Por quê?

O que faziam após ouvir a história ou as histórias?

Na sua infância ouvia histórias infantis? Quem lhe contava?

Lembra de alguma delas? Qual ou quais? Por quê?

O que mais chamava atenção ao ouvi-las?

Gostava que lhe repetissem a história?

O que fazia após ouvir a história (desenhava, dramatizava, cantava)?

Como aconteceu a decisão pela profissão (em que momento se deu a decisão pela profissão)?

Quando foi tomada essa decisão? Por quê?

Quando começou a trabalhar na profissão?

Em que série você iniciou sua carreira profissional?

Onde iniciou sua carreira profissional (escola)?

Quantos anos de profissão você (senhora) tem? Sempre em sala de aula?

Educação Infantil

Há quantos anos você (senhora) é ou foi professora na educação infantil?

Na sua opinião a educação infantil é importante para a formação das crianças? Por quê?

Qual a rotina que adota ou adotava?

Qual ou quais dessas atividades considera mais importante para a formação das crianças?

O que você acha sobre contar histórias? Por quê?

Conta ou contava histórias para seus alunos?

Quais histórias?

Que atividades faz ou fazia após contar a história?

Acha que as crianças gostam de ouvir histórias?

Elas pedem para ouvir histórias?

Que histórias elas gostam de ouvir?

Tem alguma delas que as crianças pedem para ser contada?

Elas pedem para recontar determinada história? Qual história?

Elas fazem comentários sobre as histórias?

Gostaria de colocar algo em especial sobre o seu trabalho em relação a contação de histórias?

Anexo 7 - Questionário Coordenadoras

Instituição em que atua:

Formação:

Tempo de atuação como coordenadora do curso de magistério nesta escola:

O que pensa sobre “contação de histórias” como atividade pedagógica?

Este assunto tem merecido discussões na organização de propostas curriculares de sua instituição? Quais os argumentos favoráveis e quais aqueles que consideram “contação de histórias” uma atividade dispensável?

O curso de magistério tem em seu currículo um espaço destinado à contação de histórias? Em caso positivo, onde especificamente?

De que forma este assunto é abordado no curso de magistério?

Que outras considerações gostaria de fazer?